FON FON
ANNO XXV — Nº 35
Rio, 29 de Agosto de 1931
PREÇO: 1$000

Dores nas Cadeiras

As dores agudas como punhaladas nas cadeiras, podem revelar graves Desordens dos Rins!

As dores nas cadeiras ao curvar-se ou mover-se, revelam que existe algum mal no organismo. Provavelmente e começo do Lumbago, Rheumatismo ou Affecções da Bexiga.

Esses males podem ter a sua origem no excesso de bacterias ou venenos que se acham no sangue. Os rins não levam a cabo a sua missão de filtrar as impurezas do sangue e estes venenos a não ser que sejam expulsos do organismo, são arrastados pela circulação do sangue a todas as partes do corpo excitando os nervos sensitivos.

Pontadas agudas e curtas ao levantar-se da cama; tortura ao endireitar o corpo depois de se haver inclinado. Não acredita V.S. que esses symptomas podem ser provocados por desordens dos rins?

E sua vida uma tortura diaria?

É necessario activar os rins assegurando-se do seu bom funccionamento. Para este fim, aconselhamos um curto tratamento com as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Este medicamento fortalece os Rins, limpa as vias urinarias, expellindo, assim, todos os venenos existentes no organismo.

AS PILULAS
DE WITT
PARA OS RINS E A BEXIGA

O Remedio Que Mostra Effeito Em 24 Horas.

AS PILULAS DE WITT PARA OS RINS E A BEXIGA SÃO UM REMEDIO MARAVILHOSO PARA O EXCESSO DE ACIDO URICO NO SANGUE.

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Srs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. M 11),
Caixa do Correio 834. Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome ....

Endereço ....

....

FOSFATINA FALIÈRES

A FARINHA ALIMENTICIA INCOMPARAVEL A QUAL MILHÕES DE CRIANÇAS DEVEM A FORÇA E A SAUDE

FACILITA A DENTIÇÃO
FORTIFICA OS OSSOS
CONVEM A OS ANEMIADOS,
VELHOS, CONVALESCENTES

PHARMACIAS E CASAS DE ALIMENTAÇÃO - PARIS

VALE UMA AMOSTRA GRATIS

Nome ....

Cidade .... Estado ....

Residencia ....

PEDIDOS AO LABORATORIO ASTREA
— CAIXA POSTAL, 2.677 — SÃO PAULO —

Aluga-se uma casa...

De GOMES NETTO

"Aluga-se uma excellente casa, com todo o conforto e requisitos modernos, propria para familia de distincção, á rua Ramo de Oliveira. Tratar pelo telephone 000."

Era assim que o utilitario casal Gonçalo Lampreia, que o "após-guerra" tornára millionario, costumava annunciar os predios destinados á locação. Mais velho que a esposa, a heraldica Helena, uma figurinha de "biscuit", ideada para o gozo espiritual dos fantasistas da imaginação, Gonçalo Lampreia, o abastado atacadista da rua das Dôres, fruia as venturas indiziveis que o dinheiro proporciona aos bem amados da fortuna, e ás vezes, do fundo soturno de seu escriptorio-catacumba, sem ar e reduzida luz, entrincheirado entre paredes de caixas de batatas e fardos de carne secca, punha-se a meditar na banalidade do motivo que o fizera apaixonado da trefega pequena, cuja mocidade estuante e perturbadora formosura tiveram o miraculoso condão de seduzir quantos jovens a conheceram, para desventura de solliloquios sem éco.

Bonito elle não era, senão vulgarissimo, tendo a contrapesal-o, desfavoravelmente, a adiposidade do ventre disforme, e sobretudo — isso é que o fazia cegar de ciumes — a calva indiscreta, reluzentissima, que nos theatros o fazia alvo da mofa das actrizes irreverentes...

Não ha duvida — pensava elle, — era extraordinario o amor de sua mulher, que, intelligente, de educação primorosa — traços moraes que mais lhe aureolavam a belleza excelsa, o preferira a todos os demais candidatos á sua eburnea mão.

E' verdade, tambem, que os seus tentadores milhões não eram coisa que ninguem desprezasse...

Por tudo isso, ou porque não tivesse muita confiança no prestigio absorvente dos milhões, o commendador Lampreia exercia feroz "controle" na vida de sua joven mulher, desconfiado como um Othelo a pique de ser trahido.

Dahi, a sua idéa, original, de annunciar as casas desalugadas, condicionando que o pretendente desconhecido entabolasse qualquer negociação através os fios telephonicos.

* * *

Aconteceu, com essa medida, o que a irresistivel Helena sonhava pudesse vir a se realizar, por simples "snobismo", afim de constatar o estranho sabor do fruto que seu zeloso marido, prudentemente, soubera afastar de seus sentidos, exaltados...

Não fossem, de resto, as mulheres as eleitas da curiosidade.

Esta manhã, deante de sua penteadeira de laca, em "deshabillé", a senhora Lampreia fazia a sua "maquillage", com uma elegancia de attitudes inimitavel, quando o telephone tilintou.

Um presentimento diabolico invadiu-lhe o cerebro, reflectindo-se-lhe no coração, que começava a pulsar com mais violencia.

Quem seria logo pela manhã? E si fosse um apaixonado de seus encantos, para ella anonymo, que se atrevesse a lhe murmurar á concha do ouvido, de uma distancia que não poderia calcular, o que, emfim, para ella permanecia irrevelado?... Esperou um segundo, emocionada, o peito cheio de oppressão, arfante de inquietude, e o telpehone tornou a soar, dessa vez estridente, arrancando-a daquella subitanea galvanização sensorial.

— Allô... prompto...

Uma voz, clarinante como um alvorada azul, rica em sonoridade, inquiriu-lhe:

— E' 000? Quem fala, daqui, excellentissima, é um candidato á casa da rua Ramo de Oliveira...

— Oh! sim, pois não, senhor. — responde ella, toda acerejada, sem atinar por que.

Do outro lado, a voz, mais quente e velludosa, continúa:

— Imagine, minha senhora, que ha longa data procurava um predio, nas condições do seu, com a ansia de quem busca uma affeição gemea...

— Senhor! — contesta a vozinha argentina da senhora Lampreia.

— V. ex., nessa elegante interjeição, acaba de materializar-se ante os meus olhos deslumbrados, como si assistissem á apotheose magnifica do final de uma "féerie" estonteante...

Helena, a custo, reprime um suspiro de triumpho, de alentadora esperança, e responde:

— A casa está ás suas ordens...

— Pois não; que delicioso prazer para mim! A senhora é extremamente captivante; que requinte de espiritualidade! ...

Céos! Seria que ella cedesse á conquista, sem o sentir?!

— Olhe, o seu coração, desde já, póde considerar-se occupado — proseguia o galanteador; — não o destine a mais ninguem!...

— Mas, a casa... Sim, é á rua Ramo de Oliveira, 204; esperal-o-ei, amanhã, depois das 9...

— Então, repita commigo: Junto á cascata...

— ?!!... Junto á cascata...

— No terceiro banco...

— No terceiro banco...

— Sob uma amendoeira...

— Sob uma amendoeira...

* * *

A seductora senhora — seria desnecessario accrescentarmos — não poude, essa noite, conciliar o somno, e os roncos de Lampreia chegaram, pela primeira vez, a incommodál-a.

Ardia de inquietação e seus abysmaes olhos verde-mar não se desviaram dos ponteiros do relogio, á cabeceira da cama, cujo "tic-tic" parecia lhe martellar a consciencia. Como seria elle? Alto, espadaúdo, de linhas esbeltas e gregas? Sim, com certeza era um typo classico, vigoroso, athletico, talhado para a sua juventude incomprehendida, virgem de emoções...

Afinal, Gonçalo Lampreia, pela manhã, beatificamente, se despediu da esposa, osculando-lhe a fronte marfinica, e, meia hora depois, ella

ALUGA-SE UMA CASA... (conclusão)

deixava o seu palacete, mais "charmante" e fascinadora que nunca, rumo ao logar aprazado.

— Junto á cascata, no terceiro banco, sob uma amendoeira — repetia machinalmente emquanto o auto, um "taxi" discreto, rodava desabaladamente.

O sonhador já se encontrava no banco e, mal o vehiculo parou, a alguns metros distantes, elle accorreu, pressuroso, como si fosse um velho amigo da familia, apressando-se em pagar a corrida.

Ella examinou-o, num aplce, e, para dizer a verdade, a figura não a desconcertou, resultando adquirirem tal intimidade, em um quarto de hora, que, enleiados, um no braço do outro, partiram a examinar a casa vazia.

Elle chamava-se Heliodoro e redigia um jornal do interior, estando na cidade, de passeio, á cata de impressões para um romance de costumes hodiernos...

Justamente o homem-chimera que ella anhelára toda a existencia e que, de um momento para outro, se lhe apresentava!

Quando Heliodoro deu volta á fechadura do predio vago, Helena teve impeto de fugir, como, si, num repente de lucidez, medisse as proporções do precipicio aberto a seus pés...

Apenas poude offerecer uma doce, imperceptivel resistencia, que a fazia mais embriagante, esplendida de desejos e ardores, que a humidade dos labios, tomados de louca volupia, não mais sabia dissimular...

O imprevisto foi feito, não ha negar, para os conjuges que peccam sem convicção.

Gonçalo Lampreia já estava na casa erma, a adormecer a careca — sim, era a delle, distinguivel até a um kilometro — no regaço embalante de uma linda rapariga trigueira...

Os quatro estarreceram. Lampreia, entre colerico e envergonhado, quiz precipitar-se á brancura lactea da garganta da mulher, que, boquiaberta, livida como um espectro, ainda teve animo para se justificar:

— Este senhor desejava alugar a nossa casa...

— E'... é... — grunhiu o desgraçado. — Esta moça tambem deseja alugal-a e eu...

A confusão é enorme e inenarravel.

E' visivel a perturbação de todos. Quanto não dariam elles, afinal, para fugir áquelle inferno?

A rapariga trigueira, a mais expedita do grupo, pois a sua desenvoltura era caracteristica, desencantou o silencio, concertando a blusa:

— Não me serve; é muito pequena... Tenho cinco filhos...

Lampreia arregalou os olhos, estupidificado.

Que iria dizer Heliodoro, o gorado conquistador?

O que lhe competia dizer, para sahir daquella situação, já que a casa, para a outra fôra pequena, era achal-a... grande de mais.

E foi assim que os dois indesejaveis á placida vida do casal Gonçalo Lampreia, um ao lado do outro, fingindo desolação e pesar, abandonaram o ninho, orphão de caricias, talvez á procura — quem sabe? — de outra casa vazia...

Em compensação, nunca mais o commendador Lampreia quiz sabêr de alugar casas, e muito menos de annunciál-as.

CARTA SEM DESTINO...

"Norma. — Alguns dias se succederam depois do nosso primeiro e ultimo encontro. A brisa que soprou as palavras que eu te disse, já longe vae. O sol que nos cobriu e nos afagou, em ondas ardentes como o nosso desejo, já se sumiu por detraz das cordilheiras azues como os nossos sonhos e longinquas como a nossa felicidade. Parece que, do nosso amor, ficaram, apenas, as cinzas mornas de uma saudade torturante. Parece que tudo se foi embora. Ficou-me, entretanto, a angustia cruciante de te haver perdido.

O aroma que trescala do teu corpo amado, a brejeirice que brinca nos teus labios rubros e sensuaes, e a borboleta irrequieta que volateia em teus olhos seductores, tudo isso vive dentro de mim como um sonho, uma miragem fugidia e inattingivel.

As noites bellas que correm, placidas e diaphanas, produzem no meu espirito um martyrio terrivel. O somno, — esse companheiro ideal da humanidade, — abandona-me impiedosamente. Corro a ver a lua que derrama sobre o teu corpo mórno como um ninho raios indefinidos. E eu me tomo de inveja e de ciumes por esses raios prateados e frios que te acariciam indifferentemente as fórmas flexuosas e ardentes.

Invade-me uma tristeza profunda ao pensar que as nossas fagueiras esperanças morreram com a mesma brevidade com que fenecem as rosas...

Sinto que a minha alma reclama a maciez da tua voz harmoniosa e doce e o calor do teu corpo tentadoramente moreno, que não possui. E os meus pensamentos revoltam-me contra o meu proposito absurdo de não mais te ver!

O coração que encerra em si os sentimentos mais puros, como os mais hediondos, não se póde conformar com a usurpação do affecto que elle cria. E' o caso do meu! Elle, que te quer como os passaros o azul da amplidão e o viajor cansado a sombra das palmeiras verdes e farfalhantes; elle, que te ama como o mar ás praias que o

Resultado obtido pelo uso das

PILULES ORIENTALES

Bemfazejas - Reconstituintes
(Appr. D.N.S.P. sob o Nº 87 em 20-6-1917)
Exigir o frasco de origem sobre o qual devem figurar o nome e o endereço de
J. RATIÉ, *Pharmaceutico*
45, Rue de l'Echiquier, PARIS

A venda em todas as Pharmacias.

O QUE É PRECISO SABER...

A primeira volta ao mundo

Cabe a Juan Sebastián Elcano a gloria da primeira viagem do homem em redor do mundo.

Esse audaz e intemerato filho do mar veiu á terra nos ultimos dias do anno de 1476. Foram extraordinarias e pittorescas as circumstancias do seu nascimento. Seus paes, Domingos Sebastián Elcano e Catalina del Puerto, eram uns humildes pescadores sem outros meios de subsistencia que os que, á custa de inauditos esforços, arrancavam ao mar.

Como não tivessem filhos, a mulher ajudava o marido nas duras pelejas da pesca, embarcando com elle.

Uma noite, na modesta casa que habitavam no bairro de Guetaria (Guipuzcoa), já no leito, refazendo-se das canseiras do dia, para recomeçal-as no outro, Catalina del Puerto acreditou ouvir, em sonho, uma voz a lhe dizer repetidas vezes, aquellas propheticas palavras do Evangelho: "Era um homem enviado por Deus que se chamava João".

Preoccupada com o sentido daquella phrase, que não sabia como interpretar, pela manhã seguinte se fez ao mar, novamente, em companhia de seu bom marido.

O Cantábrico era uma bahia socegada e tranquilla; brisa suave, vento propicio, que mais que de frio outomno parecia de começo de primavera. Foram longe... muito longe.

A pesca foi mais fecunda que de ordinario. No fundo do pequeno barco agitava-se, já o prateado reçamo de muitos peixes quando, de repente, ella se sentiu atacada pelas dores de um parto proximo. Regressar a Guetaria era questão de horas e o transe não comportava dilações. Dispuzeram-se, então, ambos, a enfrentar o difficil e delicado problema... e alli nasceu o primogenito de Domingos e Catalina.

A mãe, numa associação de idéas entre as palavras ouvidas em sonho e a realidade do momento, baptisou o filho com o nome de João. E o menino nascido no mar, como se cumprisse os designios de um destino mysterioso, teria de viver a maior parte de sua vida no mar e do mar fazer a sua sepultura. Foi o primeiro homem a dar a volta ao mundo.

A esquadra, de que fazia parte Juan Sebastián Elcano, quando levou a termo sua épica e arrojada façanha, compunha-se de cinco náos: "Trindade", "Victoria", "Santiago", "San Antonio" e "Concepción". A primeira, que ostentava a flamula capitanea, pilotada pelo proprio almirante, tinha uma capacidade de 132 toneladas, menos do que conta, actualmente, qualquer barco destinado ao serviço de cabotagem. Das restantes caravellas nenhuma passava de 90 e a tripulação de todas ellas era apenas de 239 homens.

Das proporções daquella jornada memoravel para a navegação e para a Historia, porque havia de constituir a primeira volta ao mundo, plena e verdadeiramente através de todos os continentes e de todos os mares, dá idéa o facto de ter durado tres annos, um mez e oito dias. Como não levassem outro motor que o proprio enthusiasmo, avançavam quando soprava o vento, inflando as velas. As difficuldades com que tiveram de lutar foram enormes, sobrehumanas naquelles tempos. Basta saber-se que das cinco náos e dos 239 homens que as tripulavam só uma das primeiras conseguiu voltar ao refugio do porto de que sahiram e somente 18 dos ultimos volveram ao torrão nativo, onde os choravam como mortos.

De Gilberto Veiga

repellem, não se quer dar por vencido no meio da jornada para a ventura suprema. No seu querer impossivel, chega a idealizar um veneno rude e fulminante, que eu sorvesse na concha nacarada da tua bocca linda, trazendo-lhe a morte mais tentadora que lhe poderia ser dada: os pharoes dos teus olhos como cirios e as tuas mãos macias como crucifixo.

Aos poucos me vou desilludindo de ser feliz...

A felicidade, esse absurdo e suave desejar, essa ansia de alcançar o inattingivel, esse beijo saboroso que não se chega a colher, estou convencido, vive, apenas, no pensamento.

Na esperança de ser feliz, nessa esperança vaga e imprecisa como uma fumaça, eu puz toda a minha alma e todo o meu affecto puro e inconfundivel. E a derrocada dessa esperança foi mais dolorosa do que si houvesse sido uma decepção: a nossa renuncia! A renuncia amarga e covarde do nosso desejo intimo.

Dos teus labios finos as palavras não rolaram aplacando a caudal impetuosa do meu querer incontido: brotaram vocabulos ponderados, forjados no bom senso, repellidos, portanto, de um coração que muito ama.

Perdôa o que te digo. Releva esta verdade rude: maldito seja o momento em que os nossos olhos se embeberam uns nos outros, numa permuta franca de caricias e de ambições secretas!

Não maldigo, porém, o amor que te votei: elle continuará a avivar os meus dias cheios de nevoas e de tristezas, tal como um sol maravilhoso devassando a bruma espessa de uma manhã nevoenta e fria.

Fica-me o consolo de te querer com todo o enthusiasmo da minha mocidade. Isso a ninguem é dado evitar. Nem mesmo a ti!

Quando no teu peito se extinguir a ultima scentelha desse affecto, lembra-te que eu o cultivo com carinho e devotado amor, mesclado, embora, de amargura e de desespero pela recordação do que passou como um ciclone abalando as raizes do meu coração. — Paulo."

LAVOLHO

O Attrahente
Olhar de Uma Creança

Lave os seus olhos duas vezes por dia com o collyrio antiseptico LAVOLHO. É costume tratar da pelle, lavar os dentes, limpar as unhas, mas já alguma vez cuidou antisepticamente * * dos seus olhos? A poeira, olhos vermelhos, olhos doentes, olhos envelhecidos ou mortiços, tudo desapparece. Senhoras ou cavalheiros, lavai vossos olhos com LAVOLHO durante dois, tres, dias e depois— examinae a belleza dos olhos.

S O P H I A

ELLA habitava uma linda cidade, poisada entre bosques e jardins, que, durante o dia, ria, inundada da luz offuscante do sol, e que, nas noites calmas, se envolvia na gaze immaterial dos luares magicos.

Sophia passeava, por todos os recantos da sua terra natal, a elegancia soberba do seu porte olympico. E, por onde passava, deixava, no ar, um perfume, que perturbava e entontecia.

Haveria, de certo, muitos corações jovens que, embriagados por aquelle aroma, pulsavam opressos na ansia de possuir a certeza de que ella lhes dedicava um pouco de affecto...

— Homem, felicito-te! Que terraço estupendo! Daqui tudo se domina, não?
— Tudo, menos esta...

E' que Sophia nunca demonstrára, num olhar ou num gesto, dar preferenia a este ou áquelle.

A todos os moços, com quem convivia, nunca negou a esmola de um olhar ou o clarão de um sorriso.

Dentro do seu coração, porém, occulto como um valioso thesouro que se esconde de olhares profanos, um grande amor germinara.

Essa paixão já lhe empolgára a alma e ella, agora, começava a sentir o pungir, as torturas, que sempre acompanham o amor sincero e leal. Iniciára-se, assim, a odysséa de dores, que havia de martyrizar-lhe o coração...

* * *

Um dia, a familia de Sophia abandonou a cidade e buscou uma aprazivel vivenda, numa linda praia, açoitada pelos ventos que sopram do mar. Aquelle retiro fôra aconselhado menos pelas delicia que proporciona uma temporada de re-

Casa de Saude Dr. Francisco Guimarães

Aristides Lobo, 115 — Telephone 8 - 3957

DIARIAS DESDE 15$000

A. Marrocos de Araújo

pouso do que por um capricho dos paes, que se oppunham ao affecto alimentado pelo coração da trêfega menina.

O ânimo de Sophia, porém, não se abateu. Aquella vivacidade, aquella alegria, tão suas, ella conservava a despeito de viver longe de Romulo.

Nas manhãs luminosas, quando o sol começava a ascender lá no azul do firmamento, ia ella passear pelas praias alvas de areias finissimas, onde as aguas do mar vinham espreguiçar-se, desfazendo-se em espumas...

Somente nas tardes bellas, com o astro-rei circundado de nuvens côr de sangue e prestes a se esconder, tornava-se ella contemplativa, absorta, alheada a tudo, olhando aquelle quadro, que a natureza apresentava á sua admiração...

Nada, porém, se percebia do que se passava no seu espirito. Ella mostrava-se despreoccupada, mas no recesso de sua alma, como num escrinio, guardava aquella paixão, que era o seu thesouro.

Passaram-se dias...

Certa vez, alta noite, naquella vivenda, houve um rumor. Ouviram-se vozes. Sentiu-se falta de uma pessôa.

Uma janella, aberta de par em par, banhava-se na suave luz do luar.

E as pessôas que olharam em direcção do mar lobrigaram, dentro da luminosidade diaphana que se derramava sobre as aguas, um pequeno barco, que fugia... Duas pessôas elle conduzia. E os vultos de Sophia e Romulo perderam-se ao longe...

O empresario — Conseguimos reunir um bom grupo de cincoenta.
O critico — Annos?

JÁ LEU O NOVO ROMANCE

DE FON-FON ?

Adquira, hoje mesmo, um fasciculo dessa grandiosa obra de Michel Zévaco, inedita para o Brasil, intitulada **O FIM DE PARDAILLAN,** *cuja publicação, em fasciculos semanaes, ao preço de 400 réis na Capital e 500 réis nos Estados, se encontra*

Á VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAES

A DANÇA DA PREGUIÇA

CELESTINO Silveira, escriptor e jornalista que tem alcançado brilhantes victorias literarias entre nós, acaba de entregar aos seus editores um novo livro — "Os Intoxicados" — que sahirá por todo o mez de setembro proximo, e ao qual pertence o capitulo inedito que publicamos a seguir.

— MAS senhorita, nos Estados Unidos ninguem mais dança o *charleston*. Passou de moda com as saias compridas e o advento do cinema irradiado. Hoje está sendo recebida com alvoroço, nos cabarets ruidosos de Hollywood, uma nova dança, de muito maior vibração...

— Não diga!

— E como se chama, "seu" William?

— A "slothfulness-dance"...

— Que nome!

— Tem traducção?

— Tem, sim, é a dança da preguiça...

— Que graça, "seu" William! A dança da preguiça... Deve ser um numero!

— Gozado! Esses americanos têm coisas...

— Mas então a "slothfulness-dance" não foi ainda introduzida nos salões cariocas?

— Ainda não, "seu" William!

— E' espantoso... Decididamente, este ha de ser sempre um paiz — bagageiro...

— E a gente já com tanta vontade de conhecêl-a!

— E' muito difficil, "seu" William?

Nessa altura "seu" William compenetrou-se do seu papel de brasileiro que passou dois annos nos Estados Unidos. Não ha, hoje, funcção mais importante que a do homem que viajou os Estados Unidos. Então "seu" William estufou o peito de athleta suburbano, repuxou as mangas da camisa de sêda ás listas bronzeadas — sêda de Broadway! — ageitou com um puxão violento a gola do casaco cortado por um legitimo "tailor" e deitou erudição para o grupinho de pequenas indigenas, que nunca fôram á America e vivem sequiosas de um baile em cabaret, prazer só accessivel, por emquanto, á uma "jeune fille", nos tres dias carnavalescos, quando tem permissão para frequentar o High Life:

— A "slothfulness-dance" tem qualquer coisa de inedito. Executa-se serenamente, como si o par não estivesse muito disposto para a coisa. Tem a cadencia das cantigas adormecedoras para creanças... Pega-se a dama pela cintura, encosta-se a sua cabeça ao nosso peito, levanta-se o busto, e caminha-se... Mais nada! Tudo quanto ha de mais simples e preguiçoso!

— Um colosso!

— E bem baptizada!

— Mas por que não a ensina á gente, "seu" William?

O outro estava mesmo esperando a deixa. A panatrope não se encontrava a dois passos para outra coisa. Mas faltava musica especial e não havia ainda, nas estridentes casas de discos da rua Gonçalves Dias, discos "slothfulness-dance".

— Ora, "seu" William! — choramingou uma das candidatas ao aprendizado, a Clarita de olhos muito verdes e um busto regularmente convidativo para a prova. Ainda si um tango servisse...

— ... só p'ra gente espiar como é! — foi juntando a outra, a priminha Léda, premio de declamação no certame que um jornalzinho do bairro promovêra, e que sabia dizer com muito mais expressão, mais alma, que a propria Bertha, na opinião abalizada dos seus amiguinhos do Posto 4.

— Si assim o ordenam...

Nasceu o alvoroço. Onde estavam os discos? E as agulhas? Que tango escolher? Servia este? Ou era melhor este outro?

"Seu" William, superior, valorizando a permanencia dos dois annos na terra do industrial Ford, sentenciou:

— Qualquer um! Esse mesmo, o "Tonterias"...

Depois a panatrope entrou a fazer barulho. Os sons do tango vadiaram pela saleta, foram passear pela varanda. As pequenas fizeram roda, para não perder um passo, e Baby, que tivera a preferencia, pelo perfil do busto ou a promessa do sorrizinho canalha, cahiu nos braços do mestre, disposta a dormir um somno longo, interminavel, preguiçosissimo no seu hombro bem estofado á custa do alfaiate yankee.

A "slothfulness-dance" foi, então, apresentada em terras de Santa Cruz, como poderia escrever um historiador das plagas lusas.

Que lastima os chronistas mundanos não terem recebido convite! Naquella hora preciosa para os destinos da arte que a mallograda senhora Pawlova tanto elevou, alli, naquelle discréto recanto da residencia do ex-senador Moraes de Vidal, a quem as intemperies de um 24 de outubro fizeram perder o subsidio, alli mesmo, na quietude monastica da rua Gustavo Sampaio, divulgava-se sem preambulos nem apparato a retumbante e fascinadora manifestação choreographica do seculo, destinada a revolucional-o ainda mais que com a agitação bolchevique. E nem um photographo para bater a sua chapa de magnesio fumarento! Nem um Rocha Pombo para mais tarde relatar a verdade desse minuto que marcaria uma éra nova para os destinos do mundo que dá á perna!...

O tango continuava e os olhos ávidos das pequenas, invejosas, cada qual, de não ter sido a escolhida, acompanhavam, sem pestanejar, a ondulação magica daquelles dois corpos muito unidos, formando um unico, em volta á saleta, girando sem esforço, de olhos semi-cerrados, caminhando, caminhando...

— Admiravel!

— Do outro mundo!

— Vae ser uma epidemia peor que a do golfinho, vão vêr!

Mas já "seu" William variava os passos. Agora apressava a cadencia, valendo-se do refrain do tango, e apertava ainda mais o corpo de Baby, que tivéra as primicias da dança da preguiça com "seu" William, chegado fazia uma semana da terra do jazz, da lei secca, do dollar e da virtuosa madame Greta Garbo.

O "clou" estava reservado para o desfecho. Num rodopio imprevisto, "seu" William traçou um circulo em torno á dama, e então foi ella, num gesto galante, que repousou no hombro de Baby a sua perfumada cabeça, roubando-lhe de surpreza um fragoroso beijo na espadua desnudada. Baby teve impetos de escandalizar-se. Estava no seu papel. Chegou a fazer beicinho, mas as outras vieram em defesa do dançarino. Aquillo devia fazer parte da dança da preguiça. Era o sello, a apotheose, via-se logo... E "seu" William confirmava, radiante. Baby teve mesmo de achar graça. Mas a panatrope emmudecera, e, a um só tempo, todas as pequenas cahiram sobre o homem viajado, que fizéra farras com Joan Crawford, bebera wisky com Chevalier num intervallo de studio e dançara o "slothfulness" com Clara Bow — na ansia incontida de não perderem a segunda demonstração pratica...

.. ..

...e estava lançado no Brasil, talvez mesmo em todo o continente, a dança que havia conquistado o seu Itararé nos restaurantes nocturnos newyorquinos!

* * *

Quando "seu" William, dois annos antes, embarcára num mo-

Por Celestino Silveira

desto vapor do Lloyd, com a mensalidade paterna de conto e quinhentos — uns escassos duzentos dollaers ao favoravel cambio da época — para estudar engenharia num "college" de qualidade, não era ainda William. Chamava-se então Antonio. Nome incapaz de provocar o triumpho e o bom exito de qualquer brasileiro que palmilha a Fifth Avenue. Imagine-se: Antonio Guilherme de Oliveira Bastos! Tudo quanto podia haver de mais prosaico. Oliveira do lado materno. Bastos da familia portugueza Conceição Bastos, de Oliveira de Frades. O pae fizéra fortuna em Belem do Pará, administrando propriedade de patricios que nunca as haviam conhecido, por jamais terem arribado de Oliveira de Frades e as terem herdado de velhos emigrantes que em Belem haviam desembarcado aos bons tempos do Senhor dom João Sexto. Antonio seguira, resolvido a estudar de verdade, aproveitando bem o conto e quinhentos, mais as recommendações do velhote: "Juizo! Muito juizo, meu rapaz!" Do contrario a mesada seria suspensa, e então... Ha tanto brasileiro enxugando pratos nas cozinhas de restaurantes norte-americanos!

Lá chegando, Antonio Guilherme de Oliveira Bastos fez tudo, menos precisamente obedecer ás recommendações do commendador luso-paraense. Questão de temperamento refractario a seguir ordens. A culpa não era delle, portanto, e sim do temperamento. Não lhe sobrára tempo para os estudos, porque as "girls" do Ziegfiied não o permittiam. Nem mesmo bastou para crear juizo. Em compensação, ganhára traquejo mundano. Privára com as figurantes dos studios, que aqui seriam *estrellas* famosas, e gastára sempre pontualmente os duzentos dollares, contrahindo dividas nem sempre resgatadas.

Agora, sem diploma de engenheiro mas conhecedor de toda a engenharia do amor americano, aqui estava de volta, de passagem para o provinciano Belem, onde teria de convencer o commendador da necessidade de uma nova viagem dentro de seis mezes, para reatar os estudos. Isto, era claro, si o commendador estivesse pela coisa, pois naquelles dois annos o correspondente por vezes lhe enviára noticias pouco abonadoras á conducta do Antonio, e dahi a resolução de chamal-o para investigações. Mas Antonio possuia labia. Em portuguez e inglez. Tapearia convenientemente o velho, e a velhota lá estava para a competente defesa que todas as mães fazem dos filhos que não tiveram tempo para estudar.

A que proposito, então, Antonio Guilherme de Oliveira Bastos passára a ser chamado, pelas pequenas de Copacabana, "seu" William?

Requintes de civilização. O ladino estudante nortista sabia que Antonio nunca poderia cathechizar o coração bororó das brasileirinhas sonhadoras. Era preciso americanizar o nome, a exemplo do que fizéra com o espirito e o guarda-roupa. Rebuscára na galeria dos *astros* em evidencia o que mais o seduzisse. Nenhum agradou. Teve, então, aquella feliz idéa: traduzir o proprio nome. Antonio não merecia essa honra. Não desanimou: talvez para lhe facilitar a tarefa o pae lhe havia dado dois appellidos: Antonio-Guilherme, em homenagem posthuma aos avós lusitanos de ambos os troncos de familia. Estava resolvido o problema. Antonio passaria a ser, para todos os effeitos, William. Magnifico. Guilherme em inglez. Era absolutamente *gentleman*. As garotas haviam de gostar.

Si gostaram! Tanto que o rapaz fez cartões de visita em relêvo: William O. Bastos.

E os tumulos seculares do humilde cemiterio de Oliveira de Frades não protestaram nem ergueram para o azul dos céos justiceiros os longos braços dos cyprestes funambulescos...

* * *

As demonstrações praticas, illustradas com o osculo final, da já allucinante dança, fôram interrompidas com o regresso dos irmãos de Baby, que haviam passado a tarde na praia, aproveitando o *footing* e o banho. Os velhos — o desthronado senador Moraes de Vidal e a inoffensiva matrona Vicentina, de vastas banhas e uma asthma impertinente — haviam subido na vespera para o "bungalow" vizinho ao Piabanha. Não se tratava de veraneio e sim da necessidade premente de liquidar por qualquer preço o "bungalow, attendando ás difficuldades do momento. Ah, aquella revolução, aquella revolução! Que reviravolta! Nem a vivenda petropolitana escapava... E tudo para quê? Para o que ahi estava? Bôa droga! O cambio a três, greves continuas, fallencias, um inferno. Não era aquella, decerto, a revolução dos sonhos do senador... Mas restava a esperança dourada de quando se permittisse o regresso á constituição. Ahi voltariam tambem as eleições, e para que serviam os cabos eleitoraes, com uma folha de serviços inestimaveis em tantas eleições anteriores? Ou isso ou uma nova revolução. Mas até lá era esperar, supportando aquelles embaraços economicos e desfazendo-se de tudo...

Por isso, a vivenda do Leme ficára entregue ás creanças. Ao Paulito, ao Pancho e á Baby, que a bem dizer nenhum merecia o diploma infantil, pois a caçula já havia batido á porta da segunda dezena, embora sem ter encontrado quem mergulhasse scismadoramente os olhos nos seus dois olhos pardos e no seu coração, que ansiava pela vinda do principe encantado, mesmo sem ser o de Galles, contentando-se com um principado sem corôa, principe de *football* ou bacharel sem diploma... Os irmãos só agora começavam a conhecer a necessidade de fazer qualquer coisa. Tudo consequencias desses desastrado movimento politico; do contrario continuariam "naquella aguinha" de bem vestir, melhor dormir e passar as noitadas do Lamas para as pensões chics e do Fluminense para os cinemas do quarteirão Serrador, onde vão as "bôas".

— Que bagunça é essa, negrada? — foi dizendo Paulito, desembaraçando-se do roupão de banho, mais comprido e folgado que os anteriormente usados, por exigencia — já se vira maior disparate? — do chefe de policia.

— Vocês nem sabem! "Seu" William tem nos feito passar umas horas da pontinha...

E Pancho que já voltava do banheiro:

— Não sei de que maneira pode um zinho só proporcionar tanta alegria a quatro pequenas bonitas...

— Ah, meu irmão — replicou Baby — você precisa já, já, aprender a dançar a...

E para William, que escolhia um disco, bancando o indifferente:

— Como se chama mesmo "seu" William?

O ex-Antonio de Belem satisfez-lhe o pedido.

— Que bicho é esse? — atalhou Pancho, não muito versado nem mesmo em seu proprio idioma.

E Baby, os olhos cheios de luz, a boquinha rubra pedindo novos finaes, da dança deliciosa:

— A dança da preguiça... E' formidavel! Vocês nem sabem!

Os filhos do ex-senador não sabiam, mas manifestaram vontade de aprender, quanto antes. Para esses estudos mostravam sempre

(*Continúa na pag. seguinte*)

(Continuação) **A DANÇA DA PREGUIÇA**

um admiravel poder de apprehensão. De resto, os jovens contemporaneos do radio e do telephone sem fio mostram excellente tendencia para a facil aprendizagem de qualquer novidade dançante. Melhor talvez que a aprendizagem de uma utilidade intellectual. Convenhamos que as novidades de Terpsychore são bem mais faceis de aprender que em outros tempos. Devem surgir na razão directa do poder de aprehensão dos jovens em cada nova geração.

De qualquer maneira, a verdade está em dizer-se que, um quarto de hora decorrido, a saleta era insufficiente para agazalhar todos os pares. William dava franca preferencia a Baby, fôsse pela maciez de suas espaduas ou porque lhe quizésse ministrar lições mais detalhadas. Pancho revezava-se com Léda e Clarita, mas guardava particulares razões para protelar a irmã, emquanto Paulito satisfazia aos furores dançantes de Raquel, uma deliciosa morena de quinze annos incompletos e uma noção da vida pratica mais que completa.

Os discos succediam-se. Em pouco, os tangos estavam esgotados e a collecção mostrava-se incapaz de saciar a febre dançante de subito irrompida na residencia do ex-senador nortista. Então, o epilogo do "slotufulness" encheu as medidas de todos os pares, e dir-se-ia que o beijo final fôsse a razão unica do successo da nova dança americana. Talvez fôsse melhor repetir sempre o epilogo, desprezando os passos que a elle o conduziam. As horas passavam inconscientes, e quem pudesse assistir, sem antecipada explicação, ao desfile adormecedor dos pares muito juntos, a cabeça das damas collada ao hombro dos cavalheiros, os olhos cerrados, os braços contrahindo ao peito o peito do seu par, talvez concluisse precipitadamente que um collapso houvesse dominado aquella bôa gente. Mas não era collapso. Era a dança da preguiça.

* * *

— Sabe que você tem uma facilidade extraordinaria para aprender danças modernas? Você nasceu para grandes revelações de arte...

William repetia as banalidades que um salão não prescinde, ao ouvido rosado de Baby. Ella pendurou-se mais ainda no seu hombro forte.

— Você acha? Não será lisonja?

— Por Deus! A gente só lisonjeia quando não póde ser sincero. E você faz jús a todo um poema de louveres... Você é unica, dançando...

Baby quiz ser espirituosa:

— Só dançando?

Mas o dançarino não perdeu a linha:

— ... porque, quando você não dança, não é unica — é divina!

— A quantas você já não disse o mesmo, hein?

Era a resposta chapa, incolor, de toda a menina pobre de espirito ao ouvir o galanteio mentiroso. Mas ao dal-a, sempre agarrada a William, disse-lhe muito mais coisas com os olhos, com o arfar do peito, com o contacto directo de todo seu corpinho fresco, madrugador.

A musica entontecia todas aquellas cabeças moças, despreoccupadas, vazias mais ainda que a de um politico profissional. William sentiu que a pequena "rendia". Mas... seria mesmo "do amor"? Aquelle abandono em seus braços não passaria de um enlevo natural, ingenuo? Era necessario tirar a prova. E soltou o anzol:

— Si você quizesse...

Parou em meio da phrase aguardando o effeito. Baby esperou-lhe o fim, que não veiu.

— Si eu quizesse, o quê?

— Não vale a pena.

— Acha?

— Que estás lendo no jornal?
— Quero saber a quanto monta a quantia que roubámos hontem. Não estou disposto a contar o dinheiro.

— Estou procurando.

— E não posso saber por que não vale a pena dizer o resto?

— Porque... me esquecia estar no Brasil. A força do habito, dois annos lá por fóra, em outros meios, sem certas convenções tolas...

Que seria? A curiosidade roeu o cerebrosinho acanhado da filha do ex-senador Moraes de Vidal. Arriscou:

— Comprehendo! Pensa estar lidando com uma caipirinha...

William esperava a resposta:

— Por Deus! Não seja injusta!

— Então por que não diz logo?

— Permitte?

— Não permitto: exijo.

O disco ia terminar. Era preciso aproveitar-lhe a seducção da musica, o enlevo:

— Pois então escute: Si você quizesse aperfeiçoar alguns passos em outras variações que eu aprendi na America, podia ensinar-lhe.

A pequena fingiu não ter alcançado:

— Era tudo?

Não, não era tudo. O principal é que elle não devia dar-lhe as lições alli, pois então teria de ensinal-as ás outras e não estava para isso. Depois seria muito mais proveitoso Baby aperfeiçoar-se em segredo. Um dia, quando estivesse bem afiada, revelaria então os seus progressos, e ficaria sendo o par official, consagrador de William, em todas as reuniões elegantes... Que tal achava? Um colosso, uma "bôa bola" para cima das outras, pois não era?

O golpe fôra bem lançado. Baby enthusiasmou-se sem penetrar as intenções reaes do rapaz, ou talvez penetrando-as:

— E... onde?

William tinha o lugar já escolhido. Em casa de toda a confiança, a casa de um seu amigo, na rua Benjamin Constant. Recanto isolado, adoravel... O amigo estava em viagem. Uma electrola ultimo modelo. Discos do outro mundo...

— E depois...

— E depois?

— ... depois você verá o resto!

Ella fez não ter mesmo comprehendido. No intimo adivinhára tudo. De relance, examinou a situação. Devia acceitar? Seria imprudente, talvez. Mas por que recusar? Que podia acontecer? Possuia confiança em si mesma. Uma mulher moderna não póde duvidar das proprias forças. Quando um não quer... Que mal havia, portanto? Depois, a companhia não era indesejavel. William constituia

A DANÇA DA PREGUIÇA (Conclusão)

a nota ultra-elegante. Todos os rapazes o invejavam. Appellidavam-no o "maricas". Despeito. Quem lhes déra, a qualquer delles, o seu prestigio! Dois annos nos Estados Unidos, relacionando-se com o mundo visionario do cinema... privando com essas creaturas phantasticas que de tão espirituaes dão á gente a impressão de serem mesmo irreaes... Por que fugir-lhe? Que outra amiga sua recusaria? Ah, si ellas soubessem! Haviam de morder-se de inveja... E fôra ella justamente ella a preferida, em meio de tantas! Recusar o convite? Não vê...

Foi quando já o disco silenciára, encaminhando-se para a varanda, que ella concordou.

— Mas quando? Onde nos encontraremos?

— Amanhã mesmo. Quanto antes. A's cinco, na porta do Odeon. Levo-a no meu carro — aquelle que eu comprei directamente na fabrica... E' todo fechado.

— A's cinco. Combinado.

— E biquinho calado... Não seja indiscreta...

A recommendação era prescindivel. Baby não contaria mesmo...

* * *

E' ainda mais facil derrubar os preconceitos de uma mulher bonita que derrubar um governo constituido ou o adversario numa inoffensiva peleja de tennis ou golfinho.

* * *

— E si fizessemos servir um aperitivo? — lembrou Pancho, não podendo comparecer ao Lamas em virtude da festinha improvisada.

— Você é sensacional! — retrucou William. Em Nova-York teriamos de lançar mão dos frasquinhos de algibeira, mas aqui...

A idéa foi approvada por unanimidade. Com enthusiasmo não inferior ao dos rapazes, as pequenas adheriram. Um bar foi improvisado, na cópa, com as garrafas do cavallo branco, do gin, do francez italiano, gelo e uma collecção de calices ainda não sacrificados por exigencias da situação.

O enthusiasmo redobrou. Um aperitivo abre o appetite de outro aperitivo. O segundo abre a porta para todos os que se pretendam ingerir... E deus-alcool recebeu o culto da mocidade alegre. O gin intensificou a fébre de alguns gráos. Os beijos do epilogo passaram a ser dados com maior côr local. O vermouth serviu para lembrar a William que um brasileiro, tendo visitado os grandes *cabarets* americanos, aprende a beber com displicencia. O wisky provocou nas cabecinhas louras e negras das pequenas o effeito de um reconfortante premio de amôr.

E o "slothfulness-dance" alcançou, então, a sua suprema gloria, a gloria da apotheose louca, tocada pelo filete magico que só a mocidade, em sua omnipotencia ephemera, sabe provocar...

. . . .

Aquella mesma hora, num humilde barracão do Morro do Kerozene, formava-se uma roda de samba sem dança da preguiça mas com a indolencia nativa do negro, sem wisky mas com o poder sobrenatural da cachaça, sem panatrope mas ao som mystico do pandeiro e da lata velha.

Era a hora do crepusculo dos deuses que vivem, que amam — e que dançam o cancan macabro da propria humanidade.

Que lindas carinhas!...

(*Estrellas: E. Barrado, Imperio Argentina e Rosita Diez*).

O segredo para possuir uma cutis lisa, uniforme e attractiva, revelado por uma doutora de belleza.

Eis o conselho da Doutora Leguy, para as mulheres que desejam manter a belleza do rosto.

1.º) — *A noite faça uma massagem branda com o creme Rugol para remover a terra, o sujo, as secreções e o suor que se accumulam durante o dia, esfregando depois com uma toalha secca para limpar bem.*

2.º) — *Ao levantar-se pela manhã lave o rosto com agua quente e termine enxaguando-o com agua fria. Depois passe o creme Rugol tirando o excesso com uma toalha e applique o pó de arroz. O collo tambem deve ser cuidado do mesmo modo. Não se esqueça.*

NOTA — *Este tratamento deve constituir um habito diario, incessante e não de semanas apenas. No culto á belleza, reside a força da mulher.*

Á HORA EM QUE O PASSADO, COMO FLOR DE SAUDADE

"No turbilhão da vida quotidiana
ha sempre um rosto occulto de mulher...
Ha, no tumulto da existencia humana,
alguem que a gente quiz e ainda quer"...

Passas sempre por mim indifferente. A's vezes, atrozmente indifferente. Outrora, os teus lindos olhos negros, ao avistar-me, rebrilhavam. Hoje, porém, ficam calmos, dormentemente calmos. No emtanto, vê que estranha ironia ou bondade do meu espirito: não chego a desprezar-te. Muito ao contrario, quero-te mais assim... Apenas lamentando, ou melhor, lastimando ter que confessar, ainda uma vez, que continúas a mesma capríchosa irreverente, a possuir a mesma alma insensivel e até futil das demais, daquellas que desprezo... Que desprezo, porque de ti me ficou um extase tão delicioso, uma embriaguez tão bôa, uns restos de alegria tão sentida, uns trapos de felicidade tão lembrada, que nenhuma dellas conseguiu, nem conseguirá dissipar, talvez...

Passas sempre por mim indifferente. E não só: dizem que não lês os meus versos — tristes versos que faço pensando em ti — e o que escrevo para os teus lindos olhos negros, e, quando alguma das tuas amigas pergunta por mim, ou algo sobre mim, tu nada respondes, mostrando tudo ignorar, ou, si respondes é com os versos de outro poeta:

"Si delle me esqueci, por que inda indagas?!
Por que vens relembrar coisas vividas?!
Por que buscarem, em longinquas plagas,
sonhos extinctos, illusões perdidas?

Por Deus, por nosso bem, ouves, não tragas
para o meu coração novas feridas..."

O teu indifferentismo não me magôa, nem me irrita. Sonhámos muito, e fomos quasi felizes. E porque sonhámos, e porque fomos quasi felizes, o sonho e a visão entrevista da felicidade exaltou-nos tanto, e inundou-nos de tanta alegria e ventura, que eu te nunca poderei ser indifferente, e, creio, indifferente me não poderás ser, nunca...

A VOZ DE DEUS

QUADRO UNICO

ALCOVA elegante, frouxamente illuminada pela lampada vermelha de um quebra-luz, que descansa sobre o criado mudo.

Marilia, o rosto, de um moreno-claro, emmoldurado na cabelleira preta e basta, dorme, tranquilla, no confortavel leito. Ao lado deste está um pequenino berço, dentro do qual sonha um recem-nascido.

Madrugada. Pela vidraça da janella, unica do aposento, vê-se a primeira claridade annunciadora do dia.

Abre-se, ás surdas, a porta do quarto. Entra Lucio, o esposo de Marilia. Avança, de mansinho, até junto á cama. Estaca silencioso. Fita, de longada, a mulher. Em uma das mãos tem amarrotado um papel; na outra traz um revolver, de cabo de madrepérola. Lê-se-lhe na physionomia contrahida um mixto de dôr e odio.

MONOLOGO DE LUCIO

— Dorme.

(Pausa)

(Admirativo) — Que bella que é! *(Numa contracção nervosa)* E quem diria! Quem diria que em tão lindo corpo habita a alma cancerosa de uma adultera!

(Silencio)

(Os olhos cheios de odio vão, a pouco e pouco, perdendo o brilho metallico. Ha na voz, agora, um soluço suspenso) — Marilia, por que me trahiste? Por que? Não sabias, acaso, que eu te amava muito? E crucificaste-me! E anniquillaste-me!

(Um momento de angustioso silencio)

— Como é inconstante a vida. Poucas horas ha que eu me considerava o mais feliz dos homens. Troavam, no meu coração em festa, os clarins estridentes da alegria. Era pae. *(Com uncção)* Pae! Pae! Só quem viveu

QUE SE NÃO DESPETALA. REVIÇA NA MEMORIA...

Para mim, o teu indifferentismo é uma das tuas muitas maneiras de me distinguir. Pois que eu sempre te conheci assim: afastando-te sempre e sempre te destacando da vulgaridade...

O que tu fazes, tambem me não humilha, não me acabrunha, porque o fazes pelo prazer satanico de me confortar com a tua discreção...

E não fôra isso, eu, quasi todas as tardes, não iria esperar a tua passagem — que sempre deixa o perfume da tua belleza e a saudade do teu perfume — para ver-me nos teus grandes olhos negros, para ficar com o teu lindo rosto moreno na retina, embora murmurando, entre os dentes, meio triste, meio philosophicamente, o delicioso soneto de Guilherme de Almeida, o mais suave e o mais terno dos poetas lyricos contemporaneos:

"Hoje voltas-me o rosto, si a teu lado
passo; e eu baixo os meus olhos si te avisto...
E assim fazemos, como si com isto
pudessemos varrer nosso passado...

Passo, esquecido de te olhar — coitado!
Vaes — coitada! — esquecida de que existo:
como si nunca tu me houvesses visto,
como si sempre não te houvesse amado!...

Si ás vezes, sem querer, nos entrevemos;
si, quando passo, teu olhar me alcança,
si, os meus olhos te alcançam, quando vaes,

— ah! só Deus sabe e só nós dois sabemos! —
volta-nos sempre a pallida lembrança,
daquelles tempos que não voltam mais!..."

Este final é que, talvez, não seja verdadeiro. Verdadeiro porque, "nada se acaba de vez: basta um bocado de felicidade para novamente tudo recomeçar"... E nessa illusão tenho vivido, e, ai de mim! si um dia, meu grande amor, ella se dissipar!...

Stenio de Sá.

Por José Maria Senna

annos aguardando, ansiosamente, a realização desse sonho póde aquilatar o que de musical encerra esta palavra tão breve: Pae! E' um deslumbramento.

(Commovido, approxima-se do berço)

— E depois...

(Crispam-se-lhe as mãos. Os olhos, de azues, tornam-se cinzentos)

— Depois... Um miseravel papel... E o dilemma cruel, torturante: E' meu ou é filho do outro! *(Afastando-se do berço)* Que escarneo! Deitei-me com a felicidade e, ao despertar, abraçava a dôr!

(Pausa)

(Ziguezaguêa-lhe no olhar um raio de esperança)

— E si a informação não passasse de uma infamia. *(Com desalento)* Mesmo que fosse... A duvida cravou-se-me fundo. Arrancál-a do coração, como se arranca do corpo estertorante a lamina do punhal, é impossivel!

(Marilia, adormecida, sorri) — Sonha, naturalmente, com o outro. E' o teu derradeiro sonho, Marilia! *(Apontando a arma á cabeça da joven mãe)* Vieste do nada; ao nada tornarás. Até já! Lá irei ter comtigo!

O SINO

Lauro firma o dedo no gatilho. A bala vae partir. De repente, lá fóra, quebrando a paz da natureza mal desperta, plange um sino a compasso. Lauro estremece, violentamente, como si acordasse de repelão.

Lança um olhar desvairado em torno. E, pé atraz pé, recúa até a porta, por onde desapparece.

E, lá fóra, tange tristemente, pausadamente, a voz do bronze, lembrando aos mortaes que se não esqueçam de Deus.

CORTINA

PAULISTA (S. Paulo) — Para começar, devo dizer que não creio, seja v. ex. filha de S. Paulo. Não é possivel que a terra dos bandeirantes dê uma creatura que tenha o mau gosto de usar gyria e expender idéas estreitas etc.

Mas vamos á sua carta decisiva e *tranchante*.

Eil-a, sem lhe alterar o texto:

"Yves. Acabo de lêr "Cocaina" de Pitigrilli e extranhei... Sim, admirou-me muito que você aconselhe tuas amiguinhas do S. todos a lêr Pitigrilli, A. Insua, Eça de Queiroz e tantos outros autores que fallando verdade acho não deva ser lido por moças.

Você desdenha de quem lê Delly — Ardel — mas não creio que sejas sincero; si eu tivesse uma irmãzinha a quem quizéra muito nunca haveria de permittir lhe lêr d'essa especie de livros. E você teria coragem de leval-os, para a tua? Estou a espera de "Uma garçonne carioca" si fôr como Suave enlevo (dito entre parenthesis um encanto de que muito gostei) bem, mas si fôr como "La Garçonne" de Margueritte faria bem, muito bem em não publical-o.

A realidade já é tão feia nesta vida para que vocês escriptores expôl-a assim aos olhos de quem talvez ainda tenha illusões sobre ella?

Gosto dos escriptores nacionaes mas ha um mal que deploro; a maioria de seus livros é como muita fita americana: "imprópria para menores" e a gente quando acaba de lêl-os sente tanta tristeza ao vêr tanta intelligencia e imaginação mal empregadas...

Eu sei que você vae dar uma sonora gargalhada e que esta vai direitinho para o cesto, mas sabe de uma coisa? não pude me conter tão enojada fiquei com Cocaina. Não estrille e aperte a mão de uma amiguinha — *Paulista*."

Resposta:

A) — A sua accusação é um tanto leviana.

B) — Porque não se ampara na verdade. Duvido que v. ex. me prove, quando e onde foi que indiquei livros de Pitigrilli ás minhas leitoras.

C) — Não os indiquei, porque tomei a deliberação de não aconselhar livros, senão a pessôas conhecidas, cuja cultura conheço sufficientemente. Isso mesmo não faço por este questionario. Justamente para evitar aborrecimentos e recriminações de tal ordem.

Mas, si por acaso, commetti o erro — o que não acredito — que me attribúe, sem duvida, eu o fiz na melhor das intenções... Quer dizer, si indiquei livros de Pitigrilli foi, certamente, a moça de espirito superior, de illustração comprovada, dessas que seguem o conceito de Oscar Wilde: "Não ha livros immoraes, ha livros bons ou mal feitos". Moças de idéas largas, de mentalidade forte, de concepções amplas, modernas, por excellencia, com uma visão dilatada, liberal, segura e perfeita dos altos problemas sociaes, nos quaes não se accommodam pudores refalsados, nem attitudes hypocritas de moralismos zarôlhos... Moças que, afinal, receberam uma educação aprimorada, completa, a qual lhes abriu todos os horizontes da vida, e escancarou as portas dos amphitheatros da sciencia, dos cursos de anatomia, dos museus, dos laboratorios, e as paginas dos tratados de hygiene, de medicina legal, de arte, de literatura... Moças intelligentes, numa palavra. Portanto, v. ex. pode, desde dá, se subtrair a essa categoria, perdoar-me a possivel offensa, ou o possivel erro que tenha commettido ao incluil-a naquelle rol seleccionado.

Quanto ao meu romance "Uma garçonne carioca", a apparecer brevemente, devo dizer apenas: sem todos os leitores, eu não passo; mas sem uma duzia delles — desses que lêem como quem come a fruta e as cascas — eu vou vivendo muito bem...

PELLICULA

...o perigo para os dentes

V. S. póde sentir a pellicula, ao tocal-a com a lingua — uma camada viscosa e escorregadia. Os germens n'ella se multiplicam aos milhões e são elles, alliados ao tartaro, que constituem a causa principal da pyorrhéa.

Para remover a pellicula por completo, os dentistas recommendam Pepsodent, o qual é tão macio que é até aconselhado para limpar os tenros dentes infantis.

Compre o Pepsodent em qualquer boa casa.

Pepsodent

O Dentifricio especial para a remoção da pellicula
Aprovado pelo D.N.S.P. Rio de Janeiro
10 de Maio de 1934, sob o No. 2620

Saibam

BARÃO DE ITAPETININGA (?) — Como barão, o sr. é um excellente... fidalgo; mas como fidalgo, o sr. não é um excellente poeta...

Si o sr. pudesse completar as personalidades, realizaria um milagre de nobiliarchia e de poetica.

Resta-lhe, porém, um titulo valioso: o senhor é e será sempre o "poeta Itapetininga". Ah, isso ninguem lhe rouba. E' um direito que lhe assiste, e sagrado.

Como "poeta Itapetininga", o sr. é menos que barão. E' bem claro. Mas é poeta, é o que se quer. E "seresteiro", accrescente-se.

Como "seresteiro", o sr. denota saber tocar violão. E isso é uma delicia, para quem se dá a serenatas, como a que narra no seu famigerado soneto.

Imagino o orgulho com que o sr. fére as cordas do "pinho", e abre a garganta — de ouro certamente — a cantar a sua bella Florisbella, que só não chega á janella, porque quebrou a costella!

Mas não desejo que as leitoras bonitas do "Saibam Todos" percam a "joia" do seu "maravilhoso" soneto.

Lá vae elle, amigo Barão de Itapetininga, seresteiro emerito e fidalgo de largos e solidos costados...

SERENATA

— A noite está tão quente, minha [amiga,
Vem junto a mim, ao pé do jasmineiro,
E ao sorver seu perfume assim [fagueiro,
Verás como está linda... enluarada...

Anda, querida, assoma na fachada
P'ra tu veres que ha em tudo um [verdadeiro
Misterio de qualquer um feiticeiro,
Ou de algum paraiso, ou de uma [fada...

Espera-te tambem o meu violão
Que não querendo mais paisagem [morta
Chama-te p'ra reaver a inspiração.

Corre, meu bem, ha quanto não te [vejo
Abre-me já, depressa, a tua porta
Que eu anceio com a falta de teu [beijo

O OPTIMISTA

DE JORGE VILLA

OPTIMISMO é a arte de considerar os acontecimentos exclusivamente sob uma face propicia aos interesses do individuo.

Espero que tal definição satisfaça aos leitores. Em caso contrario podem manifestál-o sem euphemismos e se mudará por outra. Aqui não se engana a ninguem!

Bem conhecido é o caso dos dois avicultores que andavam pelo caminho carregando, cada qual, um cesto cheio de ovos. Tropeçou o primeiro, deu com o corpo no chão, e, tendo-se perdido a mercadoria em consequencia da quéda, foi obrigado a escutar as lamentações do companheiro pessimista:

— Que pena! Si eu levasse os dois cestos, estavamos livres da perda.

Mas o do accidente, optimista acérrimo, não se deixou vencer pelo desanimo, e exclamou:

— Felizmente, levavas a metade, pois, do contrario, tinhamos feito mal negocio!

Em identicas circumstancias, Celedonio Gilote teria respondido exactamente assim, porque, si existem no mundo optimistas, o facto alludido pertence por direito á collectividade. Em quantos factos contribuiram para cimentar sua fama de infortunado, soube elle, pelo contrario, dar provas indubitaveis de uma sorte pouco commum.

Assim, por exemplo, emquanto parentes e amigos lamentavam a morte da mãe de Celedonio por occasião de chegada ao mundo, o interessado discordava em absoluto da opinião geral, segundo manifestou aos sete annos de idade quando esteve atacado de sarampo:

— Que sorte teve mamãe morrendo! — affirmou. — Porque, si estivesse viva, como não soffreria agora vendo-me doente! Tão bôa que era a pobre!

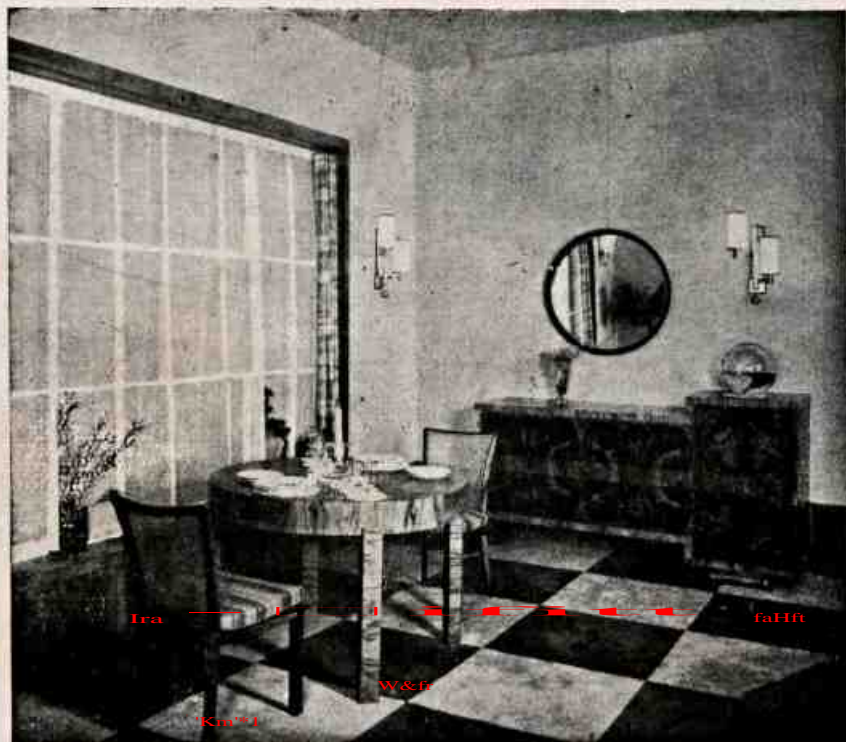
No emtanto, esse rasgo é insignificante comparado com outro posterior, que se evidenciou dez annos depois, quando cortou os dedos com uma machina de cortar fiambre:

— Sou mesmo um typo de sorte! — commentou. — Só assim eu me livraria do sorteio militar.

Um lustro depois, emquanto os amigos o lamentavam sinceramente ao saber que uma de suas aventuras amorosas estava na imminencia de ter consequencias fataes, repelliu nossa compaixão, por desnecessaria.

— Não podia occorrer nada melhor — assegurou. — Para falar a verdade, já começava a cansar-me a vida desordenada e só o habito me impedia de deixál-a. Agora, graças a tão feliz incidente e ás ameaças do pae de Pura, conhecerei as vantagens do lar e as doçuras do casamento.

Dentro de poucos me-

(*Cont. na pag. seguinte*)

Mobiliarios - Tapeçarias - Decorações

as mais modernas creações

FACILITAMOS O PAGAMENTO, SEM AUGMENTO DE PREÇO

65 — RUA DA CARIOCA — 67 — RIO

IDÉAS SEM JUIZO...

ENTREGA uma flôr e uma bolsa a uma mulher: ella cheira a flôr e guarda a bolsa...

* * *

Dá-se o nome de *individuo* a um sujeito que não tem conta corrente no banco...

* * *

O pó é nada; o vento, tambem. A mulher não é pó nem é vento: é nada...

* * *

O desespero é uma alegria contrariada. A alegria é um desespero que tirou a sorte grande...

* * *

Para um bom entendedor meia palavra basta: para a mulher uma phrase é pouco...

E' melhor não ter nada do que ter um amigo filante...

* * *

Denomina-se *face* o rosto de mulher rica. Uma mulher pobre não tem face: tem cara...

* * *

A treva é uma luz que ficou cega...

* * *

Ser doido é meio caminho andado para ir ao hospicio...

* * *

A verdade é uma coisa que não se diz: sopra-se. A verdade e o vento foram feitos para metter médo ás mulheres...

* * *

A desillusão é uma illusão que acordou...

O carvão é uma braza que foi á Africa...

* * *

O espelho é mais sincero do que a vida: mostra realmente o que somos, mas, nunca o que dizemos ser...

* * *

A illusão consiste em o sujeito estar com a cabeça no inferno e o pensamento no céo...

* * *

Entre um taxi e uma idéa, a mulher toma o taxi e deixa a idéa... Mas, ás vezes o taxi *enguiça*, e ella tem que pedir uma idéa emprestada...

* * *

No cinema, quando falta a luz, sobra muita patifaria...

EDWALDO CALMON

O OPTIMISTA

(Conclusão)

ses, ao descobrir que isso de descendencia não passava de um falso alarma, declarou, cheio de contentamento:

— Os filhos constituem uma preoccupação constante. E' melhor não têl-os.

Com o exposto, creio ter demonstrado, de modo exuberante, as caracteristicas do supracitado Cilote. Mas, para que não reste nenhuma duvida, relatarei, a seguir, um facto recente, do qual foi protagonista o mesmo Celedonio Cilote, que assegura tratar-se de um acontecimento benefico para elle, embora, na realidade, por muito menos, eu tenha visto a photographia de outros sahir nos jornaes entre a de policiaes, etc., etc.

E vem ao assumpto. Nosso heróe costumava jogar na loteria, habito pernicioso quando nunca se ganha. No emtanto, o homem adquiria os decimos de cada sorteio, com a mesma pontualidade com que comparecia diariamente ao escriptorio onde trabalhava havia quinze annos, sem que, em tão longo prazo, houvesse faltado um só dia. Deixava sua casa invariavelmente ás sete e meia, regressava ás doze e vinte, tornava a sahir ás treze e trinta, para reapparecer ás dezoito e vinte. Uma tarde de verão, em que o dono do escriptorio ia a uma estação de aguas e era bem pouca a vontade de trabalhar do pessoal Celedonio, folheando um jornal, descobriu, com natural surpresa, que fôra favorecido com o premio maior na extracção daquella manhã.

— Olá, rapazes! — gritou a seus companheiros, radiante de alegria, como o terceiro filho que consegue estrear um terno que não pertenceu a seus predecessores. — Vamos ver si continuarão duvidando de minha maravilhosa sorte!

Commemorando o fausto acontecimento, e para que o mesmo chegasse ao conhecimento de Pura o mais cêdo possivel, quebrou Gilote seu inveterado costume, regressando immediatamente ao domicilio conjugal, cuja porta abriu com sua chave. Então...

Bem!... julgo desnecessario entrar em detalhes escabrosos. Mesmo porque os leitores certamente terão tido occasião de conhecer uma infinidade de scenas semelhantes, embora seja apenas graças ao benemérito trabalho de diffusão do radio, deante de cujos microphones se contam numerosas tragedias identicas sob a denominação geral de tangos...

A coisa realmente original foi a explicação que deu Gilote do facto:

— Decididamente, não existe outro mortal mais favorecido pela sorte do que eu — disse. — Quando um homem apanha sua mulher em flagrante delicto de adulterio, o corrente é que se entenda a tiros ou a punhaladas com o amante, expondo-se a ir, desse modo, parar na Assistencia Publica ou na cadeia... Não é verdade?...

A conclusão não podia estar melhor nem mais de accôrdo com as leis da logica, e assim o deviam admittir os collegas do narrador.

— Pois bem — decidiu o homem, com a entonação triumphante de quem demonstra um facto irrefutavel: — acaba de occorrer-me exactamente o contrario: o sujeito que encontrei com a impura Pura se poz, incondicionalmente, ás minhas ordens, em qualquer terreno!

Ninguem se atreveu a perturbar a paz de espirito do bemaventurado esposo. Mas quando a lista de extracção da loteria demonstrou que no jornal consultado havia um erro de algarismo e o numero do bilhete de Gilote não tinha premio algum, todos os amigos do infeliz se apressaram a manifestar-lhe o seu pesar pelo facto, o que, com geral espanto, o interessado se negou a acceitar, por achar improcedente.

— Para que eu precisaria agora do premio? — disse — Além disso, querem vocês maior loteria do que descobrir o verdadeiro valor da propria mulher e, sobretudo, poder despachál-a para outro, afim de que elle a sustente?...

Convenhamos em que Campoamor tinha razão:

En este mundo trahidor
Nada hay verdad ni mentira;
Todo es según el color
Del cristal con que se mira...

O mais celebre escriptor não ganha o que

V. S. póde ganhar

escrevendo até 250 palavras:

5:000$000!

NÃO existe escriptor, por mais celebre que seja, que receba essa importancia por um simples artigo de 250 palavras. No entanto, é esse o primeiro premio offerecido no Concurso da Sul America.

Basta apenas desenvolver, em cerca de 250 palavras, o thema "O que o seguro de vida representa para mim". Nada mais é necessario para V. S. concorrer a qualquer dos 23 premios em dinheiro.

O assumpto póde ser tratado sob qualquer ponto de vista. Um folheto, que a Sul America envia gratis, muito o auxiliará.

Não perca tempo. Envie, quanto antes, o seu trabalho. O concurso termina a 31 de Outubro.

As condições do Concurso

Todas as cartas deverão ser enviadas em enveloppe fechado e marcado "CONCURSO", endereçadas á Sul America, Companhia Nacional de Seguros de Vida, Caixa 1946, Rio de Janeiro, de fórma que cheguem á séde até 31 de Outubro.

Terminado o concurso, a Companhia poderá publicar "fac-similes" das composições submettidas e premiadas, que passarão a ser de sua propriedade.

Nenhum auxiliar da Companhia Sul America nem seus agentes poderão participar do concurso.

Os nomes e endereços de cada concorrente deverão figurar claramente nas provas submettidas.

A decisão dos juizes é definitiva.

A Companhia não poderá manter correspondencia sobre o Concurso.

Eis os premios offerecidos:

Um 1.º premio	5:000$000
Um 2.º "	2:000$000
Um 3.º "	1:000$000
e mais 20 premios de	100$000

Remetta-nos este coupon e enviar-lhe-emos um folheto que o auxiliará a ganhar o premio almejado.

A' SUL AMERICA — CONCURSO
Caixa Postal 1946 — Rio de Janeiro

Nome ______________________
Endereço ______________________
Cidade ______________________
Estado ______________________

Sul America

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

O PROTESTO DO REPTIL

ESTA historia me foi contada por Nicacio Gonçalves, do leito numero 32 da segunda sala do hospital de Bombay, onde, então, eu me encontrava exercendo um emprego de enfermeiro.

— Naquelle tempo — começou dizendo-me Nicacio — eu habitava um elegante *bungalow*, distante dezeseis milhas de Calcuttá, e no qual me havia installado para fugir a meus credores. Você, certamente, não conhece bem a India ingleza e talvez por isso ignore a quantidade de sangue frio que é preciso ter no corpo para se atrever a viver da *jungla*, longe de todo centro civilizado e em continuo contacto com os mais perigosos animaes.

"Eu sahia muito pouco de casa. Só de tarde em tarde me aventurava a dar um passeiozinho pela selva, vestido de maneira estranha: com escaphandro e duas carabinas no braço. As carabinas, para defender-me das feras, e o escaphandro para evitar a possibilidade das mordeduras das serpentes, uma vez que, quando occorreu esta historia, o municipio de Calcuttá ainda não havia votado aquella elegante disposição segundo a qual se prohibia ás serpentes venenosas circular pela *jungla* quando não estivessem convenientemente providas de bocal.

"Aborrecia-me bastante, e, para matar o tédio, comprei, em uma aldeia proxima, um apparelho de radio, com o qual se podiam ouvir as estações das cinco partes do mundo. Fiz bem, porque, no meio da solidão daquella selva hostil e impenetravel, o arrulho de uma canção, a voz dos *speakers* ou o annuncio dos impermeaveis com capucho me emocionavam e fortaleciam. E' por isso que me permitto recommendar o processo *radiographico* aos enfermos do pulmão.

"Passou o inverno, longa estação de chuvas constantes, que me obrigou a não sahir de casa e ter as janellas hermeticamente fechadas. O escaphandro estava meio oxidado em um recanto e da carabina eu só me utilizava para partir nozes.

"Quando chegou o bom tempo, pude abrir minhas janellas para

A DEDICATORIA

A senhora Médan estava no passeio esperando o omnibus. Para matar o tempo se poz a olhar a vitrina de uma livraria. A senhora Médan era casada com um novellista, e, embora isso não fosse bastante para que os livros lhe interessassem, era, pelo menos, sufficiente para que os olhasse de preferencia a outras coisas. Entre os livros da vitrina que contemplava, viu uma novella de seu marido. Num papel que se achava sobre a capa, o livreiro havia escripto: "Com dedicatoria do autor. Dois francos."

A senhora Médan não desconhecia os costumes literarios. Muitas vezes ouvira seu marido protestar contra a ingrata tarefa de ter que fazer a dedicatoria de duzentos exemplares de cada obra nova que publicasse.

— E tudo, para que? — ajuntava o escriptor. — Para que, sem ler o livro, o vendam a um livreiro de obras velhas...

Era verdade. A senhora Médan tinha a prova deante de si. Entrou no estabelecimeneo e pediu o volume. Por sympathia conjugal, estava um pouco indignada.

— Verei o nome do indelicado que vendeu o livro, e o direi a meu marido — pensou.

E leu: "A Risette Claudio".

A esposa ficou estupefacta. Nunca poderia prever semelhante coisa. Jamais lhe occorreu que seu marido pudesse escrever semelhante dedicatoria. E, no emtanto, o facto não tinha discussão possivel. Estava provado á saciedade, com aquella simples phrase, seguida de uma assignatura.

Com os olhos fixos na dedicatoria permaneceu tres, quatro, cinco minutos. O omnibus aproximava-se. Pagou os dois francos e sahiu com o livro.

De modo que seu marido dedicava seus livros a uma tal Risette?

Mas, quem seria tal pessôa?... Uma amiga?... Não. Por mais que passasse em revista, em sua imaginação, todas as suas amizades, não encontrava entre ellas nenhuma que se chamasse Risette.

Tratava-se, então, de uma relação particular do novellista. Mas, de que especie? Eis o que importava investigar.

De repente, uma suspeita, que estava latente em seu cerebro desde o momento de descobrir a dedicatoria accusadora, se precisou com caracteres definitivos, transformando-se em certeza absoluta.

Não duvidou mais um momento: Claudio tinha uma amante.

— Não ha duvida — pensou. — Ha, nalgum logar, uma mulher a quem meu marido chama

— Oh, João, o meu chapéo!

Todos os males causados pelo Acido urico cessam rapidamente com o uso da URIDINA "GRANADO"

:: De Manuel Lazaro ::

que penetrasse o intenso perfume que exhalava aquelle vergel immenso. Gostava de escutar assim os sons do alto-falante, que, augmentados pelo silencio da noite, deviam ser ouvidos a muitas milhas de distancia.

"Até que, uma tarde — não me recordo da hora — adormeci ao toque de uma flauta transmittido pelo apparelho de radio. Ao despertar, fui surprehendido por um espectaculo extraordinario: pelo chão, pela cama, por sobre tudo, duzias e duzias de serpentes faziam movimentos estranhos, suggestionadas pelas notas deliciosas que um artista desconhecido arrancava de sua flauta deante de um microphone longinquo. Felizmente, quando o virtuose terminou seu concerto, os venenosos animaes se retiraram *ipso facto*, sem se deterem para escutar os annuncios...

"Respirei. Mas, desde então, o facto se repetiu com tremenda frequencia. Cheguei a acostumar-me e a olhar aquelles bichos sem a menor inquietude, por isso que, infallivelmente, quando terminavam os solos de flauta, partiam por onde haviam vindo.

"E decorreu o tempo.

"Uma manhã, quando eu me levantava do leito, observei que uma serpente, que media, aproximadamente, uns quinze metros, penetrava pela janella do aposento, decidida, como parecia, a se collocar na primeira fila. Continuei na cama, sem dar grande importancia ao facto. E fiz mal, porque o reptil se aproximou de mim, começou a dar voltas em torno de minha cabeça, lançando agudos assobios, e, sem se importar com os harmoniosos sons que sahiam do alto-falante, me mordeu trinta e seis vezes na nuca. Depois, se foi embora.

"Ao recuperar os sentidos, eu me encontrava neste hospital. Salvára minha vida por milagre. Mas uma duvida cruel me atormenta. Qual o motivo que levou aquelle reptil a faltar de maneira tão grave ás leis da hospitalidade?"

— Não sei — respondi a Nicacio. — Mas póde muito bem ter sido um acto de protesto, porque ha flautas... que desafinam lamentavelmente...

De André Birabeau

Risette, e esta o chama Claudio. Como não havia occorrido que isto pudesse succeder? Claudio Médan, escriptor conhecido, cujas novellas se vendem ás centenas de milhares de exemplares, tinha que attrahir as mulheres. Quem será Risette? Será alguma amiga?... Mas não importa. Tenho a prova aqui. E elle não poderá dizer-me que se trata de uma aventura antiga, porque "Segredos da alma", dedicada a Risette, foi publicada ha poucas semanas...

A senhora Médan caminhava ao acaso. Sentia desejos de chorar, e depois desejos de morder, e depois uma angustia de pranto.

E pensava:

— Separar-me-ei delle, gritando-lhe meu desprezo!

E ainda:

— Mostrarei tal desespero, que elle abandonará essa mulher para sempre.

Não sabia o que fazer. Entrou no gabinete de seu marido sem saber o que ia dizer-lhe. Claudio recebeu-a severamente.

— Não sabes que não gosto que me interrompam quando estou trabalhando?

— E' só um minuto. Quero apenas fazer-te uma pergunta. Quem é essa Risette que é tua amante?

— Hein?!

Elle abriu os olhos inquietos, assustados.

— Olha como o soube!

E a esposa do escriptor atirou o volume sobre a mesa.

A senhora Médan esperava a resposta de seu marido para confundil-o depois com seus insultos. Mas era um pobre animalzinho ferido, e só teve gemidos. Lamentos e reprovações se succediam em seus labios. Seu marido abrira o livro, e, depois de ler sua famosa dedicatoria, a expressão de espanto não lhe abandonou o rosto. Evidentemente, sentia sua falta, e o remorso não lhe permittia falar.

— Vejo-te tão abatido — terminou dizendo a senhora Médan — que me dás pena, e estou disposta a perdoar. Promette-me que romperás para sempre com essa Risette e tudo esquecerei. Promettes-mo?

Elle não respondeu.

— Vacillas, Claudio?

— Hein?

Via-se que seu pensamento estava muito longe.

— Mas, não me escutas?

— Não — r e s p o n d e u, i m p a ciente. — Pensava nesse livreiro.

E, levantando-se, exaltado, o escriptor concluiu:

— Ter um livro meu... o ultimo... minha melhor novella... com o meu a u t o g r a p h o... e vendêl-o por dois francos! Convirás commigo de que isso é para indignar!

A Cêra Mercolized é a arte magica do embellezamento

Em uma só noite, e como por magia, a Cêra pura Mercolized, redime o rosto feminino de todas as imperfeições que o affeiam e o envelhecem. A Cêra Mercolized applicada durante a noite emquanto a pessôa repousa, provoca a quéda paulatinamente, e em particulas imperceptiveis, da epiderme exterior da cutis, fazendo com que á superficie venha resplandecer uma nova cutis, fresca exuberante e bella como a da mais plena juventude. Adquira a Cêra Mercolized na pharmacia e faça uso methodico e continuado, segundo as instrucções respectivas.

As tablettes de "Stymol" rosado, dissolvidas em agua tépida, dão uma efficacissima solução para a instantanea extirpação dos cravos.

A Cêra Mercolized, é vendida no Brasil pelo preço de Rs. 12$000 e 7$000

A'Esquisita

em setim, lamê,
crepe da china,
etc., etc.

Fabrico proprio

Sempre modelos novos

Confecção esmeradissima

Modicidade em preços

A'Esquisita

RUA GONÇALVES DIAS, 62

TEL. 2-1387

ANNO XXV — FON-FON — NUMERO 35

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 29 de Agosto de 1931

UM SORRISO, UMA INGLEZA E UMA CACHORRINHA...

DEPONDO sobre a minha secretaria o jornal que acabara de ler, não contenho a maldade da ironia que risca nos meus labios a forma, alinhada e subtil, de um sorriso.

Estava só, sem ter, no momento, um ente humano com quem pudesse trocar algumas palavras — palavras que, cocegantes, me affluiam á lingua, numa inquietação de expansibilidade, tão rara em mim.

Accendo um cigarro e quedo-me a acompanhar com o olhar velhaco, entre sorridente e ironico, as espiraes da fumaça prateada que vou soprando a esmo.

Subito, alguem, a meus pés, estremece e dá signal de vida, pulando sobre as minhas pernas, para que eu sentisse que não estava... só.

Acaricio-lhe a cabeça lustrosa e macia como um arminho delicado e fino.

E' Pompom. E Pompom tambem sorri, com a sua bocca *grande ouverte*, fitando-me, expressivamente, com seus olhos vividos, banhados de oiro, numa attitude de quem interroga.

Será que Pompom adivinhou e surprehendeu o mundo de coisas que sorria no meu sorriso?

E porque não?

Sentada no meu collo, com as mãosinhas apoiadas nos meus hombros fortes, ella parece que está a me dizer que a virtude de saber rir já não é dom exclusivo do ser humano.

E eu concordo com ella. Porque, essa — como muitas outras faculdades e prerogativas de natureza organica, physiologica, moral, mental, social e... domestica, de que tanto se orgulhava o homem — já não é exclusividade sua, cabendo tambem a certos e determinados animaes, inclusive a mulher.

Quem é, porem, Pompom?

Pompom é a linda e intelligente cadellinha de Mary. Uma lúlú espevitada e faceira como sua dona.

E, Mary... Mary é alguem que não vem bem ao caso: uma creaturinha delgada e loira, sempre fresca, a custa de *maquillage* e de massagens, tendo engastados nas pupillas, tontas de luz, dois authenticos pedacinhos do céo mais azul e mais lindo deste mundo.

Não sei se Pompom, que é ladina, terá aprendido a sorrir com a sua dona, que, com uma habilidade de gente de circo, lhe tem ensinado muitas outras *cositas*. E Mary é, realmente, perfeita e perita na arte difficil de domar um homem ou educar um cachorro...

Penso, porem, como o sabio naturalista, professor Charles Dubois, da Universidade de Lyon, que certos animaes, como certos homens, riem instinctivamente, com a vantagem de que o seu riso traduz, invariavelmente, uma sensação de bem estar physico. Teem, assim, um riso sadio e bom, todo aberto, porque natural e espontaneo, respondendo a uma necessidade de expansão organica.

Com o ser humano, já é differente. O riso e, sobretudo, o sorriso do homem ou da mulher, sublimado de sentimento ou illuminado de intelligencia, é sempre uma fuga, uma reticencia cujas subtilezas contêm, ás vezes, todas as coisas e todas as expressões e attitudes, boas ou más da vida. Variam ao infinito, na sua significação...

Pompom, agora, com sua grande bocca escancarada para mim, é o symbolo vivo do sorriso — instincto, animal, feliz e sadio, a manifestar-se por contagio, porque tambem sorrio...

Que lhe importa o mais, se ella sente que se fez comprehender, tomando parte na minha festa de bom humor?

Pego, de novo do jornal e leio-lhe, em vóz alta, a noticia que encheu este meu dia domingueiro, como se Pompom fosse "gente" capaz de me ouvir e entender:

"Sob a allegação de crueldade mental, exercida sobre elle, por parte de sua mulher, a "estrella" Estelle Taylor, acaba de propor acção de divorcio contra a mesma o famoso pugilista Jack Dempsey."

— Parece pilheria, hein Pompom? Jack Dempsey — ex-campeão mundial de box — o homem do murro, habituado a abater gigantes, accusando a mulher de crueldade mental?

Pompom, porem, não me presta attenção e, a pular e a latir, corre rumo á porta.

— Ah! *my dear* — disse Mary, entrando — julgava que estivesses com alguem. Não estavas conversando?...

— Yes, *darling*, com Pompom...

— Com Pom... pom?... Ah! a "querridinha"! E que lhe dizias, *dear?*

— Que ia divorciar-me de ti...

— Divorciares-te de mim?! Tu, me deixares? *Shocking!*... E... porque?

— Porque tu me infliges tua... "crueldade mental", despotica, tyrannamente...

— *Aoh!* comprehendo... Brincas commigo de Jack Dempsey — Estelle Taylor... não é?

— E', sim, Mary. Não te assustes...

— Que homem, hein, *dear!*

— Uma massa bruta de homem, *darling*...

— Molle... *Very much* molle, meu "amorr"...

— *Yes*...

— Mas, *dear*, ha mulheres horriveis, crueis de mais...

— Como tu...

— Eu? Olha: *my mental cruelty* é assim, *querrido* ingrato...

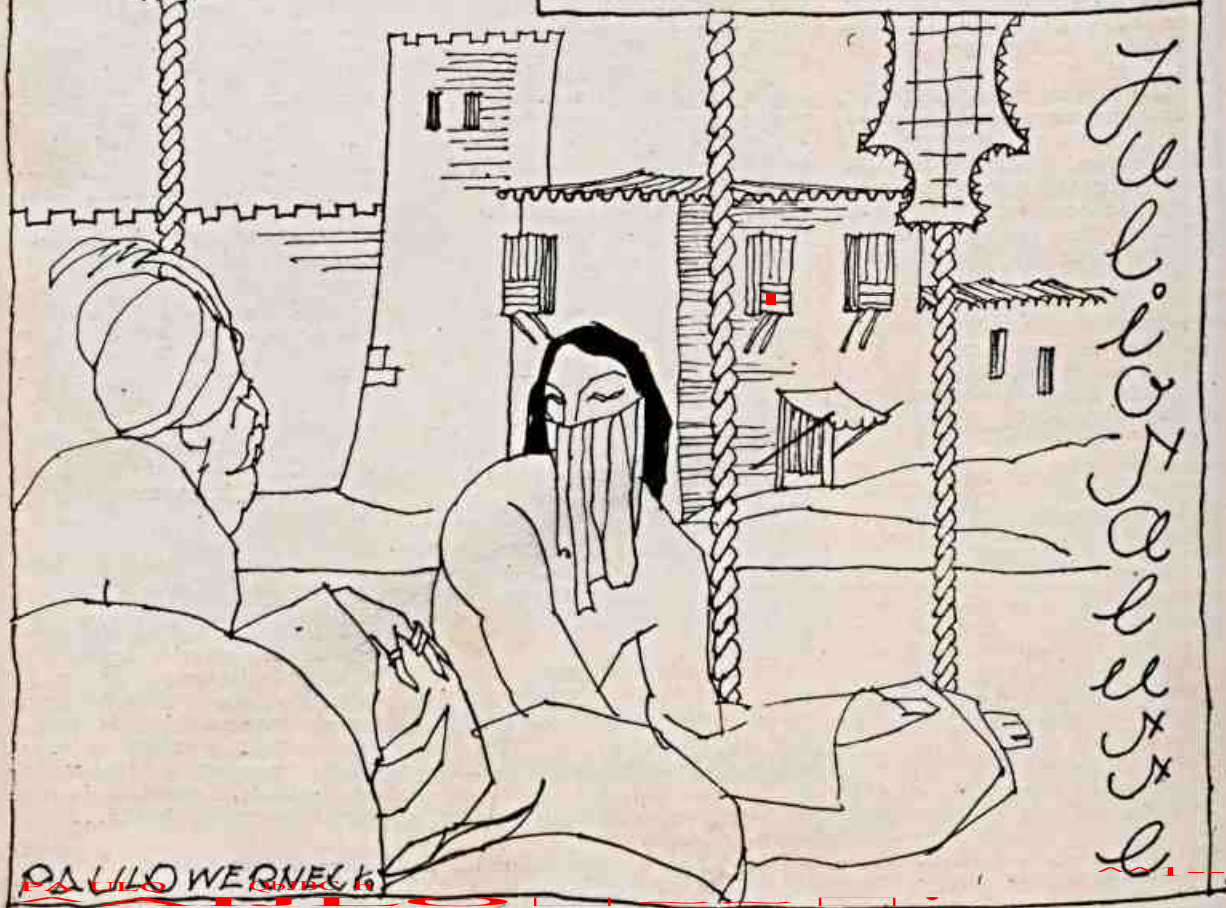
E Mary beijou-me, doida, loucamente. E, ao suave calor dos seus beijos cheirando a "Dans la Nuit", quedei-me feliz, afundado no collo fôfo da "mapple", a bemdizer a doce crueldade... amorosa da sua tyrannia de mulher bonita...

ELCIAS LOPES

Eis Sherezada, de immortal poesia,
A embebedar de poemas o sultão...
E galopa o corcel da phantasia,
Cujos dois olhos dois brilhantes são...

O Oriente sonha, acceso em pedraria...
Bailam visões e surge um rei anão...
Este, que mil gigantes desafia,
Tem mil rubis ardendo em cada mão!

Uma lampada brilha, repentina:
Illumina as cavernas, illumina
Uma noite de amor, sommada a mil...

E' de Aladino a lampada radiosa,
De luz tão bella, tão maravilhosa,
Que parece uma estrella do Brasil!

Quando o inverno chega... Conchita Cid

HA duas idades: uma chronologica, outra intellectual. Os dezesete annos de Conchita Cid, por exemplo, valem por trinta e quatro. Na realidade, trinta e quatro annos é a idade do seu cerebro de "jeune fille". Porque é como uma mulher de grande espirito, de formoso talento, que ella escreve os seus contos palpitantes, as suas chronicas actualistas, cheias de vivacidade, de vibração, de fremitos, de audacias e originalidade. Surgindo não ha muito tempo, essa reveladora de almas, essa colorista de emoções, essa pintora de vidas interiores se fez rodear, rapidamente, de uma côrte de admiradores que, afinal, não sabem o que mais encanta na sua rutilante personalidade: — si a belleza da moça, si os fulgores do espirito. Admiramos nella uma coisa e outra; e, para remate, leiamos esta sua pagina, muito opportuna na presente estação.

O garoto moreno copiava gravuras. O vulto pequenino curvava-se sobre a mesa alta. Os dedos ageis de criança traçavam as imagens que os grandes olhos retinham. E, no salão luxuoso, ecoou uma risada de moleque. O garoto moreno ria para a figura que os seus dedos ageis tinham traçado. Ria... Ria... Uma mulher nüa! Elle nunca tinha visto nenhuma, mas devia ser assim... E ria... Mas os seus oito annos maldosos lhe segredaram: — «Ahi vem mamãe».

Quando a mamãe carinhosa se curvou sobre o desenho do filhinho applicado, elle coloria, sobre o papel liso, coelhinhos, gatinhos, cavallinhos e passarinhos...

* * *

Já na escola, o garoto moreno não deixava de observar as collegas. Gostava de piscar os olhos para ellas, de passar as mãos atrevidas pelos seus braços macios. Ajudava-as, solicito, nas lições, nos problemas complicados, em tudo que podia. Mais adeantado em estudos, e em idade, tornara-se mais audacioso. Na ausencia dos mestres, á frente dos collegas espantados, elle desenhava, nitidos, no quadro negro, ora um collo formoso, ora um quadril ondulante.

E ria... Ria para as suas figuras voluptuosas...

* * *

Esse garoto lubrico fez-se homem. A'vido de novidades, atirou-se ás mulheres, a sua obsessão na vida. Possuiu carinhos sinceros de brasileiras tropicaes, caricias estudadas de francezas, beijos pagos de deliciosas americanas, loucuras de italianas pallidas de desejo...

Abraçou a todas num abraço grande. E quando abriu os braços, encontrou-os vazios. Vazios de dinheiro... Vazios de amor...

Nesse abraço palpitante e maluco, elle consumira a mocidade.

O garoto moreno e maldoso estava quasi velho.

* * *

Sob o inverno inclemente, o inverno do seu corpo chorava.

— As minhas mulheres...

E viu, então, nas altas montanhas, outros braços maldosos que se estendiam como os seus, outrora...

— As minhas mulheres...

E o inverno do seu corpo soluçava á alma ainda quente:

— As minhas mulheres...

Tomando, não mais do lapis traiçoeiro, mas de pincel e tintas, pintou o inverno do seu corpo... Um quadro sublime. Sob um crepusculo maravilhoso, braços fortes e vigorosos se estendiam, dos altos picos e dos elevados morros, para o abraço do amor. Em baixo, quasi naufrago, um homem tentava estender tambem os braços que a neve aprisionára... Que a neve não largava... Foi assim que o garoto maldoso se tornou um grande pintor. E, numa ironia dolorosa, a Gloria cobriu a neve que cahia... E, sem ser amado, possuiu novamente as suas mulheres. Passou de época. Foi assim que, um dia, de surpresa, a neve cobriu de todo o pobre pintor.

— Minhas mulheres...

O garoto moreno, o pintor celebre, desprezado, chorava.

Apiedada, uma restea de sol, que banhava o seu primeiro quadro, a sua primeira gloria, interpellou-o:

— Eterno descontente: desejaste mulheres. Ellas foram tuas. Desejaste a Gloria. Tambem a conseguiste. Tudo se te concedeu. Esqueceste, porém, de pedir a unica coisa que faria a tua felicidade...

— Que?

— Uma mulher.

O ancião repetiu:

— Uma mulher!

— Sim, continuou a fimbria luminosa, uma mulher que te amasse, que te admirasse... Uma noiva... Uma esposa casta... Pedias: mulheres! E a que te estava reservada, a bôa, a santa, a que te alegraria a vida, adormeceu de tanto esperar o teu chamado...

— Quem era?

A fimbria luminosa afastou-se para mostrar o caminho poeirento e doirado.

— Olha!

Um casal passava, tendo á frente um encantador bebê moreno que corria, travesso, pelo caminho poeirento e doirado...

Elle não provára aquelle fructo.

— Viste? — perguntou a restea de luz.

— Vi.

A cabeça curvada, o ancião pensava.

E, depois, disse, olhando o vulto pequenino do garoto que se curvava para apanhar as pedrinhas do caminho:

— Que nunca te lembres de desenhar mulheres nüas sobre o papel liso, meu bebê. Isso é fatal. Isso te perderá, Meu bebê...

* * *

A restea luminosa, o ancião, a primavera — tudo foi soterrado pelo inverno que chegava, apressado e sombrio. O inverno vingativo, o inverno ciumento levou tudo comsigo.

Só nos cumes das montanhas distantes, como no quadro do pintor morto, outros braços vigorosos e fortes se estendiam para o Amor...

FAIANÇAS

A Côr da felicidade

LETRAS FEMININAS

UMA leitora destas rudes *Faianças* — sem duvida, uma joven bonita — atira-me, de longe, numa cartinha perfumada, — azul como o céo da sua alma,—esta pergunta desorientadora: "De que côr é a felicidade?"

Creio que já escrevi, certa vez, sobre o assumpto. Digo creio, porque de facto, não me recordo bem si escrevi, ou não. Si escrevi, — tive idéas que podem agora ser repetidas e, portanto, mais uma vez confirmadas. Si essas idéas variarem — tambem não haverá mal algum: —espirito voluvel, não gosto de insistir sobre os mesmos pontos de vista, sobre o mesmo modo de vêr e definir as coisas.

Mesmo, porque ha idéas, raciocinios, interpretações dos factos da vida quotidiana que só são explicaveis, muitas vezes, dentro do espaço de vinte e quatro horas. Vivem menos do que aquellas rosas do poeta, que floriam... "l'espace d'un matin"... Sobre o amor, por exemplo, as idéas bailam e se vão...

Nada mais incerto, mais variavel do que esse sentimento, que tem sido o thema de todos os artistas, de todos os philosophos, de todos os homens de espirito — sem que, entretanto, nem um delles tenha chegado á formula de um accordo.

Por analogia, a felicidade, que, afinal, só depende delle, o deus Eros, voluvel e caprichoso — a felicidade, dizia, está em identicas condições.

Assim, o que penso, hoje, da felicidade, não é a mesma coisa que poderei pensar amanhã, e talvez logo mais, talvez daqui a pouco...

*

Em todo caso, de que côr é a felicidade?

Ella é da côr das aspirações que alcançamos.

Sim. Como um rio, ella vae passando por nós, incessantemente. O rio, reflecte, aqui, um trecho suave de céo, nuvens côr de algodão, asas de pombas brancas; ali, um pôr de sol, a fogueira viva do poente, uma montanha, uma primeira estrella a faiscar; adeante... Mas seria ir muito longe. Do mesmo modo que as aguas da corrente tomam a côr local, — que Anatole France chama "une rêverie" — a felicidade adquire a tonalidade daquillo que se estampa em nossas aspirações realizadas...

*

Para ser menos apocalyptico, e exprimir melhor as minhas idéas, — as de hoje, sem duvida — devo apresentar um exemplo...

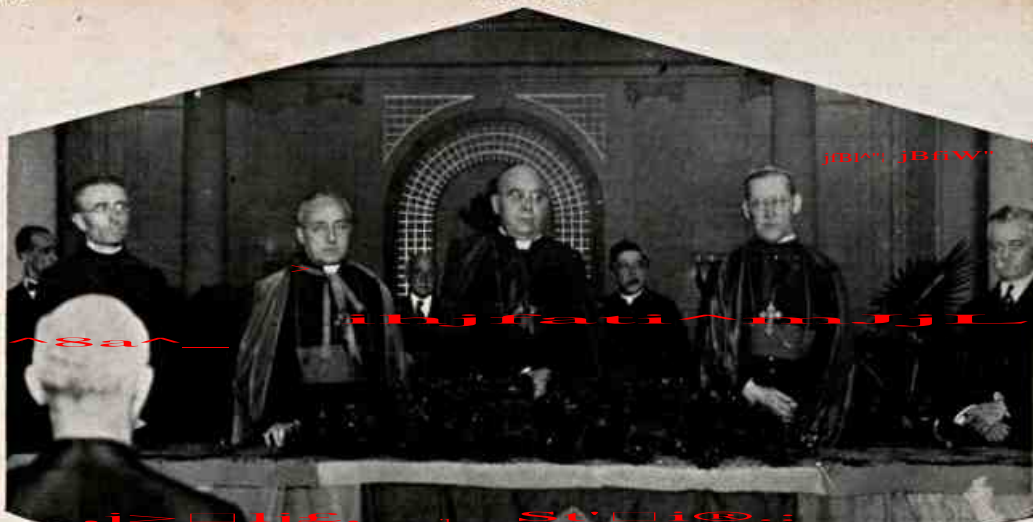
Neste momento, vejo a felicidade sob uma nuance esquisita: entre o azul-profundo, quasi negro, e a cambiancia de um rôxo-escuro de glycinia, — num avelludamento indefinivel, tenuissimo...

Para melhor falar, devo dizer que a linguagem humana não possúe recursos verbaes, nem bastante força expressional, para traduzir o tom dessas subtilezas chromaticas: azul-profundo, quasi negro, e rôxo-escuro de glycinia...

E' a côr dos olhos della. Para mim, é, hoje, a côr da felicidade...

Amanhã... Ora, amanhã... Eu só penso no minuto presente...

A brilhante poetisa Else Mazza Nascimento Machado, que ha tres annos publicou seu livro «Selva Moça», de tão bellos e ardentes versos, dá-nos, agora, um novo volume — «Humilde Oblata — onde se revela a mesma artista fascinada da emoção e do amor, cantando a vida e a alma através de uma sensibilidade femininamente exaltada.

YVES

O illustre e notavel orador sacro revmo. padre Paul Coulet, cujas conferencias nesta capital alcançaram tanto successo, foi, sexta-feira penultima, expressivamente homenageado pelo nosso mundo catholico, o qual, por iniciativa da Confederação Catholica do Rio de Janeiro, promoveu nesse sentido uma brilhante solennidade, no salão nobre do Automovel Club do Brasil, estando presentes á mesma sua eminencia o cardeal-arcebispo, d. Sebastião Leme, s. ex. o nuncio apostolico, monsenhor Benedicto Aloisi Masella, e outras altas autoridades ecclesiasticas e civis.

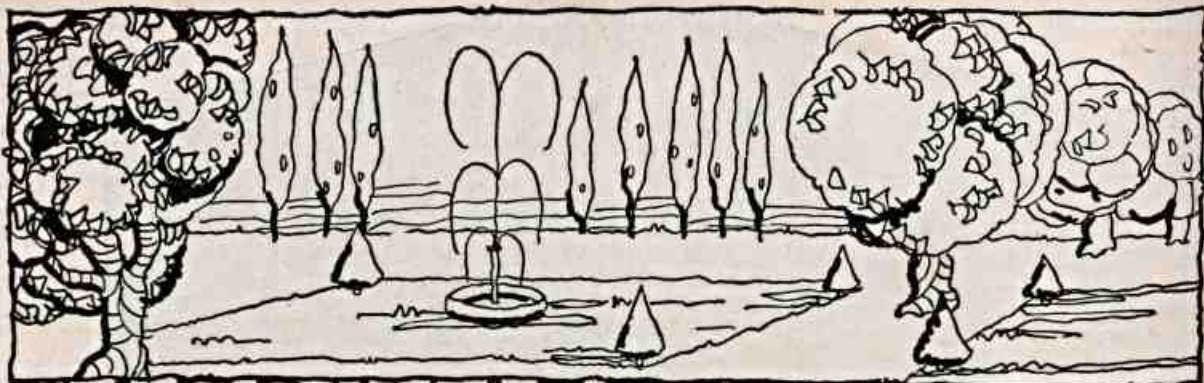
FILIGRANAS

Os homens sem vida interior não podem passar sem o applauso da multidão. Consideram a popularidade barata dos jornaes e das ruas como a razão de ser de sua existencia. E, quando ella lhes falta, tudo fazem para obtel-a, mesmo os mais tristes papeis.

Um grande escriptor francez já traduziu este sentimento numa phrase notavel: "Aux heros vulgaires il faut le cri de la foule."

Entretanto, os homens de consciencia esclarecida, de cultura firme e de intelligencia clara sempre desprezaram a opinião da vulgaridade. Acanhavam-se de tal modo quando ella os alcança que um grande orador atheniense, ao ser applaudido pela multidão, indagava dos circumstantes:

— Terei eu dito alguma asneira?

O coronel Christovão Barcellos, commandante da Escola do Estado Maior e que acompanhou as manobras de quadros ultimamente realizadas em Bello Horizonte. Photographia tomada na capital mineira, durante uma festa hippica em homenagem a esse illustre militar e seus commandados.

A JANGADA

A jangada é um verdadeiro symbolo do Ceará. Alguns paus que fluctuam. Sobre elles, dois bancos. Uma vela triangular enferrujada pela tinta de muricy, pelos respingos da vaga ou pelo iodo do oceano. Uma cambada de anzóes e linhas na pinambaba. Rações de farinha e carne secca na quimanga. Agua na cabaça. O leme bruto entre os calços gementes. A pedra do tanassú para servir de ancora, com trinta e tres braças de poita, amarrada ao torno de prôa. Nada mais primitivo. Bussola, o sol, de dia; a estrella do Iguape, de noite. Por destino, o mar alto. Por estimulo, a fome. Por tripulação, tres heroes, tres verdadeiros heroes pela coragem, pela fé e pela resignação. Heroes obscuros de que nunca falam os jornaes e que diariamente arriscam a vida.

Alencar pintou a jangada no amanhecer da vida cearense, deixando rápida a costa arenosa com Martim, o filho de Iracema e o cão fiel. Representa, assim, a primeira emigração dos que nascem sob aquelle sol. Prophecia dum destino cruel. Figura heraldicamente no brazão do Estado e está de tal modo ligada á sua existencia e á sua tradição que ninguém comprehende o Ceará sem a jangada. Porque, sobretudo, ella lembra a Abolição, quando, obedecendo á voz do popular Francisco do Nascimento, do Mestre Chico da praticagem do porto, do famoso Dragão do Mar da lenda, os jangadeiros se recusaram a desembarcar ou embarcar escravos. Naquelle estrado tosco que desafiava as procellas e em cima do qual se affrontava a morte, pequenino sólo movediço perdido na amplidão do oceano, debaixo da amplidão do céo, somente podia pisar o pé dos homens livres. Chão sagrado pelo sacrificio e beijado dia e noite pelas ondas liburrimas, não poderia ser profanado pela monstruosidade social! A jangada-symbolo da libertação foi trazida ao Rio de Janeiro pelo Mestre Chico, levado em passeata pelas ruas aos hombros do povo saudado pelo verbo trovejante de Patrocinio e recolhida ao Museu Nacional.

Desta fórma, ella, que vinha da arte e da lenda, através das rimas dos poetas e da phrase sonora dos prosadores, entrou triumphalmente na historia.

A Juvenal Galeno se deve ter ensinado a memória do Brasil a guardal-a para sempre na quadra suave que resume a vida aventurosa de todos os dias do jangadeiro:

> "Minha jangada de véla,
> que vento queres levar?
> De dia, vento de terra;
> de noite, vento do mar."

Emmudeceu um dia o cantor cearense. Morreu o rhapsodo do cajueiro e da jangada. Os jangadeiros lembraram-se de quanto elle os amára e de como os celebrara nos seus versos sylvestres e saborosos como as frutas do matto. Renderam-lhe sentida e grandiosa homenagem. Homenagem muda — porque as jangadas não falam, porém mais expressiva do que qualquer outra no seu commovente symbolismo. Alinharam as embarcações primitivas no respaldo branco da praia deante do verde mar bravio que se franjava de espumas por toda a extensa curva que vae morrer nas dunas de prata do Mucuripe. O vento agitava a muralha verde do coqueiral pelo Meirelles afóra até a volta da Jurema. No céo azul e alto, muito azul e muito alto, não boiava uma nuvem. Desfraldaram-se, ao mesmo tempo, as humidas vélas palpitantes de todas as jangadas. E, ao mesmo tempo, como bandeiras, foram arriadas a meio mastro.

Jangadas em funeral!

Bemdita a memória do poeta que soube incarnar a alma do seu povo no rythmo de seus versos com tanta verdade e tanto amor que mereceu tão alta e significativa glorificação!

POETAS DE HOJE

Paulo Gustavo é o poeta das subtilezas, das ternuras veladas, dos soluços que explodem através de sorrisos, feitos do pudor de ser triste. E tudo isso, por amor, como elle bem diz no seu lindo poema — «Por amor ao meu amor». Antes dessas paginas frementes da sua alma lyrica, elle nos deu um verdadeiro breviario de amor: «Divina amargura». Mas, no poema de agora, que deflue em rythmos de infinita doçura, Paulo Gustavo apparece com maior limpidez, na sua arte de dizer essas coisas que só as almas sensitivas, as almas de pellucia, podem comprehender e sentir. Cabe aqui uma palavra de louvor á finura de traço, á elegancia e ao modernismo das illustrações do livro. Isto é, as illustrações magnificas do emotivo Paulo Werneck.

O grande acontecimento sportivo de domingo passado foi o encontro mais importante do Oitavo Campeonato Brasileiro de Football, no qual se empenharam jogadores cariocas e paulistas, numa peleja verdadeiramente sensacional, pelo valor dos «teams» em campo e pelo ansioso enthusiasmo dos «torcedores». A tarde de sol, radiosa e amena, favoreceu o grande «match» interestadual, que se revestiu, por isso mesmo, de rutilante brilhantismo. O stadio do C. R. Vasco da Gama, onde se realizou essa partida, encheu-se de elementos representativos de todas as classes sociaes, tendo tambem comparecido pessoalmente o chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, e outras autoridades.

DIPLOMACIA

O dr. Frederico de Castello Branco Clark, ministro do Brasil em Cuba, é um diplomata que tem procurado, por todos os meios, elevar, naquelle paiz, o nome de sua terra. Na séde da nossa legação em Havana reunem-se, semanalmente, em torno da figura illustre do ministro Castello Branco Clark, os vultos mais representativos da sociedade e das letras, da diplomacia e das artes cubanas. O diplomata brasileiro offerece festas e recepções onde se evoca e homenageia o nome do Brasil, numa expressiva demonstração de cordialidade continental.

BERILLO Neves, a quem as contingencias da carreira militar deslocaram, não ha muito, desta capital para um estagio de serviço na terra gaúcha, ahi não tem perdido o seu tempo, ao menos no que diz respeito á sua actividade intellectual.

O autor da Costella de Adão*, mais pelo valimento dessa credencial do seu espirito de eleição que por quaesquer outros titulos e meritos pessoaes que o recommendam á geral sympathia dos seus patricios, encontrou, no seio da culta sociedade riograndense, o mais fidalgo e captivante acolhimento, mesmo por parte do mundo feminino — essa inquieta colmeia de abelhas volitantes de que elle se constituiu uma especie de "zangão" ferino e impiedoso, mas, com as melhores intenções deste mundo. Deste e, tambem, do outro...*

Sob o encanto de deslumbramento do fascinio verde dos pampas, Berilo Neves não mudou de alma nem de attitude espiritual. De coração é que não o sabemos...

As ultimas noticias do Rio Grande dizem apenas que Bagé aguardava uma conferencia do irreverente escriptor, sobre o thema — Adão, Eva e outros macacos...

Mas, aqui, já se sabe que Berilo Neves está de regresso para esta capital, para o convivio bom do seu cercle de amigos e collegas da metropole e dos muitos corações de mulher que "torciam" pela sua volta.

E elle ahi vem, com a sua pose irreverente, para grata e communicativa alegria de Adão, Eva e outros macacos *da terra carioca...*

* * *

NUM album:

— Suave Fiandeira, de dedos imponderaveis e ageis, Illusão — minha Illusão — que fizeste dos sonhos que sonhei?

— A teia de sentimento da tua vida — a vida de teu coração.

— E o amor que me promettestes?

— Com elle tu me tens alimentado...

— E a minha felicidade, Illusão, essa nunca attingida felicidade com que, de longe, me acenavas, a sorrir?

— Procura-a dentro de ti — e nunca fóra do teu ser, como sempre tens feito — e tu a encontrarás...

— Dentro de mim!

— Sim, porque, homem louco, a felicidade não é, nunca será a realização do teu desejo no mundo exterior...

— Não se realiza, então, nenhum anseio de felicidade? Da minha felicidade?...

— Fóra de ti proprio, não. Porque é da essencia mesma da felicidade que ella nunca se concretize.

— Por que?

— Porque a verdadeira — a unica felicidade — é uma cadencia de rythmos... Uma canção sem palavras...

— Uma canção sem palavras, a felicidade?

— Sim: a silenciosa canção, de quietude e de paz, da tua "harmonia interior..."

MAX LINDER

Os serviços que obedecem á orientação do professor Fernando de Magalhães, na Maternidade das Laranjeiras, contam, no dr. Octavio Rodrigues Lima, um dos seus assistentes mais eméritos. Possuidor de magnifico cabedal scientifico, de que traz no nome uma herança valiosissima, o joven obstetra o é, tambem, de invejavel posição social, desfrutando merecido destaque na nossa sociedade. Os doutorandos de 1931, internos daquella Maternidade, acclamando-o paranympho do quadro deste anno, tributaram uma justa homenagem ao caracter, intelligencia e coração do homem de sciencia e de sociedade.

Roberto Famtuzzi, o grande pintor italiano, que ora nos visita, dispensa apresentação. O seu nome desfructa de real prestigio nos circulos artisticos de sua patria, a Italia dos pintores. Isso basta para que se tenha uma idéa precisa do valor da sua palêta de mestre. Melhor, porém, do que as nossas palavras dizem do mérito de Famtuzzi — o decorador das mais bellas igrejas de Roma e outras cidades italianas — as suas telas magnificas, expostas, desde 22 do corrente, sob o patrocinio da Associação dos Artistas Brasileiros, no salão do Palace Hotel. Esses trabalhos são um eloquente attestado das suas possibilidades de artista, no qual a arte contemporanea tem um dos seus mais brilhantes expoentes. O acto inaugural da exposição de Roberto Famtuzzi teve o realce de um acontecimento verdadeiramente artistico e mundano, pois, além das prestigiosas figuras do «set» carioca, intellectuaes, pintores e esculptores, que a elle compareceram, se viam entre os presentes os srs. embaixadores da Italia e da Argentina. Publicamos nesta pagina, com um aspecto da cerimonia, um dos quadros do pintor, que ali figuram — o intitulado «Ultimi dirupi».

A directoria do Praia Club offereceu, quinta-feira penultima, uma «noite de arte» aos seus associados. Foi uma festa de grande brilho artistico e mundano, não só pelas figuras que tomaram parte no programma, sinão tambem pela fina e elegante assistencia que enchia o salão do palacete da avenida Atlantica.

(Ao Elcias Lopes)

Ser paria, e paria abraçar-se ao rochedo,
E ao arbusto que, a sós, cobre o chão dos caminhos;
Ser musgo, e d-entre a paz e murmurio dos ninhos,
Ser docel, que os embala e protege em segredo!

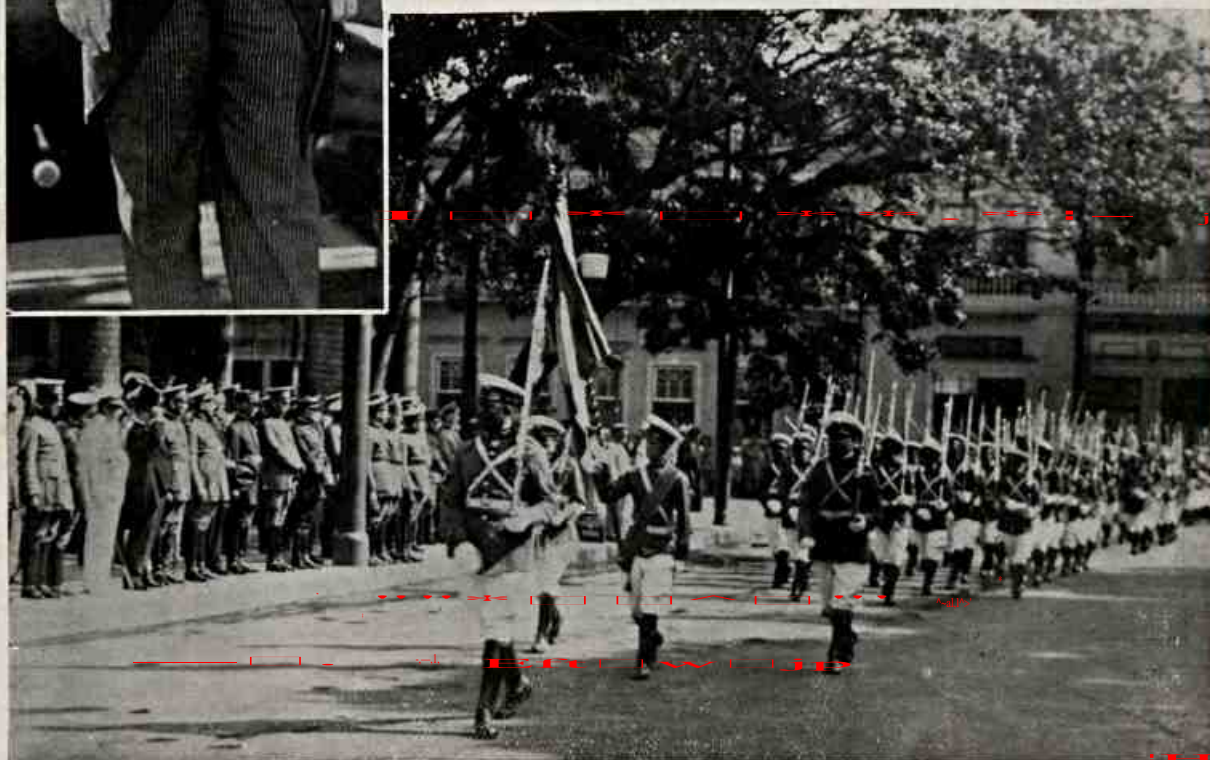
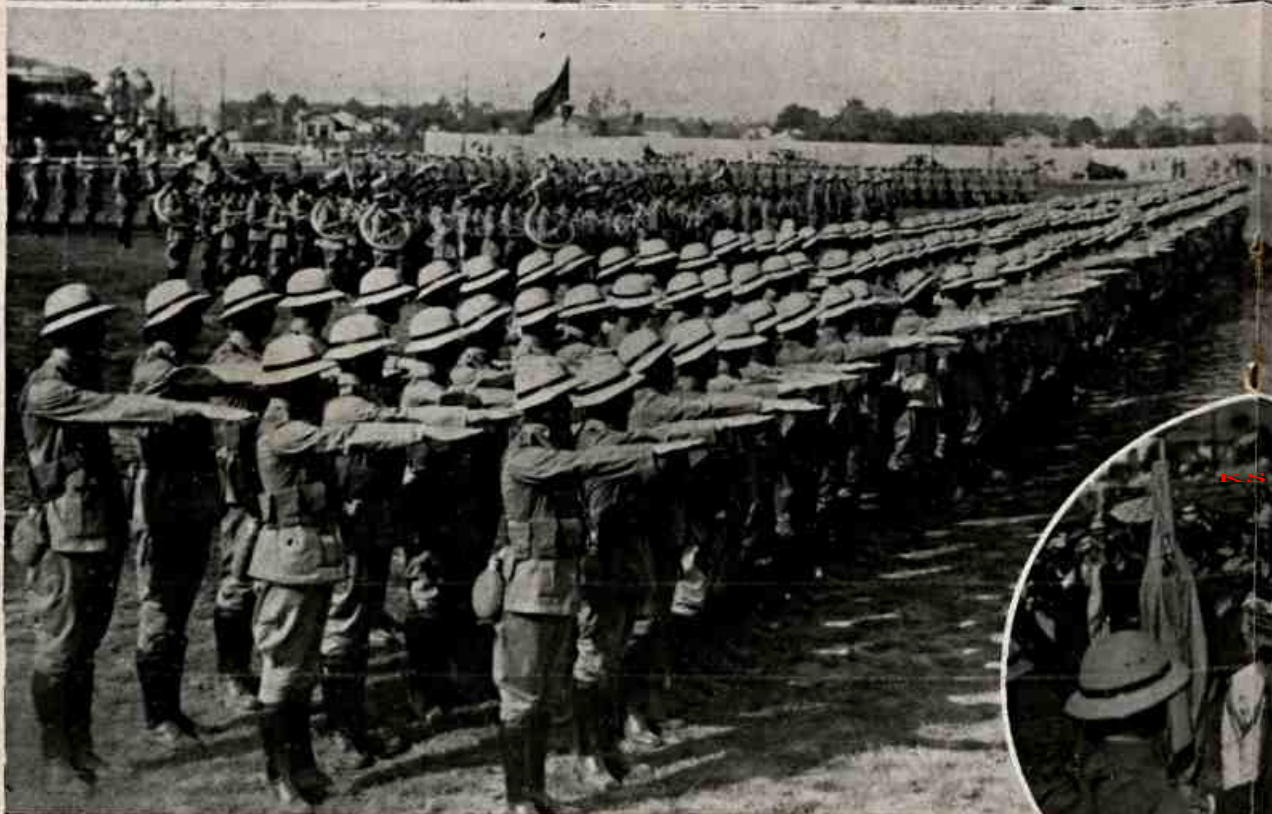
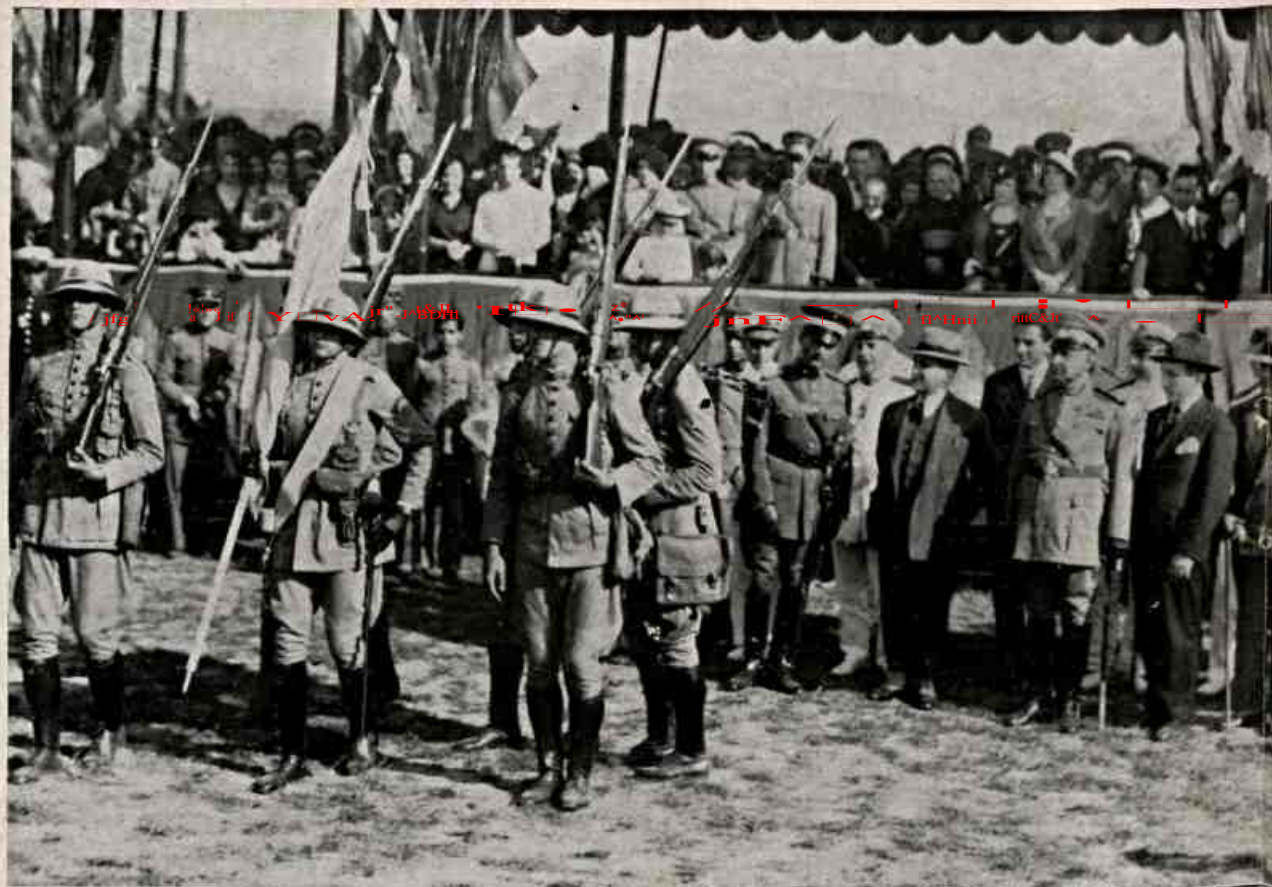
Ser liana, e habitar a cerviz do arvoredo.
E ser pasto e fervor dos tenros passarinhos;
Ser husnea, e juntar-se ao rigor dos espinhos,
Retranzida de horror e de assombro e de medo!

Ser planta e florescer nas tristissimas ruinas,
E ao vento preludiar a desdita das sinas
Dar arvores sem flor, e sem sombra e sem fructo...

Fragil e só, se esposa ao vigor dos carvalhos,
Para após, sem saber, insensata, nos galhos
Estender-lhes a côr e a tristeza do luto!...

Simões de Menezes

O «Dia do Soldado», que desde alguns annos vem sendo commemorado na data natalicia do Duque de Caxias, decorreu terça-feira ultima entre as solennidades de sempre, sobresahindo a parada militar que deu inicio aos festejos de 25 de agosto, a que se realizou pela manhã, no velho largo do Machado, onde se ergue, imponente, a estatua do vencedor do Itororó e de Lomas Valentinas. A essa revista de tropas do Exercito compareceram o chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, o ministro da Guerra, general Leite de Castro, e outras altas autoridades militares e civis. Esta pagina focaliza os primeiros instantes da parada de terça-feira, quando o presidente Getulio Vargas chegava á praça Duque de Caxias.

S. ex. o chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, os ministros da Guerra, da Marinha, da Viação e do Trabalho, membros da Missão Franceza e outras altas patentes militares e autoridades civis assistindo, no largo do Machado, ao desfile das tropas do Exercito que tomaram parte na parada commemorativa do «Dia do Soldado», e que se realizou junto ao monumento do Duque de Caxias, terça-feira pela manhã.

Brilhante, pela sua alta significação, foi a cerimonia do Juramento á Bandeira pelos cadetes da Escola Militar, realizada no stadio do Realengo, na terça-feira ultima, á tarde. Coincidiu essa solennidade com a passagem da data natalicia do Duque de Caxias, que é o patrono da Escola. O programma, que constou do cerimonial militar, foi accrescido da entrega do pavilhão nacional, feita aos alumnos pelo chefe do governo provisorio. Foi, assim, uma festa de grande brilho militar, e que teve a assistencia, não só de altas autoridades do paiz, mas ainda das familias dos futuros officiaes do Exercito brasileiro. O nosso cliché reproduz os aspectos mais expressivos dessa cerimonia.

DIZEM que a menina vae se casar com um velho. Que lastima!

Alguma desillusão teria provocado semelhante deliberação?! E' possivel...

Desde que o moço militar desappareceu do Rio, a vida da menina mudou de feição.

Mas, não era o caso de substituir um moço por um velho, por motivos varios...

Salvo si a menina resolveu o problema da sua vida, cavando um casamento de conveniencia.

O velho parece ter dinheiro, porém, manda a prudencia verificar si na realidade a menina faz um bom negocio.

A's vezes as apparencias illudem, e, ao que dizem as más linguas, o velho é um *tapeador* de primeirissima ordem...

O perigo das expansões muito intimas pelo telephone é um facto. E, *mademoiselle*, ou, madame, que é uma tiasinha em demasia... carinhosa, esqueceu-se de que, abrindo-se, como se abriu, com o seu rico amor de sobrinho, poderia ser pilhada por quem nada tinha com o doce colloquio amoroso.

— Escute, meu bem: tenho-lhe um grande e sincero amor, mas, você é meu sobrinho e tudo se torna muito difficil para nós. Apesar disso, querido, não devemos desanimar, porque acabaremos vencendo, não é?

— E', sim, meu amor...

— Hein?... Esta vóz... Está tão differente a sua vóz...

— Pudera, não!... Se não é o felizardo desse sobrinho que está falando...

— Ah! comprehendo. A telephonista desligou...

— Mas, faça de conta, madame, ou mademoiselle, que eu sou elle mesmo — esse sobrinho tão amado, cuja sorte invejo sinceramente.

— Ah! Terá o senhor ao menos a discreção de não revelar os nomes?

— Que nomes?

— O meu e o do...

— Do F...., não é?

— Sim...

— Pois, não, madame, mademoiselle... Tudo ficará em familia...

— Em... familia? Que quer dizer?...

— Quero dizer que fica apenas entre nós tres... Não se assuste...

— Ah! Obrigadinha, sim?

SOB as arcadas da estação de bondes da Avenida, a creatura morena, de olhos de cigana, boina cahida para traz, parecia inabalavel ante os rogos do cavalheiro de roupa clara, magro, ligeiramente grisalho.

Elle falava sem tomar folego, gesticulando nervosamente, como quem queria ser ouvido e obedecido.

Ella não se mostrava propensa a acceitar as explicações, porém, elle não desistia, ennumerando pelos dedos os argumentos que deviam ser de valia, pois a vimos, por fim, sorrir levemente...

Estava ganha a partida do cavalheiro, pois a dama consentiu em recomeçar a comedia que ambos representavam magnificamente ao cahir de uma tarde movimentada, em plena Avenida, sem a preoccupação da curiosidade bisbilhoteira dos transeuntes.

Ella cedeu o braço, elle a conduziu através a multidão, sem dar conta de nada, feliz, muito feliz...

Justamente quando os observadores do colloquio nervoso esperavam o desenrolar de uma tragedia, eil-os que reataram o fio de antiga historia, desapparecendo na primeira esquina, muito agarradinhos, unidos para a vida e.... para o amor.

Maria, Elza e Moema, tres galantes filhinhas do sr. Oscar Lugarinho e de d. Helena Tomazi Lugarinho. A menorzinha, imitando suas irmãs, tambem quiz, deante da objectiva, fazer uma «pose» bem graciosa e bem feminina...

MADAME anda positivamente *pesada*, o que é como quem diz sem sorte.

Neste anno, é o segundo desastre que lhe succede...

Quando pensava ter apanhado o passaro, eis que lhe escapa das mãos.

Realmente desolador, estamos de pleno accordo com *madame!*

Não cuide, porém, *madame*, que vae perdendo em belleza, que já não sabe esgrimir com elegancia as armas destinadas a vencer o coração, (e a carteira...) dos homens.

A coisa é outra...

O engenheiro, o primeiro ferido pelas settas do olhar de *madame*, quando parecia dominado, presentiu qualquer acontecimento no ar, e fugiu sem a mais leve explicação.

Uma retirada deselegante, que a deixou perplexa.

Era necessario entretanto, renovar a tentativa para arranjar um substituto de melhor *futuro*.

Appareceu o abastado negociante, de cara alegre, denunciando a sua predisposição para largos gestos...

Este, ao menos, tinha geito de ser *generoso*, em tudo.

Madame estava precisando de uns vestidos, e de outros pequeninos arranjos...

Mas, no melhor da festa, o negociante tambem bateu azas e voou...

Por que?! Ora, *madame*, effeitos da crise!

Mas não é caso para desanimar: faça uma terceira tentativa.

Diz o povo que a teimosia é virtude, e quem espera sempre alcança.

Depois, de hora em hora, Deus melhora...

Nós, por exemplo, si acaso tivessemos o habito de usar carteira, estariamos á inteira disposição de *madame*...

A linda morena está preparando um caso sério para a sua vida.

Os passeios seguidos que vem fazendo, naquelle automovel que a espera nas proximidades do mar, trazem agua no bico...

Nem diga a morena que não sabe o que está fazendo.

O rapaz é casado e não esconde a sua situação. A morena até confessa incontida antipathia pela esposa do rapaz.

Por isso, os passeios de automovel começam a intrigar certos amiguinhos da linda morena.

Depois...

Ophelia Nascimento, a nossa grande pianista, gloria da arte brasileira, que realizou, com successo, ha poucos dias, o seu tão divulgado recital, recebendo, mais uma vez, a justa consagração da culta platéa carioca, que a applaudiu vibrantemente no Municipal.

A dra. Maria Xavier da Silveira, advogada e escriptora paulista de nome destacado em seu Estado, onde goza do duplo prestigio de seus meritos e da illustre familia a que pertence, encontra-se, ha dias, nesta capital, tendo vindo aqui matar as saudades da terra carioca e, ao mesmo tempo, realizar uma conferencia literaria. A distincta intellectual, que já publicou uma obra historica intitulada «Padre Chico», na qual focaliza a vida e as virtudes desse sacerdote, e tem no prelo uma traducção do livro de Pierre Gilliar sobre «A familia imperial da Russia», falará sobre «As estrellas», thema bem interessante, sobretudo quando abordado por uma mulher, cujo espirito e observação devem pairar acima da torpeza da terra... A conferencia da dra. Maria Xavier da Silveira será realizada por toda a semana vindoira, no salão de arte do Studio Nicolas, e já vem, desde agora, despertando grande interesse.

A dra. Henriqueta Galeno, que, de modo tão brilhante, representou, officialmente, o Ceará no 2.º Congresso Feminista reunido nesta capital, regressou á sua terra natal, a bordo do «Almirante Jaceguay». O embarque da illustre escriptora e digna filha de Juvenal Galeno, que a sociedade carioca homenageou fidalgamente, teve fina e distincta concorrencia, comparecendo, entre outras pessôas, o dr. Fernandes Tavora, ex-interventor do Ceará; as escriptoras Anna Amélia Carneiro de Mendonça, Mercêdes Dantas, Anna Cesar e Stella Rubens Monte, o general Ernesto César, o commendador Francisco Santanna, e coronel Rubens Monte, o nosso companheiro de trabalho, dr. Elcias Lopes, e varias outras figuras de representação dos circulos sociaes e intellectuaes desta capital. Na gravura acima vê-se a dra. Henriqueta Galeno, a quem foram offerecidos lindos ramos de flores, cercada de um grupo de pessôas que lhe foram levar as suas despedidas no cáes do porto.

Balcão Florido

MELINDROSA

— *Bibelot* animado da cidade, Melindrosa, para onde vaes assim, nesse passinho furtivo e dengoso de rôla amorosa?

— Que tem com isso?!...

— Nada... Mas, escuta...

— Vê lá se te dou confiança!...

— Bom dia, amor... Eu estou bem, obrigado. E tu?...

— Uê! Está a falar sozinho, o coitado! Se não te dei bom dia...

— Sim — tu o déste...

— Eu? Esta bocca não o fez...

— Fel-o, porém, o teu sorriso...

— O meu sorriso? E fala-se, tambem, com o sorriso?

— Se é assim que sempre te expressas, dizendo muito mais, ás vezes, do que falando...

— Eu?

— Sim, tu, que és o sorriso alegre e brejeiro da Cidade e a figurinha de sonho dos nossos corações...

— Nossos... de quem?

— De todos os homens de bom gosto e "olho" apurado e fino, capaz de ver, sentir e comprehender que na flexibilidade de caniço da "linha" que dá a forma e a expressão do teu corpo vaporoso e *souple* vibram, em rythmos inquietos e dengosos, todos os anseios de tua alma de mariposa...

— Não q u e i m a r e i, porém, as minhas azas na chamma da pieguice dos teus madrigaes...

— Não, porque eu apenas amo em ti o symbolo que és...

— O symbolo? Symbolo de que?

— De tudo que é feitiço e volúvel na vida...

— A mulher, então...

— Tu o disseste: a mulher, como ella é na sua verdadeira realidade...

— Na sua realidade? Mas o que é feitiço não é real... E' artificial...

— E a personalidade da mulher que quer ser uma "realidade" capaz de attrahir a attenção dos homens está, precisamente, no seu *travesti* psychologico...

— A mulher... artificial, esta, então, é que é a verdadeira?

— Sim, a unica que se individualiza, de facto...

— Como eu?

— Sim: como tu, Melindrosa. Tu, que não te confundes em parte alguma, porque és a expressão da tua realidade interior...

Maria Sabina, a festejada declamadora patricia, por occasião de seu ultimo recital de poesias, realizado no Trianon, onde foi bastante applaudida.

— Não comprehendo...

— Quero dizer que emquanto as outras — as mulheres-apparencia — se fecham, por dentro, a sete chaves, tu te abres toda...

— Eu me abro toda?...

— Não. Não é bem isso. Permittes-me uma comparação, sem te escandalizares?...

— Nunca me escandalizo...

— Sei...

— Sabes?

— Sim. Essa camada de *rouge* disfarça o teu pudor...

— Ah! Zango-me!

— Como és linda, assim, fazendo *beicinho* com esse coraçãosinho de *rouge* a exsudar, na tua bocca, a casta volupia do teu ser...

— Ih! Que bonito! E a tal comparação?

— Ah! sim, esquecia-me. Mas, como dizia, emquanto a mulher-apparencia, embiocada de alma e de corpo, engana, de vez em vez, o "olho" arguto e *blasé* do homem, tu, Melindrosa, nuasinha em pello, és como um espelho colorido e reflectir todas as nuanças do teu ser bizarro e festivo como uma féerie carnavalesca...

— Não sou eu quem te comprehendo... Um carnaval ambulante, é isso o que sou?

— Quasi: uma figurinha de carnaval, a guizarrear a sua estouvada alegria ao sol ou á chuva da Cidade...

— E m f i m, a minha "realidade" é uma ficção?

— Não: porque não és uma "apparencia"; és um producto de ti propria — a realidade mesma do teu artificio creador...

— Dize-me isso cantando, meu amor...

— Teu amor? Sim, Melindrosa, vou dizer-te, não cantando, mas encantado, tudo que sinto que és.

— Teus olhos fuzilam nos meus olhos...

— Não tenhas medo... E' que estou tomado *d'un émoi d'incendie*... Tão perto de ti...

— Fala. Dize...

— Mulher, ou menina e moça, ainda, Melindrosa, és o poema vivo da Cidade — a sua festa e o seu encanto. A linha flexivel do teu corpo apparenta a fragilidade de um caniço: uma cabecinha de cabellos podados *á la diable*; dois traços, finissimos, de bistre, á guiza de sobrancelhas; uns supercilios longos, espetados, eriçados como espinhos que guardassem o velado mysterio de teus olhos languidos; uma boquinha de romã madura e entreaberta, a nos fazer sonhar doidamente com lentos, ardentes e rumorosos

baisers de brune,
noyés de nuit,
noyés d'oubli,

— Se não sou morena...

— Não o és, agora. Talvez o sejas amanhã... Mas, vá: sejam, hoje, teus beijos,

... baisers de blonde,
... frais comme un parfum,

e eis, em largas pinceladas, o teu vaporoso e artistico perfil de encantadora e deslumbrante feiticeira de corações. Porque, trefega e volúvel, tu apenas semeias, a mancheias, a illusão da volupia de amor com que fascinas os homens... Mas, és verdadeira, porque sincera na tua volubilidade de m a r i p o sa irisada, de gatinha ronronante, de longas garras bem cuidadas, aparadas em ponta de punhal.

— Só?

— O mais... O mais, diz a harmonia do teu corpo meneiante e flexuoso, a dança da luz quente e sensual de teus olhos de cegonha tonta,

(*Conclúe na pag.* 55)

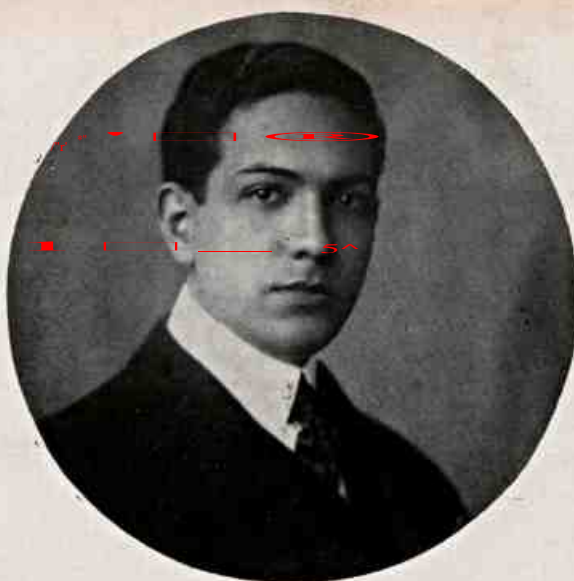
DA RESIGNAÇÃO

Ser resignado é passar, elegantemente, pelas provações. O soffrimento continuo tende sempre a se transformar em habito, creando, dest'arte, a resignação.

E' por isso que muitas pessôas consideram a resignação o epilogo de um mal infinito, pacientemente tolerado por alguem de indole energica, que é incapaz de, por si proprio, oppôr um óbice aos atropelos encontrados em seu caminho.

Da mesma fórma que a fraqueza, ella tambem póde ser simulada, afim de reunir novas forças para um embate mais seguro, chegado que seja o momento propicio á realização desse desejo.

Nessa hora é que se póde comprehender o verdadeiro estado de impaciencia e, talvez, de arrogancia daquelles torturados. E' a ansia da victoria que concorre, desse modo, para o resultado final. Comtudo, a resignação aproveita a todos quantos della lançam mão, com sinceridade, porque illude a alma.

ALEXANDRE PASSOS

Oswaldo Orico, escriptor de meritos consagrados, depois de explorar com brilho todos os generos literarios, desde a poesia ao romance, escolheu o biographico para firmar definitivamente o seu nome, creando um grande publico para as suas obras. No anno passado, poucos dias antes de rebentar a revolução, Oswaldo Orico nos dava «O Demonio da Regencia», apologia das attitudes revolucionarias do padre Diogo Feijó, e que alcançou notavel successo de livraria, esgottando-se em poucos mezes os dez mil exemplares de sua edição. Agora, apparece desse autor «O Tigre da Abolição», que fixa os principaes episodios da vida gloriosa de José do Patrocinio, desde o nascimento á morte do ardoroso tribuno e jornalista. Trata-se de uma obra realmente digna do interesse que está despertando nos circulos intellectuaes e entre os admiradores do escriptor e do grande abolicionista.

FILIGRANAS

Na synthese luminosa do poente, todos os tons da luz se vão confundindo como si a mão mysteriosa dum artista invisivel pouco e pouco as fosse esbatendo na immensa p a l e t a do céo. Na poeira de ouro que o sol semeia na amplidão, as nuvens errantes banham-se de laivos alaranjados. O pardo, o verde e o vermelho misturam-se em cambiantes m a r a v ilhosas. A purpura morre nos desmaios do violeta e o violeta fenece nos desmaios da purpura. E como que uma suprema harmonia de tonalidades p r e p a r a o firmamento para a invasão victoriosa da noite.

A morte do sol é, assim, uma festa sem par. E o luto que lhe succede tem a esmaltal-o as lagrimas de ouro e de prata das estrellas...

Ha pelo menos dez annos que o dr. Cezar Salles abraçou o magisterio, disposto a dar á mocidade brasileira estudiosa o melhor do seu talento, o mais puro da sua applicação de homem de sciencia. De então para cá, dedicado aos alumnos que nelle confiam, outra coisa não tem feito aquelle illustre medico e professor sinão preparar gerações e mais gerações de moços que por elle passam e que enveredam pelos varios caminhos da cultura scientifica. No coração, com um agradecimento perpetuo, todos os jovens levam a lembrança da figura do mestre que lhes abriu as portas das sciencias naturaes. Nesta pagina apparece, juntamente com uma photographia do dr. Cezar Salles, um grupo feito ha dias, antes de uma aula daquelle distincto professor.

COCAINA

O homem é um animal curioso. Tão curioso que chega a despir as mulheres com o olhar...

*

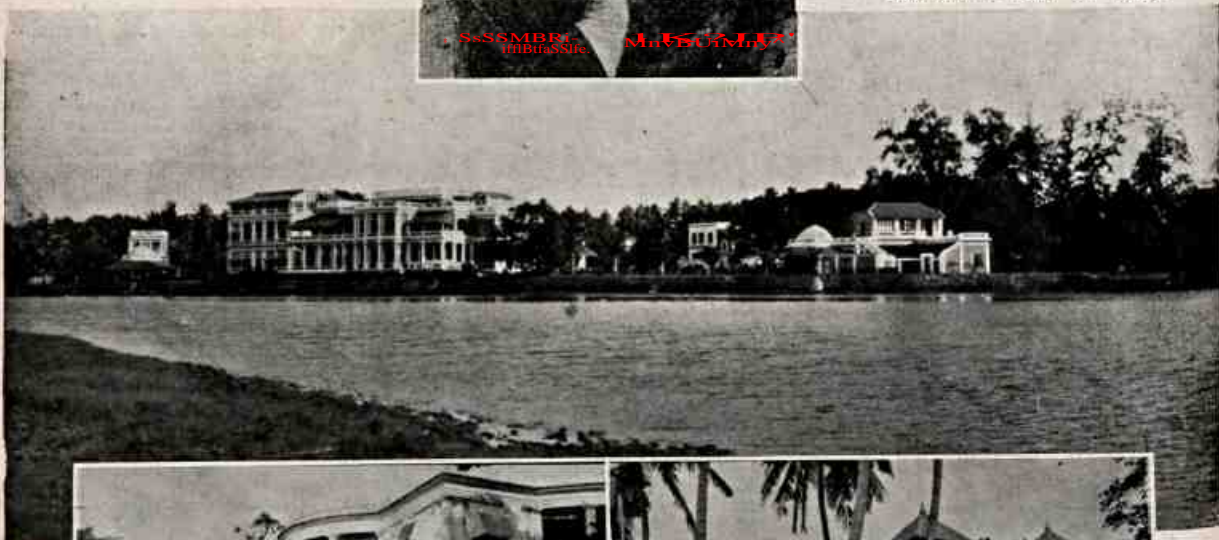
Na politica, o difficil é a gente poder se defender dos amigos, porque os adversarios são conservados á distancia...

*

A unica dôr respeitavel é a nossa.

MARION

O CENTENARIO DE HELENA BLAVATSKY

Commemorou-se na semana passada o centenario do nascimento da fundadora da Theosophia, Helena Petrowna Blavatsky, uma grande figura feminina, cujo espirito floresceu no Occidente, de onde derramou suas luzes pelo resto do mundo. Helena Blavatsky foi uma lutadora decidida e energica em prol da sua doutrina religiosa, tendo deixado obras como «Doutrina Secreta», «Isis sem véo» e «Chave da Theosophia», que collocam seu nome entre o de outros notaveis escriptores mysticos da nossa epoca. Nesta capital, o centenario da fundadora da Theosophia foi solemnizado com uma cerimonia promovida pela Sociedade Theosophica do Brasil, e que se realizou na séde do Centro Paranaense, á rua do Ouvidor. Falaram sobre a vida e a obra de Helena Blavatsky os drs. Caio Lustosa Lemos, presidente da Sociedade Theosophica, e Lourenço de Mattos Borges, e o sr. Aleixo Alves de Souza. Foi executado um brilhante programma de arte, em que tomaram parte varios artistas e intellectuaes. O nosso clichê representa: a ultima photographia de Helena Petrowna Blavatsky, uma vista geral da séde da Sociedade Theosophica em Madrás, India, á margem do Ganges, e aspectos dos jardins Blavatsky, com o respectivo pavilhão, e da Casa da Publicidade Theosophica, tambem na India.

FILIGRANAS

Houve uma rainha do Egypto antigo que Maspero nos revela sob o nome de Hatasú. Ella usurpou o throno a um irmão e reinou sobre o valle do Nilo, energicamente, durante trinta annos.

Para melhor affirmar que era igual aos Pharaós seus antepassados e que conquistára de espada na mão as terras de Ethiopia, fez com que suas estatuas a representassem com uma barba.

Tenho conhecido muita mulher barbada sem a visibilidade que a historia empresta á usurpadora egypcia e outras tantas sem barba capazes de fazer tanto ou mais do que ella.

Assim, como aos homens, ás mulheres se pode applicar aquelle dito do embaixador de Castella a um papa do Renascimento — que o merito não está nas barbas...

Corbiniano Villaça e Oscar Borgerth, dois artistas de grande prestigio em nossos circulos intellectuaes e sociaes, realizaram hontem, no theatro Casino, o seu annunciado concerto, que alcançou, como era de esperar, o mais brilhante successo. O barytono e o violinista de tantas glorias interpretaram classicos e modernos, proporcionando uma bella noite de arte ao nosso publico e aos seus admiradores.

Realizaram-se segunda-feira á tarde as commemorações do 246.º anniversario do padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o precursor da aviação, que em 1709 realizou a primeira ascensão do homem no espaço. Na praça Paris, no local onde se erguerá, futuramente, o monumento consagrador das glorias de Bartholomeu L. de Gusmão (1709), Júlio César Ribeiro de Souza (1881), Augusto Severo de A. Maranhão (1894) e Alberto Santos Dumont (1906), teve logar, ás 16 horas, uma solennidade, que consistiu no descerramento do marco ali existente, e á qual compareceram os representantes das altas autoridades da Republica e varias outras pessôas gradas. Proferiu o discurso official o prof. Pedro do Coutto. Terminado esse acto, dirigiram-se os presentes á Escola Nacional de Bellas Artes, onde se realizou brilhante cerimonia, que encerrou as commemorações daquella tarde.

ELISSA LANDI

CHARLES FARRELL

A NOVA ESTRELLA DA FOX

CORPO E ALMA

31 Agosto

PATHÉ PALACE

OS SETE DIAS DE "FON-FON" NO CINEMA

Fóra um casamento de amor.

TESHA

Producção da
British International
para o
Programma Serrador

Foi em uma festa dada em casa de sua mãe, em beneficio de um asylo, que Robert Dobree veio a conhecer Tesha, a linda bailarina russa. Sentiu que a amava e resolveu fazel-a sua esposa. Sua velha mãe apoiou a idéa, tanto mais que ella tambem via que a firma Dobree & Filho, que assim se mantinha em uma das mais prosperas industrias do paiz, havia para mais de oitenta annos, estava na imminencia de ser riscada das juntas commerciaes, attendendo a que, com a morte de seu marido, seu filho era agora o unico componente da firma. Se Robert sentia que amava Tesha, foi por esta tambem comprehendido, e si bem que o casamento para ella fosse o sacrificio de sua carreira, ella o acceitou.

Elle não a queria mais.

Personagens:

Tesha — *Maria Corda*
Dobree — *Jameson Thomas*
Lenane — *Paul Cavanagh*

Passaram-se cinco annos de uma vida feliz. Apenas uma nuvem no céo matrimonial — a

A presença daquelle homem era a morte do seu amor.

falta de filhos. Elle precisava de um herdeiro, para a manutenção de sua firma e porque queria um traço de união ainda mais forte, com a sua esposa. Ella os queria, tambem, por adorar as criancinhas, e por sentir que dar um filho ao esposo era fazel-o mais feliz ainda. E ella comprehendeu que a falta desse filho seria, talvez, um esfriamento na amizade de seu esposo. Mas por que essa falta? O medico da familia, muito amigo, foi franco com ella: — Robert jamais poderia ter um filho, em consequencia de um choque recebido durante a guerra...

Nesse dia em que ella soube essa verdade, teve de deixar Londres e ir a Southampton, á espera da mãe de seu marido. Lá, sozinha em um hotel, a influencia de um lindo luar, a presença de um joven... E ella teve a lembrança de um sacrificio de si propria e de seu pudor, para que o seu lar não ficasse tão sombrio e não viesse ella a perder o amor do seu esposo. De volta, no dia seguinte, ao seu lar, ella encontrou alli aquelle que ella encontrára na vespera e suppunha nunca mais ver! Era um amigo de seu esposo, Lenane, o seu companheiro de guerra!

Ambos souberam conservar o seu segredo, e Lenane partiu de volta para a Africa, de onde viera. E Robert Dobree veio a saber, cheio de enlevo, que o seu sonho emfim se realizaria! E, nas vesperas do seu grande dia, elle escreveu ao amigo, participando-lhe o que se ia passar. Lenane, tomado de paixão pela mulher que conseguira fazer sua, deixou a Africa. Em chegando a Londres, quando o amigo o levava a ver a esposa, Tesha deixou-se tomar por uma vertigem, e Lenane correu para ella. Era a revelação de tudo. Os dois homens se enfrentam. Dobree propõe que um desappareça, tomando a pistola que usára na guerra. E Lenane se recordou que elle tambem empunhára aquella mesma arma, quando salvára a vida do seu amigo... Dobree tambem se recordou do facto, e os dois se separam, depois de ouvir elle a narração de toda a verdade: — Tesha amava o seu esposo, e só o seu esposo, e déra aquelle passo por muito amal-o.

Foi na manhã seguinte que Tesha sentiu a consummação do seu sacrificio. Robert foi depois chamado aos seus aposentos. No leito, a esposa que o envolve com um olhar em que ha um pedido de perdão e a revelação de todo o seu amor e seu sacrificio. Nos braços da enfermeira, um vulto pequenino, todo envolto em linhos finos. O filho do outro... Mas o olhar de Tesha diz tudo, e elle tudo comprehende. Dirige-se para a enfermeira, toma a criança... beija-a e sorri para ella.

Amava apenas aquelle homem, que era seu marido.

O destino de um cavalheiro

Da Metro-Goldwyn-Mayer com

John Gilbert — Leila Hyams Anita Page - Louis Wolheim — John Miljan

QUANDO mais roseos eram os projectos de Jack Thomas, do correctissimo Jack Thomas, homem de sociedade, cavalheiro perfeito, eis que lhe chega uma terrivel revelação, de parte do seu tutor, o querido "Papa" Mario: Jack não era orphão, como acreditára até então. Seu pae estava vivo; tinha até um outro filho, e ambos viviam em Jersey City! Porque aquelle mysterio todo, então, se ter um pae e um irmão apenas pode ser motivo de alegria para um homem que se julga só no mundo? A verdade, porém, é que melhor fôra até que Jack Thomas não soubesse da existencia de seu pae e seu irmão. O velho, vendo-se á morte, resolve chamar o filho e dar-lhe a benção, e além disso, pedir-lhe que continuasse o "negocio" em companhia de seu irmão, Frank. O "negocio" de Giacomo Tomasulo, o nome de seu pae, constituia o motivo que determinara o mysterio todo: Giacomo era um contraventor da lei secca, era "gangster", um traficante de bebidas, e seu filho Frank era o seu braço direito. "Pilhado", um dia, quando fazia um contrabando, foi ferido e estava, agora, prestes a expirar. Ao defrontar-se com o pae moribundo e o irmão, carrancudo e cheio de odio, por causa da differença da condição social do irmão até então desconhecido, Jack Thomas sente o horror de sua situação. E elle que estava noivo de Marjorie, figura brilhante da sociedade! Elle — um homem que até então fôra a personificação do cavalheiro, do homem de caracter impolluto — filho de um "gangster"! Ser obrigado — ou a ser ingrato para o pae, que — á custa das contravenções, sim, mas cuidara do futuro do filho! — ou a passar a ser uma figura mentirosa para a sociedade, fazendo-se passar por um descendente de distincta familia, como elle acreditara ser, até então! Num encontro com Marjorie, elle a custo não deixa transparecer o que lhe ia n'alma. O velho Tomasulo, seu pae, lhe dera de presente, como lembrança, um collar de esmeraldas e elle o dá a Marjorie.

No dia seguinte, nervosa, contrariadissima, Marjorie telephona para Jack Thomas avisando-o de uma triste occorrencia: o collar que elle lhe déra fôra roubado de uma sua visinha! Quem attendeu ao telephonema foi Frank, que exigiu a presença de Marjorie em sua casa. Attendendo á intimação, Marjorie chegou a saber do que succedera na vida de seu noivo. Como Frank assim exigisse, justificando que, se o velho Tomasulo roubara o collar fôra unicamente para poder dar ao "filho rico, cavalheiro de sociedade", uma vida regalada, porque de outro modo não precisaria roubar — Jack Thomas confessa a Marjorie ter sido elle proprio o ladrão. Sem animo para proferir uma palavra, sequer, Marjorie retira-se. Alguns dias, para esquecer o que se passara, parte para a Europa, não sem deixar com Frank uma carta dirigida a Jack, em que dizia que comprehendia tudo, que lhe perdoava, mas que não poderia, naturalmente, ser sua esposa... Amargurado, sem animo para reagir ao infortunio que de repente envolvêra sua vida, Jack Thomas entregase, de corpo e alma, assim que o pae morre, ao "negocio" dos "gangsters". Sua actividade é grande. Foi preso. Teve escandalos. Foi temido. Agiu como um veterano. Soube enganar a Lei. Entretanto, nessa faina toda, animava-o uma esperança, uma am-

Uma linda joia para Marjorie.

bição: algum dia Marjorie voltaria. Rico, elle iria para longe com ella. Na carta, ella dissera que algum dia estaria de volta... Entrementes, as actividades de Florio, um "gangster" rival, redobram. A ambição desse "gangster" é aniquilar Jack Thomas, que matara um seu auxiliar. Frank, atilado, resolve fazer um "banquete de paz", pretexto para tomar conhecimento dos planos do rival. Nesse banquete, a que Jack comparece em companhia de Ruth, uma pequena que fôra noiva do "gangster" morto por Jack e que, maltratada, se refugiara entre os companheiros de Frank e Jack, — Florio se defronta com o antigo "gentleman". Nada ha, porém, nesse momento. Dias depois, Frank mostra a Jack um jornal com a noticia do casamento, na Inglaterra, de Marjorie. A desillusão de Jack não tem limites. Elle rememora todos os sacrificios que fizera por sua causa. Tornara-se contraventor, matara um homem... tudo por causa de Marjorie, que agora pertencia a um outro homem. E num momento elle resolve o seu destino: casar com Ruth. Tudo é um mundo de ternura. Elle a desposa e estão para partir em viagem de nupcias para a Europa. Florio, entretanto, estava alerta. Sua sêde de vingança, por causa da morte do seu auxiliar, era enorme. E por uma cilada, elle consegue attrahir Jack Thomas á sua residencia mais cedo do que devia ser, emquanto Ruth preparava a mala. Jack surprehende-o, porém, mas a luta é cerrada. Jack fére de morte o

«Sêde honestos e bons!»

"gangster" rival... mas tambem recebe um tiro que o prostra. E nesse mesmo dia, pelo anoitecer, elle expirou nos braços de Ruth e deante do rosto agora cheio de ternura de seu irmão. De ambos elle recebe um juramento: elles deixarão aquella vida. Serão honestos. Frank tomará conta de Ruth. Com um sorriso e recebendo um beijo de Ruth, elle expirou. E assim terminou o destino daquelle que julgou que jamais deixaria de ser um cavalheiro...

Um sonho que não acabaria mais.

UM TRIUMPHO!

A VÓZ DE JOHN GILBERT

EM

O DESTINO DE UM CAVALHEIRO

(GENTLEMAN'S FATE)

COM

LOUIS WOLHEIM
ANITA PAGE
LEILA HYAMS
MARIE PREVOST

ENREDO DE URSULA PARROTT, AUTORA DE "A DIVORCIADA"

SEGUNDA-FEIRA DIA 31

PALACIO THEATRO

(CIA. BRASIL CINEMATOGR.)

NOTAS DE ARTE

DE OSCAR D'ALVA

ORCHESTRA PHILARMONICA DO RIO DE JANEIRO — Entre fervorosos e merecidos applausos, terminou a 1.ª série de concertos da O. P. R. J., dirigida pelo joven e notavel maestro brasileiro, de origem allemã, Walter Burle Marx. De 18 de maio a 17 de agosto realizou a excellente orchestra no T. M. 12 concertos, de que o ultimo em a noite do penultimo lunedia. Ouviram-se, então: a *Abertura* da op. de Weber — "Oberon"; a peça ecletica de Wagner — *Siegfried Idyl*; e, afinal, a grande composição de Liszt — *Fausto-Symphonia*, para orchestra e côros.

Formaram as tres peças uma série em que se admiraram e se applaudiram tres bellos e differentes estylos. A deliciosa frescura da inspiração weberiana, alimentada por contos de f a d a s, appareceu-nos através de uma das composições mais typicas do artista, a que, talvez mais do que qualquer outra, nos dá a impressão de um painel sonoro, de côres vivas e cantantes, que nos extasiam e embriagam. Com muita razão já se disse da protophonia de "Oberon" — "pelo seu maravilhoso colorido orchestral parece respirar o chimerico ambiente das fadas e dos elfos." A orchestra de Burle Marx fez-nos respirar esse ambiente. O poemeto de Wagner é uma especie de pequena anthologia de trechos lyricos do mestre de Beyreuth; está longe, no emtanto, de caracterizar-lhe a obra gigantesca. Ouvindo-a, dir-se-ia pertencer a outro artista, se não se lhe descobrissem themas da "Tetralogia". Agradou, no emtanto, e agradou, sobretudo, pela berceuse popular que o compositor estylizou. Mas nem Weber, nem Wagner foram os maiores nomes do concerto. O primeiro logar coube a Liszt, o genio hungaro que, pelas maravilhas de sua interpretação pianistica, nunca attingida antes ou depois, soffre a injustiça de não ser considerado pelo publico, e mesmo por muitos criticos, como um dos maiores compositores de todos os tempos, creador de genero novo, de processos novos, verdadeiro successor de Beethoven, e, embora contemporaneo, precursor de Wagner. Isso dizemos sem autoridade technica para julgar-lhe as obras, mas pelo sentimento que ellas nos inspiram e apoiado na opinião de mestres que as estudaram. Nenhumas outras justificam melhor a grandeza creadora de Liszt que as duas symphonias inspiradas na *Divina Comedia* e no *Fausto* — a maravilhosa epopéa em que Dante cantou a Humanidade segundo a religião catholica, e o grande poema, em que tambem Goethe cantou a Humanidade, mas segundo a metaphysica revolucionaria. Liszt impoz-se tarefa ingente e parece que, se não attingiu, ficou bem perto do alvo collimado. As duas composições reflectem a natureza grandiosa dos dous poemas. A só differença resulta da propria diversidade dellas. Assim como a *Divina Comedia* é, sob todos os aspectos, superior ao *Fausto*, a *Dante-Symphonia* vale mais que a *Fausto-Symphonia*. Mas são ambas duas extraordinarias grandezas. Do valor da primeira tivemos conhecimento através da Orchestra da Sociedade de Concertos Symphonicos, regida por Fr. Braga, e do Côro da Escola de Canto do T. M., quando executada nesse theatro em 30 de julho de 1927; da ultima conhecemos os primores ouvindo-a pela O. P. R. J., regida por Burle Marx, e pelo Côro da Sociedade Coral Harmonia. Das tres partes da ultima, a que mais impressiona é a que musicaliza a figura de Mephistofeles. A verdade, porém, é que cada uma procura exprimir musicalmente a tragedia sentimental da symbolica triade: Fausto, Margarida e Mephistofeles. Para assimilar as duas symphonias, para gozál-as convenientemente, seria de louvar ouvil-as com mais frequencia e, se possivel, simultaneamente.

A não ser algumas restricções que se possam fazer ao solista dos côros, pareceu-nos de execução quasi impeccavel a *Fausto-Symphonia*. Burle Marx imprimiu-lhe, como aos outros numeros, todo o seu enthusiasmo de mestre da batuta.

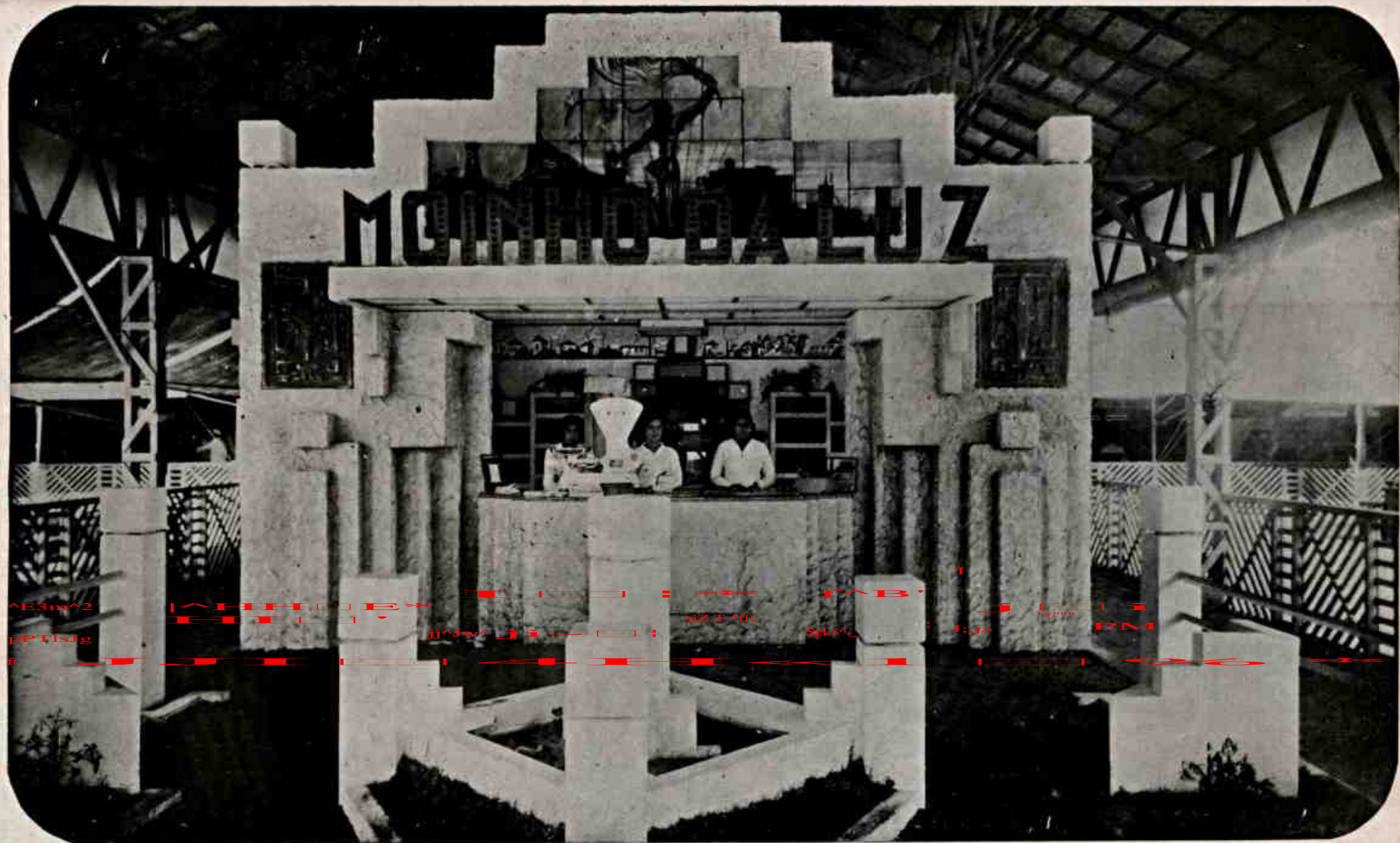
LEA BACH — Ouvir a famosa harpista — que nunca tinhamos ouvido, era o nosso mais intenso desejo, quando na tarde de 21 de agosto penetrámos no Theatro Casino para assistir ao concerto que, com o concurso de suas alumnas, realizou a sra. Lea Bach. Satisfizemol-o, não com a plenitude que queriamos, pois foram rapidos os momentos musicaes que nos proporcionou a artista hespanhola, mas tanto quanto bastou para reconhecermos que a realidade excedeu a nossa espectativa. Apesar da fama que a precedia, não pensavamos fosse tão grande o merito da insigne virtuose. A sra. Lea Bach tem o condão de transformar a harpa num instrumento vocal, como o violino e o violoncello, que dispensasse acompanhamento. Não são harpejos mas gorgeios os sons que dedilha. A par de todos os recursos da technica, que têm o merito de apenas se adivinharem sem se verem, avulta o canto interpretativo. A sensibilidade da artista, cujo semblante revela toda a gamma de emoção que a musica lhe suggere, se exterioriza e vem envolver os ouvintes numa atmosphera de enthusiasmo e fascinação. Foi o que experimentámos ouvindo as admiraveis interpretações de todo o programma: *Etude*, de W. Posse; *L'églantine* e *Dans la cabanne invienne*, de Macdowell; *Torre bermeja*, *Rumores de la caleta* e *Jazz band*, de Albeniz-Tournier.

— Que estás fazendo, Pedrinho?
— Estou fabricando calças para os meninos orphãos e pobresinhos.

Instrumento ethereo e hieratico, destinado a produzir sonoridades seraphicas ou pomposas no conjuncto orchestral — como o caracterizam os musicistas — a harpa em sólo não perde essas qualidades sob os magicos dedos de Lea Bach; ao contrario, a excelsa artista as aprimora e sublima, commovendo e empolgando os ouvintes.

Mostraram-se as alumnas dignas da mestra tocando, além de alguns extra: a menina Nini Bittencourt Sampaio, com 6 mezes de estudo — *Allegretto*, de Mozart, e *Petite berceuse*, de Hasselmans; a menina Accacia Brasil, com 8 mezes de estudo — *Menuet*, de Godofroid, e *O cravo brigou com a rosa*, de Villa-Lobos; e as alumnas do curso de aperfeiçoamento: sra. Diva Mendes — *Gitana*, de Hasselmans; sra. Zuleika Vieira Bittencourt Sampaio — *Impromptu*, le Pierné; sra. Jacy Lobato — *Lolita la Danseuse*, de M. Tournier. Era de ver-se o talento e a correcção que revelaram as duas garotinhas que pareciam anjos a tocar, e a sentimentalidade ou a bravura das interpretes, sras. Diva e Jacy. Apesar do nervosismo que acommetteu a sra. Zuleika, com a surpreza do rompimento de uma corda da sua harpa, notámos ser talvez de todas as alumnas a que mais patenteou a faculdade maxima do artista: o poder de communicar a emoção.

O otteto de harpas, dirigido por Lea Bach, e em que figuravam, além das já mencionadas, as alumnas senhoritas Lavinia Guimarães Natal, Anna Martins e Luiza Lloboria, foi de curioso e emocionante effeito. As 8 harpas cantaram toda a belleza religiosa da obra de St. Quéntin — *Carillons blancs et carillons noirs*; *Cloches matinales*, *Cloches mélancoliques*, *Air de carillon* — inspirada nos versos de d'Ariac e Beaudelaire.

Foi bella e rara festa de arte o concerto da eminente professora e notavel artista.

O conhecido e conceituado Moinho da Luz, que produz a melhor e a mais apreciada farinha consumida no Brasil, e é um estabelecimento tradicional pela sua industria e pelo nome de seus directores, figura na Feira de Amostras do Palacio das Festas com um lindo «stand», onde o producto daquella empresa se acha condignamente exposto ao exame popular. A photographia desta pagina mostra o «stand» do Moinho da Luz, artistico e moderno, guardado por tres silhuetas femininas.

CAIXA DE SURPRESAS

Para as chuvas imprevistas

Nas ruas de Berlim installaram-se numerosos apparelhos automaticos cuja utilidade as chuvas imprevistas já comprovaram sufficientemente. Ao cahir um aguaceiro inesperado — coisa tão commum na nossa cidade — qualquer transeunte pegado de surpreza, poderá rapidamente, munir-se de um guarda-chuva de... emergencia, a preço realmente insignificante. Basta, para tanto, chegar a um daquelles apparelhos e introduzir no mesmo uma moeda equivalente a quatrocentos réis brasileiros para se ter um guarda-chuva de papel impermeavel, fabricado com material capaz de resistir a uns tantos aguaceiros.

Pratico e barato.

O amor não tem idade

Em Belgrado celebrou-se, ha pouco, o casamento de um macrobio de 108 annos, chamado Ibrahim Goyan, com uma bellissima creatura de apenas trinta primaveras... Goyan já era tres vezes viuvo, tendo tido um filho, de sua terceira mulher, aos 92 annos. E promette, risonho e satisfeito, dar uma "prolezinha" á quarta, se a "morte" o deixar em paz ao menos por um mez.

Vocabulario feminino

Segundo Affonso Karr, quando algumas mulheres, em publico, se referem a outras, deve-se ter muito em conta o especial significado que dão ás suas palavras.

Para ellas, uma mulher "bem formada" é a negação da belleza, principalmente do rosto: de ordinario applicam tal denominação ás que têm marca de variola, espinhas, defeitos nos olhos ou nos cabellos, etc.

Uma "bôa senhora" suppõe idade mais que regular, gordura alentada e intelligencia que não vae muito além do nariz.

Uma "moça graciosa" é, geralmente, uma creaturinha quasi microscopica, rachitica, que se recommenda somente pelos seus olhos ou pelo seu sorriso.

Uma "creatura muito gentil" é uma infeliz que nunca sahiria á rua se consultasse, com cuidado, e imparcialmente, o seu espelho.

Uma "excellente creatura": esta phrase, diz Affonso Karr — que não se atreve a traduzir-lhe a significação, porque toda a displicente perfidia das mulheres nella se encerra...

Machina para medir o pensamento

Muitos homens de sciencia já terão estudado a possibilidade de serem medidos os impulsos que constituem os pensamentos mais communs, porém o doutor Metfessel sustenta ser o primeiro que conseguiu esse resultado.

Colloca-se o "metro" nos pensamentos deante de um apparelho especial em que ha uma lampada electrica ampliadora. Com um par de electrodos na lingua, o paciente está preparado para a "operação". Esses electrodos — diz o professor — captam as sensações mais delicadas produzidas pelos impulsos nervosos do cerebro, que se reproduzem no amplilador, de onde, depois, será possivel obter sua transformação em sons, fixados num alto-falante, ou em ligeiras ondas, que talvez pudessem ser photographadas.

GOTTAS...

Só o amor é capaz de encher uma vida inteira. Enchêl-a de luz ou enchêl-a de trevas, de doçura ou de amargor...

* * *

Falta-nos tudo, ás vezes; só se tem um nada... um nada que é tudo... e se é feliz. Tem-se tudo, ás vezes; só nos falta um nada. Mas esse nada é tudo, e se é desgraçado.

* * *

Cada um vale pelo bem que tem feito e pelo mal que tem soffrido.

* * *

A gente sáe de uma grande prova como de um banho de luz.

* * *

Ninguem nasce para se perder: todos nós nascemos para herões ou santos.

* * *

Infidelidade é fraqueza de caracter: reincidencia na infidelidade, falta de caracter.

* * *

Luz nenhuma é perigosa.

* * *

Salvar moralmente alguem é tornal-o mais feliz, fazendo-o melhor.

* * *

Todo o amor deve possuir azas, elevar-se a alturas inaccessiveis...

O amor que rasteja deve ser sacrificado.

* * *

Alma é a scentelha divina accesa em nós.

* * *

Felicidade é a esperança de possuir um bem que não se alcança.

* * *

Antes ser profundamente desgraçado do que mediocremente feliz.

* * *

A saudade é uma lampada accesa no santuario do coração.

* * *

A tolerancia é apanagio da intelligencia e da bondade.

* * *

Todo aquelle que emprehende uma obra ou uma reforma, tem de pagar o seu tributo de desillusões e contrariedades. Depois é que chegam os primeiros triumphos.

* * *

Vive o dia de hoje como si devesses morrer amanhã.

* * *

Julga os outros com a mesma benevolencia com que julgarias teu irmão.

Poucos conhecem a distancia que vae do prazer á felicidade.

* * *

O poder da vontade é como a fé: arreda montanhas...

* * *

A gente só perde aquillo que deixa de dar.

* * *

Bemditas as mãos que se abrem para dar!

* * *

O poeta não é apenas uma voz. E' uma personalidade, uma creatura que ama e soffre, um ser independente e distincto, uma vontade consciente. O seu canto é uma acção.

* * *

A harmonia, mesmo quando não scintilla nas palavras do poeta, preside á sua eclosão como um genio invisivel e bemfazejo, pois ella é a alma das coisas e reina desde as ondas do mar até a ronda dos astros.

* * *

Nada se perde: sorriso, lagrima, palavra, gesto, tudo repercute até o fim dos tempos.

REGINA RIZZETI.

Moinho Inglez

FEITOS para os seus filhinhos. Gostosos e muito engraçados. São ursos, elephantes, serpentes, gatos, cachorros... toda a arca de Noé!

Ante os biscoitos Aymoré ZOOLOGICOS as creanças dão largas á imaginação. Que alegria! Já notaram como os petizes sabem architectar verdadeiros romances em torno de qualquer cousa que tenha o dom de lhes impressionar o espirito?

Pois os saborosos biscoitos Aymoré ZOOLOGICOS falam de bem perto á imaginação e ao paladar dos seus filhinhos.

ZOOLOGICOS

BISCOITOS AYMORE'

O NANICO

MOÇA ainda, alta e magra, de uma pallidez que mais se evidenciava pelo contraste com as olheiras fundas e violaceas, vestindo o uniforme pardo-sujo, liso, sem um enfeite, confundia-se com as outras reclusas da Penitenciaria, mas dellas se distinguia por seu feitio calmo e polido e pela maneira facil e eloquente de falar. Ao contrario das demais criminosas, culpava-se, mostrando até uma certa satisfação em narrar as passagens culminantes de sua vida infeliz:

— Para falar a verdade, eu nunca o amei; sentia, sim, por elle, uma especie de compaixão e amizade. Todo mundo o ridicularizava, todo mundo o escorraçava, pobre coitado! Que culpa tinha do seu defeito, si foi Deus quem o fez assim?... Que era implicante e antipathico, não nego; miudinho, enfezado, com cara de sapo, parecia um desses anõezinhos das gravuras em que a gente acha muita graça quando somos crianças. A's vezes, na rua a passeio, eu tinha vontade de rir do seu convencimento a meu lado: era assimzinho mas punha toda a imponencia no andar lançando olhares ameaçadores aos homens grandes. Para mim foi até bom demais; tratava-me com tanto carinho e dedicação, que em tempo cogitei que o amasse. Mas não era possivel; afinal, o que se pode chamar amor? Deve ser alguma coisa mais que bôa-vontade, attenção e respeito, deve ser... Por isso é que digo que nunca o amei, nunca! Elle, sim, tinha por mim mais do que amor, não não é pretenção da minha parte; elle me adorava — os factos estão ahi para o provar. Quando se dirigia a mim, seja lá por que fosse, era sempre delicadamente, cheio de tremor na voz; e quando me olhava? Juro, que Deus me perdoe, punha uma expressão tão pallida e fervorosa, que parecia a que tem os olhos do martyr São Sebastião dirigidos ao Céo. E' que eu para elle era tudo; si pudesse, ter-me-ia collocado num altar. Pobre Nanico! Surprehendia-o, ás vezes, com os olhos rasos dagua, e o interrogava:

— Que é isto, bôbo?

Respondia-me, enxugando as lagrimas, envergonhado:

"— Nada, Bembem; estava pensando em mim e em você...

"Em principio, logo que eu o conheci, tambem caçoava delle... Foi lá na casa de pensão da minha mãe; isto deve fazer uns dez para doze annos; era, então, uma rapariga atrevida, de meus dezoito annos, muito viva e namoradeira. Um dia elle alugou o quarto peor da casa; não imagina como o recebemos! Todos achavamos graça no seu tamanho e nos seus modos, e só o tratavamos por Nanico. Era trabalhador, direitinho, pontual em seus pagamentos, mas tinha um genio um tanto irritadiço e não admittia que ninguem o encarasse, perguntando logo: "Nunca viu?" E si a gente teimava, investia decidido. Muitas vezes tivemos de apartar brigas delle com outros hospedes da pensão, geralmente crianças. Fóra disto, não importunado, tornava-se uma creatura bôa e accessivel. Pedi-lhe, certa vez, que me fizesse umas compras, e de tal modo se prestou, que comecei a sympathizar com elle. Só mais tarde é que percebi que tinha por mim mais do que simples sympathia... Descia, assim á noitinha, quasi todos os dias, ao pateo para conversar com um namorado; Nanico chegava do trabalho mais ou menos a essa hora. Sempre que passava por nós, lançava-me um olhar tão triste e profundo, que o sentia como uma reprehensão por tudo que praticavamos naquelle logar ermo... Acontece que, de uma feita, um cão da vizinhança, bravo como um lobo, galgando o gradil que separava as duas casas, investiu contra nós... O meu namorado, agil mas covarde, fugiu, espavorido, e eu, entregue á sorte, ia sendo estraçalhada por aquella fera! Aos meus gritos de angustia, acudiram diversas pessoas, mas só uma se animou a agir: foi o Nanico. Ninguem o imaginava assim... Atirou-se ao animal e, com aquellas duas mãos pequenas mas fortes, agora transformadas em verdadeiras garras, comprimiu o gasganete do animal, asphyxiando-o, até que os outros completaram, á custa de cacetadas, o seu acto heroico. Da luta elle sahiu em estado lastimavel: todo mordido e arranhado; em signal de gratidão, servi-

— O baptismo do filho da campeã de natação...

Balcão-Florido

(Conclusão)

a vaga e perfida promessa de felicidade que sorri no teu sorriso...

— Promessa, somente?

— Sim. Porque até nisto soubeste ser uma mulher differente das outras.

— E se eu fosse além da promessa?

— Deixarias de ser Melindrosa; serias uma mulher que se dava inteiramente; uma mulher incapaz de *camouffler* a vida, porque perderias em força e poder de artificio o que ganharias em força e poder de sentimento, de amor, de illusão...

— De amor? de illusão? E quem sabe se a illusão do amor não é a unica "realidade" da propria vida?

— Talvez tenhas razão. Mas, Melindrosa, não te lamentes. Melhor viverás assim como tens feito até hoje: sempre a fazer soar os guizos da tua alegria... Sempre a dares a entender que não tens nem cabeça, nem coração...

— Mas é tão bello... tão bello, o amor!

— Foi...

— Foi? E por que já não o é?

— Porque tu o mataste...

— Eu?!

— Sim: tu e as outras...

— Que "outras"?

— As "garçonnes", as garotas modernas, ultra-modernas, do seculo trepidante do avião...

— Mas elle — o amor — acredita, viverá sempre...

— Desconheço-te!

— Tirei a mascara...

— Para que?

— Para ser o que realmente sou: mulher!

— Até quando?

— Emquanto amar...

— Vem commigo.

— Para onde?

— Para o amor, para a unica illusão de felicidade que ainda se pode ter na vida, minha filha...

— Sim. Irei comtigo, de olhos fechados, para qualquer parte, porque sinto que és um homem a viver, ainda, no presente, com a alma sadia e um tanto ingenua do passado...

— Conhecemo-nos ha tanto tempo...

— Lembro-me, sim... Eras tão alegre e tão exquisitamente gentil. Chamavas-me a "sombra chineza" da tua vida e dizias-me, nas paginas de FON-FON e, tambem, nos chás, nos cinemas, nas festas, umas coisas tão lindas... Tão lindas e tão carinhosas, que me perturbavam... De uma vez fizeste-me chorar, quando escreveste que eu não era mulher, porque não tinha coração, como se eu fosse alguma "garçonne".

— Fui máu, sim. Porque, justamente, em teres orgulho de ser mulher, e em teres um pequenino coração de *rouge* capaz de conter o infinito mesmo do amor, é que te differencias da "garçonne" de hoje, typo medio entre a mulher e homem, de uma sexualidade duvidosa...

— E é...

— Tambem pensas assim?

— Ellas, ás vezes, têm cada extravagancia...

— Como? Que queres dizer?

— Ah! Quer saber muito... Não sei...

— Uma só dessas extravagancias...

— Ora... Lêem aquelle Freud e acham que na vida, no amor, tudo é instincto, exigencia organica, physiologica... Sei lá... Não as entendo. São tão complicadas... Amam-se, apaixonam-se entre ellas mesmas...

— Ah! Estás a rir. Disse alguma tolice, algum disparate?

— Não, minha tontinha. E's um encanto, falando assim...

— Levianamente...

— Não: como mulher, em quem ainda ha um pouco de anjo e de *petit diable*...

— Então, ainda me queres?

— Muito.

— Continúo a ser a "Sombra chineza" da tua vida?

— Sim. E, tambem, a canção brejeira do meu coração...

HELIANTHO.

A RONDA DO ESTOMAGO

— Não me faleis da vida provinciana, repetia a velha senhora do 6.º andar. Ah!, a gente *come*, quasi sem sentir, a fortuna que se tenha. Todo mundo acha-se no direito de se informar da nossa vida, das nossas crenças, dos nossos gostos, do que gastamos no fornecedor, do que almoçámos ou jantámos. Por mais calafetada que se traga a nossa casa, ella sempre será de vidro para os indiscretos. E, tambem, por mais inatacavel que seja o nosso passado, ainda assim não fará calar a lingua dos maldizentes.

"Eu, por exemplo viuva e já entrada em annos, poderia, facilmente, ter deixado a capital para enterrar-me prematuramente na provincia, a gozar a chamada "tranquillidade" campesina. Mas, para que? Quem sempre amou o imprevisto, a agitação, sente-se mal quando constrangida nos seus movimentos. Não. Não deixarei Montmartre, não abandonarei meu ninho, sob astilhas, nem me privarei dos prazeres que estão á minha disposição desde que eu desça do meu apartamento. Logo nesta rua, — um theatro; ali, na praça, um cinema, um circo, um concerto; por toda parte casas de modas, armarinhos, restaurantes, musica, danças, risos, alegrias...

As delicias de um pic-nic...

"Nem se me objecte que quasi nada disso aproveito, devido a minha idade e os pequenos recursos financeiros de que disponho. Porventura me preoccupo comvosco? Então, porque vos preoccupaes commigo? Não me interrogueis; deixai de vos espantar com os meus habitos e com os meus propositos, porque isso não é digno de citadinos, que, hoje, sois, conforme vos considera a perfeita parisiense que sempre fui. Segui o vosso caminho e deixai-me em paz. Bom dia, senhor. Bom dia, madame. Adeus, senhorita!... Respeitai todos a minha necessidade de independencia e, juntos, brademos: "Viva Paris, que permitte que sejamos estrangeiros, uns para os outros, embora sejamos todos muito bons francezes!"

A todo momento, ella retomava o fio do seu invariavel monologo, sem que ninguem se désse ao trabalho de interromper. Diziam-na *détraquée*, amalucada pela edade, que a tornava assim — ranzinza e impertinente. Sahia todas as manhãs, enchapellada, enluvada, ridicula e grotescamente *coquette*. Não raro voltava á noite, curvada pela fadiga. Onde passaria os dias? Julgavam-na mais ou menos rica, vivendo de suas rendas.

E, realmente, ella o fôra, numa epoca em que era preciso pouco para se viver e passar como capitalista. Ainda agora possuia uns restos de rendimentos, que lhe permittiam viver, sem trabalhar, como outras velhas que morrem na luta pela vida.

Seus vestidos, fóra de moda, emprestavam-lhe ainda uma elegancia comica mas decente e ella não só nunca se queixava de difficuldades como pagava pontualmente ao seu senhorio.

— E' uma ricaça — affirmava a porteira. Quando ella "fôr desta para melhor" apparecerão os pacotes de notas de banco no meio dos seus cacaréos. Veremos se isso não se dará...

Emquanto, porém, não offerecia aos outros esse espectaculo posthumo, ella continuava na sua faina de todo dia, sahindo logo ao amanhecer para só voltar com o cahir da noite, quando o commercio de comestiveis começava a cerrar suas portas.

Porque era esse genero de negocio, e não qualquer outra cousa, que motivava suas idas e vindas através de Paris. Assim como outras pessôas, apaixonadas pela arte, frequentam os museus, assiduamente, orgulhando-se de terem contemplado todas as collecções — nacionaes ou particulares, a velha senhora do 6.º andar se orgulhava de frequentar as casas de comestiveis que apresentam um mostruario de "provas" gratuitas para os seus freguezes.

Ao chegar-se só se tem o trabalho de seguir a multidão, onde pullulam muitas outras velhas, com o classico guarda-chuva, e velhos senhores que talvez tenham sido filhos de paes ricos no declinio do Imperio. Em vão se procurará em outra qualquer parte linguagem, trajes e modos e gestos semelhantes ao que ahi se vê. Estes cavalheiros e damas não julgam encontrar-se, casualmente, numa feira-livre, que elles nunca se aventurariam a visitar. Encontram-se simplesmente deante de pratos contendo amostras de frios, conservas, etc., e obedecem, rigorosamente, ao convite que lhes é feito, mais ou menos nestes termos: "Provai as nossas finas salsichas, senhores e senhoras! Experimentai os nossos queijos especiaes, etc.!" E avançam todos, para esses e outros pratos, ou para pequenas porções de chocolate, emquanto o pregoeiro grita: "Garantido, puro chocolate com assucar!... Provai! Provai!" E assim, para o mais: bôlos, frutas chrystalizadas. Boccas a mastigarem constantemente, aqui um prato de resistencia, ali uma sobremesa especial.

A "prima donna" (cantando). — Beija-me outra vez — zz-z!...

Velhos senhores e respeitaveis matronas trocam suas impressões, fazem suas apreciações gastronomicas, emquanto os empregados, com o "circulez" habitual vão pedindo a uns e outros para mudar de logar, afim de serem attendidos os freguezes que esperam...

Moça Bonita...

Ella, risonha, attrahente e bondosa, apparecerá ao carioca para ser a preferida: Loteria do Estado do Paraná, que vae correr todas as segundas-feiras, distribuindo 75% em premios, e para enriquecer os seus admiradores offerece, depois d'amanhã, com 14 milhares apenas, 50:000$ por 15$, meios 7$500, fracções a 1$500. Em 14 de Setembro — 100:000$ por 25$, fracções a 2$500, só 16 milhares. A lista official apparecerá, possivelmente, todas as quintas-feiras na penultima pagina do «Correio da Manhã».

De Jeanne Landre

Ainda não é tudo. Mais adeante, num outro departamento, "provam-se", em copos lilliputinianos, marcas de vermouth, vinhos do porto, ou, em chicaras de dimensões menos reduzidas, café, chá, uma mistura quente qualquer. Apperitivos, digestivos, nada falta.

Certamente todas essas dignas senhoras e cavalheiros, que foram, talvez, bellos rapazes nos tempos do Imperio, precisam estar sempre alerta para obterem o seu logar e serem servidos. Depois, mesmo para que não fiquem muito notados, ganham a rua a procura de um segundo, de um terceiro armazem de victualhas que, para propaganda e reclamo, "rogam" á clientella a "gentileza" de "provar" alguns de seus generos alimenticios.

E era graças a esse curioso systema de "fazer pela vida" que a velha senhora do 6.º andar conseguia pagar o seu aluguel sem recorrer ao producto das poucas centenas de francos do seu rendimento, que davam apenas para saldar seus compromissos de casa. Para o seu apparente luxo, ella possuia alguns vestidos, que tinham sido bonitos, chapéus, que já estiveram na moda, luvas, etc. — tudo á antiga. Para satisfazer as exigencias do estrangeiro, nada mais do que percorrer Paris, á busca de bôas e appetitosas "degastações" — gratuitas.

— Ah! o que seria de nós, sem os providenciaes thesouros da Cidade Luz? — dizia a velha dama ao ouvido de um macrobio anonymo, em quem, numa dessas fartas casas de.... "emergencia", ella reconhecia um companheiro de miseria.

— Papae, queres me dar um pouco do restaurador de cabello que usas? Está cahindo todo o pello da minha escova de dentes...

Estabelecida a necessaria confiança, trocaram-se informações:

— Em Batignolles ha, actualmente, uma pastellaria que distribue excellentes amostras de pasteis, queijos, etc.

— Em Belleville beberiquei um vinhosinho que era uma delicia...

— Se as vossas pernas ainda resistirem á sahida da rua de Ménilmantant, ahi encontrareis, bem no alto, uns fabricantes de alimentos comprimidos que vos offerecerá porções dos seus productos, bem gostosos, por signal.

Trocadas estas informações, os dois despediram-se, satisfeitos por se terem prestado mutuos favores, e, depois, cada qual continuou a sua "jornada de provas", o seu "curso á comida".

Ao anoitecer, chegada a casa, a velha senhora ia dizendo para a roda de todo dia:

— Que epoca horrivel a nossa! Fecham-se bancos, desapparecem fortunas. Ricas de hontem, hoje nada têem: trabalham como qualquer miseravel. E se fosse apenas isso!... Ha peor. Muito peor... pois ha infelizes, centenas, milhares de infelizes condemnados a viver a custa das "sopas" populares!

Dito isso, a reverencia do costume: "Bôa noite, senhoras! Adeus, senhores!... Durmamos em paz, nós que somos favorecidos pela fortuna."

CASA RIVER

ATTENÇÃO

Aos cavalheiros de fino gosto recommendamos a **CASA RIVER**, *a unica especialista em artigos finos para homem. Especialidade em calçado de luxo para festas elegantes. Chapéos de feltro e palha, todos os feitios e preços*

CALÇADOS - CHAPÉOS - MEIAS GRAVATAS - BENGALAS, etc.

EDUARDO BARBOSA & CIA.

ASSEMBLÉA, 44/46

TEL. 2-5477 — RIO

MARAVILHOSA DESCOBERTA PARA AS MOLESTIAS DO ESTOMAGO

Depois de grandes estudos e cuidadosas experiencias, o Director do Instituto Freuder resolveu expôr á venda o "Digestivo Eyer", maravilhoso remedio contra as perturbações de digestões, dôres e peso no estomago e desarranjos intestinaes.

O "Digestivo Eyer" lançado na Allemanha, teve grande acceitação das summidades medicas, o mesmo acontecendo no Rio de Janeiro e em S. Paulo, razão pela qual recommendamos o "Digestivo Eyer", a todas as pessôas que soffrem do estomago, na certeza de que o resultado é sempre positivo e de inteira confiança scientifica.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias. Caixa Postal 1751. — Rio de Janeiro.

SEARA

Os mosquitos — lyricos — São os poetas, e dividem-se em quatro grandes familias, qual mais perversa e endemoniada. A primeira é a dos mosquitos *sentimentaes*, que são os apparentemente mais inoffensivos, muito embora, na realidade, haja motivos bastantes para que a gente se afaste delles. Têem um zumbido doce e dolente, que, a principio, é toleravel, mas, depois, se torna insupportavel.

A segunda familia é a dos *philosophicos ou transcendentaes*. Não é tão numerosa, mas, em compensação, é infinitamente mais devastadora. O mosquito-philosopho costuma ler muito e annota, cuidadosamente, num caderno de memorias, as phrases brilhantes e os pensamentos profundos, para esmaltar com elles suas hybridas creações.

Vem depois a familia dos *legendarios* ou, melhor dos lendarios, que não toleram a edade moderna e depreciam a antiga. A unica época historica que os seduz é a comprehendida entre a irrupção dos barbaros e á Renascença.

Dentro desta época á instituição que desperta maior copia de romances actosyllabos e endocassyllabos é o feudalismo.

Os mosquitos *classicos* levam como vantagem aos seus companheiros, o conhecerem a rethorica.

Têem obtido premios em varios certamens poeticos e, em todas as partes, fazem reclamos de sua forma purista, que os jornaes classificam constantemente de *galharda*.

Depois de alguns annos de *preparação*, sem nada escrever, porém sempre frequentando os salões aristocraticos, o mosquito *classico*, como recompensa de sua brilhante carreira literaria, é levado, em triumpho, á Academia. — A. PALACIO VALDES.

Á morte A morte vale mais que a vida para aquelles que somente dores e provações têem colhido no mundo. Os desgraçados devem desertar da vida, que é um festim onde não ha logar para elles. O pessimismo é uma coisa inutil. Mas o homem, mesmo o martyr, apega-se á vida, primeiro porque duvida, e, logo mais, porque teme, isto é, porque receia a dôr physica que prepara a destruição de si proprio. A duvida, no emtanto, existirá, talvez, sempre, como o mais humano do ser; quanto á dor physica da morte voluntaria, mesmo que seja grande o bem que se compre pelo preço desse sacrificio, parecerá ao homem sempre carissima. Porque o homem é avaro da sua vida.

Conta formosa lenda terrena que um propheta resuscitou o irmão de duas piedosas mulheres.

Se alguem pudesse, como no relato biblico, prender a chamma da existencia em lampadas humanas vazias de azeite vital; se alguem pudesse recolher e fundir os atomos dispersos que animaram um ser, e se esse thaumaturgo me infundisse a vida, eu o

---

UMA NOTICIA COMMOVEDORA

Vilemessant costumava acolher com muita benevolencia todos os jovens que se iniciavam na carreira do jornalismo. Um dia apresentaram-lhe um rapazinho que, segundo dizia, se sentia com excellentes disposições para ser um perfeito jornalista.

Villemessant, disse-lhe:

— Muito bem, meu amigo. Você terá um logar no meu jornal e ficará encarregado de escrever alguns *sueltos* sobre assumptos que commovam o publico. Assim, poderei melhor julgar do que será capaz de fazer.

Tres dias depois appareceu no jornal uma noticia realmente commovedora e impressionante. Uma pobre mulher, cega, com o marido no hospital, morria de fome com seus dois filhinhos, num horrivel tugurio.

Villemessant leu a noticia, com profunda emoção, commovendo-se, mesmo, até as lagrimas. Em seguida, chamou o seu secretario e disse-lhe:

— E' preciso que você vá á rua tal, numero tantos. Ha, ahi, uma infeliz mulher, cega, com dois filhinhos, a morrerem de fome... Um horror!... Um quadro tetrico!... Leve-lhes, por emquanto, duzentos francos e, logo depois, falaremos sobre o que se possa fazer em favor dessa desventurada.

Algum tempo depois estava Teixeira — o secretario — de regresso. Naquela rua e numero não morava nenhuma mulher cega. A noticia era completamente falsa.

— Quem a fez? — bradou Villemessant.

— O novo redactor, esse rapazinho que entrou aqui ha poucos dias.

— Ah! bandido!... Fez-me chorar com as suas invencionices. Chama-o.

Chegado á sua presença, o joven foi logo se desculpando:

— Como o senhor me houvesse recommendado que escrevesse umas

MOSA

GRANDE DEPOSITO DE HARMONICAS
S/A M. DALLAPÉ & FILHO
STRADELLA — (Italia)
Harmonicas de luxo. Grande marca universal. Ultra elegantes. Peçam catalogos ao concessionario exclusivo no Brasil:
JOÃO SARTORELLO
Linha Mogyana (Est. de S. Paulo)
SÃO JOÃO DA BOA VISTA

A L H E I A

apostropharia, indignado, dizendo-lhe: — Por que me atiras ao espinhal illuminado, onde penetro sem desejo e de onde sahirei a contragosto? Por que de novo me sujeitas á dor, quando della me havia libertado?

Por que me fazes o mal da vida, Senhor? Por que?...

Não alimento, porém, o receio de que qualquer propheta venha a realizar a minha resurreição. — Blanco Fombona.

Falta de senso pratico — E' necessario dizel-o: Somos um povo pouco pratico. Sentimo-nos muito á vontade quando na esphera das idéas puras. E, quando della sahimos, é para promover revoluções que mais destroem do que edificam.

Somos todos, ou quasi todos, theoricos, idéologos. Acreditamos que tudo é possivel improvisar-se e que qualquer um é capaz de realizar, quando bem o entenda, as coisas mais importantes.

São bem raros os que têem a visão concreta das necessidades praticas.

Julgamos que as coisas se realizam immediatamente e não cogitamos das demoras que a sua execução sempre impõe.

Nossa admiração dirige-se mais aos oradores e escriptores; para aquelles que propagam idéaes e não para os que as realizam. Estes — industriaes, productores, operarios — etc., são sempre considerados como pertencendo a uma classe inferior.

Vêde os nossos estabelecimentos de educação: a importancia que lhes emprestamos está na razão inversa da sua utilidade.

Essa falta de senso pratico, verifica-se, aliás, assim nas pequenas como nas grandes coisas e seus effeitos são os mais desastrosos.

Em primeiro logar, paralyza toda as iniciativas, inculcando-nos no animo o receio dos perigos, dos riscos que teremos de affrontar e das difficuldades que se tenha de remover. Predispõe-nos, ainda, a toda classe de utopias que germinem em cerebros fallios de experiencia, fazendo-nos admittir como verosimiveis as idéas mais absurdas. — Paul Gautier.

A' tua espera — Espero-te no campo. Vai cahindo o Sol. Sobre a planicie desce a noite e tu vens marchando ao meu encontro, naturalmente, como cáe a noite. Apressa-te, pois quero ver o crepusculo sobre o teu rosto.

Como vens devagar!

Parece que te afundas na terra pesada. Se, neste momento, te detivesses, meu pulso pararia de angustia e eu, branca e hirta, ficaria.

Mas, vens... Vens cantando como os rios que descem pelo valle. Já te escuto...

Apressa-te! O dia que se vae quer morrer sobre as nossas cabeças unidas. — Gabriella Mistral.

...I C O S

noticias commovedoras, impressionantes...

— Bem, bem — disse Villemessant. — De amanhã em deante, passa a escrever editoriaes. Um homem de tanta imaginação merece ser auxiliado.

O RAIO BRANCO

Em Londres acaba de ser descoberto por um sabio investigador um "raio branco" que illumina de modo sufficiente os tecidos do corpo humano, muito facilitando o exame de um doente no começo do seu mal.

A POPULAÇÃO ALLEMÃ

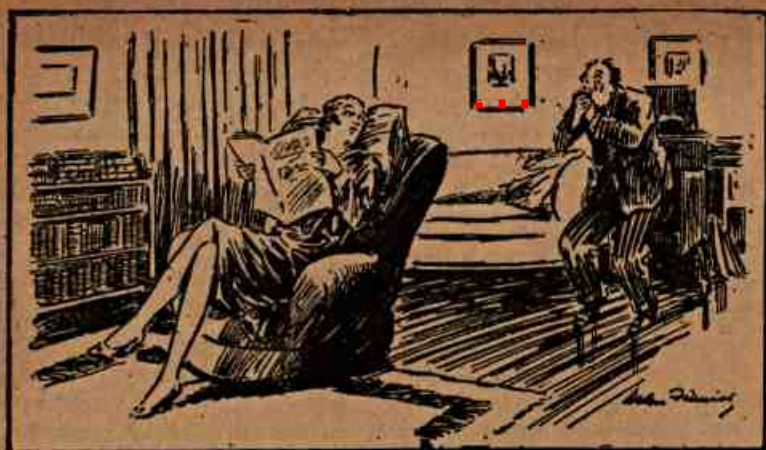
Segundo o professor Heinrich Hiertsiefer — ministro prussiano de Saude — aproxima-se o dia em que a população da Allemanha não só não augmentará, como principiará a diminuir.

"Se as actuaes condições — diz — continuarem a se desenvolver, não está longe o tempo em que a população allemã não augmentará e talvez diminúa. Os que se dedicam á estatistica calculam que, dentro de uma ou duas décadas, a nossa população não chegará a 60 milhões."

A actual população da Allemanha é de 65 milhões. E, de accordo com aquelle professor, a baixa que ameaça a população allemã manifestar-se-á mais agudamente entre 1940 e 1950, quando a geração nascida durante o periodo da guerra attinja a idade de ter filhos. O numero da referida população é anormalmente pequeno: de 34 grandes cidades prussianas, em 20 a mortalidade excedeu á natalidade durante o primeiro trimestre de 1929. O mesmo anno foi, no emtanto, excepcional com relação á mortalidade por causa da epidemia da grippe — mortalidade que foi 33 por 100 mais alta no periodo da epidemia que nos mezes correspondentes dos annos anteriores. Só em 1929 morreram de grippe sete vezes mais pessôas que em 1928.

DAME FRANÇAISE

Enseigne son idiome au domicile des éléves avec methode facile et rapide.

RUA VISCONDE PIRAJÁ, 260 - sobrado Telephone 7 - 2407

— Francamente, só por teres picado o dedo com uma agulha, não vejo razão para estares a cantar desta fórma.
— E' claro que tenho que cantar! Não vês que foi com uma agulha de victrola?

O Milagre

PAE Joaquim saca o cachimbo de barro, enche-o de diamba, põe o canudo dentro da meia garrafa quasi cheia de agua, deita uma braza no cachimbo, chupa a fumaça pela bocca do vaso de vidro e vae tragando-a e, por intervallos, vae tambem *chamando aos peitos* um trago da bôa que conduz num frasco bem arrolhado e bem escondido.

Quando dá por si, está afundado em bruta camoéca e, a fazer zigue-zagues, sae a caminhar pelas ruas de Caxias, provocando a algazarra dos piás que o vêem passar e o seguem para apreciar as suas momices, os seus gestos ridiculos.

Encontra novo par de cothurnos jogados á rua, calça-os e dahi a pouco, já bem perto da casa do senhor, a dôr põe-se-lhe nos pés; toma elle o geito dos quadrumanos e, a gritar e a dar pulos, chama a attenção do coronel (da briosa) Juca Pitombeira, chefe do partido liberal que está em cima, o qual, no momento, conversa na sala de visitas com o carcereiro da cadeia publica.

— Veja você... — diz, chegando á janella. — E' bôa!... Como está bebedo o meu escravo! E está cothurnado! Com certeza furtou os cothurnos!

— Qual é?

— O negro velho, o pae Joaquim!

— Cadeia nelle!

— E' isso mesmo! Apite e mande botál-o no tronco.

— A Mavi já lá está, desde hontem...

— Sim, interrompe-o o coronel Juca Pitombeira. Ando caipora nestes ultimos dias: Mavi fez o que fez... Joaquim, um escravo tão bom, apparece-me agora embriagado e dá para ladrão! Quer muito bem á outra e com certeza está desgostoso da vida! Quando cozinhar a carraspana, vou mandar surral-os juntos!

* * *

Botam o negro velho no tronco. Descalçam-lhe os pés. Estes sangram. Verificam então estarem os cothurnos cheios de pontas de pregos.

O par é do capitão (da briosa) Felisbino, homem genioso, neurasthenico. Quem no fez em Caxias foi o sapateiro mais burro do mundo e mais desgraçado da natureza, como vocifera Felisbino quando, a golpes de martello, não acha meios de minorar a agudeza das pontas das tachas, resolvendo, num accesso de raiva, jogar no meio da rua aquelle par de calçado!

Emtanto, pae Joaqum, para o coronel e para o carcereiro, furtara os cothurnos; não obstante seu protesto perseverante, até quando já livre da camoéca:

— *Nêgo véio num furtô! Nêgo véio achô!*

— Onde? — perguntam-lhe.

— *Num sê! Num mi lembrô! Mã... nêgo véio achô!*

— Vaes achar mas é chicote no lombo, seu sem-vergonha! — ruge o carcereiro.

— *Pude dá! Pude tirá côro di nêgo véio! Mã... num furtô!*

* * *

Acha-se agora pae Joaquim e a outra escrava na fazenda do coro-

FANDORINE

contra as doenças das senhoras

Hemorragias
Metrites
Obesidade
Fibromas
Menopausa

A FANDORINE augmenta a secreção dos seios em quantidade e qualidade prolongando esta importante funcção materna.

Depositarios exclusivos:
ANTONIO J. FERREIRA & CIA. — Uruguayana, 27

LEIAM **O Fim de Pardaillan**

o romance de Michel Zavaco
que sae ás Quartas - Feiras

(Lenda de Caxias do Maranhão)

nel, afim de serem ambos fustigados a correia.

Mavi, como lhe chama a familia Pitombeira, como lhe chamam os intimos de casa, e cujo nome é Maria Victoria, pretinha retinta de feições delicadas, nariz afilado, bocca pequena, dentes claros, corpo esguio, não dorme na senzala com os outros escravos; é crioula e mora no discreto lar para os serviços domesticos e é a enfermeira do senhor e da senhora.

Commette o delicto, o erro de ser enganada por alguem, cujo nome não declina, motivos pelos quaes vae ser barbaramente moida a latego. São severissimas as ordens do coronel, estando elle proprio bem certo da debil creatura não resistir á tunda.

A culpa, resmunga, é della; e num dar de hombros resume-se toda a tristeza do antigo chefe de familia, por ver desfeita a confiança depositada na creoulinha a quem já destinava habitual sympathia.

Está Mavi acoorrentada ao lado de pae Joaquim, aguardando o castigo. Vê tudo apprestado: o chicote de couro crú, tres tiras, nós nas pontas, e o negro robusto, já fôrro, indicado por outro fazendeiro para ser o algoz daquellas duas victimas, afim de não ter pena da escrava e do negro velho, que são muito estimados.

Nesse instante, percebe sagazmente as ordens dadas em segredo e com pressa; de medo sente calefrios; e, aproveitando ella a presença do coronel, profere o "louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo", pede-lhe a benção, pede-lhe perdão, appella para os bons sentimentos delle, a lembrar-lhe o seu estado.

Porém, o dono della fica ainda mais possuido de colera com os termos do appello e o seu coração nesse momento é apenas um agente principal da circulação do sangue e nada mais!

Escarnece da desgraçada e termina por dizer, com orgulho, que nem Deus, tomando-lhe a defesa, a salva do castigo!

Subito, escurece o céo de Caxias, *fecha o tempo*, simultaneamente estoura o trovão e parte o raio que arrebenta a corrente de ferro, solta a escrava e em acto continuo fulmina o orgulhoso coronel Juca Pitombeira.

Ella, muito afflicta:

— *Uôh!...* Pae Joaquim fez mandinga?

— *Pun!... Nuno zinhô nun drume! Milagne!*

Suspira a negrinha e pausadamente profere estas palavras, choramingando, esfregando os olhos:

— Era tão bom para mim... Coitado! Foi offender a Deus...

* * *

Por isso, nunca mais senhor algum, naquelle tempo, offende a Deus nem manda açoitar escravas no estado de Mavi. E ainda por isso, até hoje, ás vezes parecendo não haver copiosa electrização atmospherica, o céo de Caxias está claro; de repente fica tempestuoso e em seguimento se ouvem descargas formidaveis.

E' o milagre.

Hermino Lyra.

UM MARIDO MODELO — O marido, que foi victima de um atropelamento — Estás sempre a te queixar! Sou um marido modelo, e tu não o pódes negar! Não estou sem sahir de casa, á noite, ha mais de quinze dias?

Appr. D. N. S. P. em 21 de Abril 1927

Escriptores e Livros

HISTORIA, ARTE E CRITICA — Hélio Sodré — Rio — 1931 — 4$

ANNUNCIANDO o livro, e talvez prevenindo o espirito do leitor, o sr. Hélio Sodré, da Academia Literaria dos Moços da Bahia, distribue um cartão postal com a sua photographia, onde se lê: *o mais novo, o mais audaz e o mais desassombrado dos nossos escriptores*, no dizer do illustre critico Souza Carneiro.

Realmente, o autor é moço, e na sua obra sobejam traços de uma audacia propria dos verdes annos, audacia nem sempre recommendavel.

O sr. Hélio Sodré, tendo publicado em 1930 "Homens, Factos e Idéas", recebido *sem uma só critica desfavoravel*, sentiu-se animado a offerecer ao publico um segundo livro.

Não conheço a obra de estréa do joven bahiano, mas, pelo que acabo de ler, percebo que teria de discordar da critica unanime. E' um aborrecimento a gente ser sincero.

Porém, os *novos* só têm a lucrar quando lhes falamos sinceramente.

O sr. Hélio Sodré é um rapaz de talento, e de muita leitura. Mas, nota-se que essa *muita leitura* tem produzido uma grande confusão no seu espirito. Dahi o arrojo em pretender analysar e opinar sobre coisas que estão apenas ao alcance de culturas disciplinadas.

O autor affirma, por exemplo: "Quem foi Guerra Junqueiro? Um dos maiores poetas portuguezes... E por que? Justamente porque quando, ao produzir suas maravilhas, nunca se preoccupou com métricas..." Isto não é verdade. A métrica é o grande segredo da belleza da poesia de Guerra Junqueiro.

O verso delle não póde ser comprehendido pelos iniciados, a menos que não sejam genios... O poeta portuguez não só teve a preoccupação da métrica, como até impoz á poesia a *sua* maneira de accentuação. O verso de nove syllabas, de Junqueiro, é typico.

O assumpto dá quasi para um *tratado*...

Adeante, fazendo o elogio de Silva Ramos, escreve: "Sua intelligencia não se resumiu em discutir si Brasil se deve escrever com Z e não com S, e outras mil ridicularias."

De maneira que, para o autor, a discussão da graphia do nome do nosso paiz está incluida no ról das mil ridicularias... dos que se preoccupam com o estudo da lingua!

O livro está eivado de erros de linguagem, imperdoaveis, mas, na ultima pagina, apparece o aviso de que o mesmo foi impresso longe das vistas do autor, ficando assim entregue á correcção dos leitores...

A reticencia não é minha; consta da nota.

Os revisores descuidados deviam ser enforcados na praça publica, pelo mal que fazem a uma certa casta de escriptores.

Como, entretanto, o sr. Hélio Moniz é um joven de talento, tenho a esperança de futuramente inscrever-me entre os seus incondicionaes admiradores, o que depende exclusivamente da sua pessôa.

FRÉDERIC Paulhan, autor de varias obras de psychologia: *La Morale de l'ironie*, *L'Esthétique du paysage*, *Le Mensonge du monde*, *Le Mensonge de l'Art*, *Les Mensonges du caractère*, *La Logique de la contradiction*, *L'Activité mentale et les éléments de l'esprit*, acaba de fallecer aos 74 annos de idade.

MAURICE Pottecher conquistou o premio de literatura regional distribuido pela *Fundação Lucien-Graux*, de Paris.

MISS TERIA é o novo romance policial de Marcel Allain.

Bulcão Junior — RELAMPEJOS DE CRITICA — Nova Graphica — Bahia 1931

O autor abre o volume com estas palavras: "Este é o meu livro de estréa. O primeiro fructo de minha intelligencia. Um fructo agreste na verdade. Porém, ás vezes, nos fructos agrestes se occultam os sabores mais deliciosos... Dei a este livro um titulo original — *Relampejos de critica*.

Os preoccupadores de titulos de livros terão, portanto, o que fazer — falar da esquisitice do seu autor em dar ao seu livro um titulo original, esquisito... *Relampejos de critica* aqui está. Entrego-o aos competentes. Uma coisa, tão somente, lhes recommendo — critiquem o meu livro como sempre me preoccupei em criticar os livros dos outros — com isenção de animo.

Assim terão cumprido a missão nobre e sublime do critico. E' só."

Percebe-se que o autor, quando escreveu as palavras acima, estava tomado da emoção da estréa... Criticar um *critico*, não é coisa que se recommende.

Os criticos, porque são criticos, devem saber como, e o que escrevem...

O livro poderia ter apparecido sem as *Duas palavras* do autor. O sr. Bulcão Junior é uma intelligencia viva, bem bahiana. A sua cultura *relampeja* através das paginas do livro.

Sente-se perfeitamente a sua capacidade para largos vôos. E' o que pensamos a respeito do autor, embora fóra do rol dos criticos *competentes*.

Agora, quanto ao titulo... Saiba o autor que o titulo tem uma alta importancia, para o livro.

E' como si fosse uma taboleta vistosa para uma casa commercial, ou a *toilette* para uma mulher que sáe á rua com a preoccupação de conquistar o alheio...

Muitas vezes, por causa do titulo, deixamos de adquirir um livro. Nós temos obrigação de não sermos *esquisitos*, até mesmo nos titulos dos livros...

E só ganhamos com isto.

Pelo titulo, não teriamos aberto o volume.

Porém, a nossa missão é ler e escrever...

O sr. Bulcão Junior foi lido com agrado, e só depois da leitura, resolvemos esquecer o titulo do livro.

MUCIO Leão, que neste anno publicou o romance *O premio da pureza*, annuncia um segundo livro do mesmo genero: *O amigo João Chrysostomo*.

MAURA de Senna Pereira, a mais bella expressão da mentalidade nova da terra catharinense, prepara actualmente o seu primeiro livro *Cantaro de ternura*.

VEIGA Lima annuncia para breve o romance *Veneno interior*.

ON M'A VOLE' MON AMOUR — Uma decepção sentimental serve de objecto para o romance de mme. Claude Chauvière. Titulo demasiadamente suggestivo para um livro singularmente desinteressante.

COM a idade de 64 annos, morreu em Londres, Arnold Bennett, um dos maiores romancistas inglezes da actualidade.

LE SERGENT VALENTIN é o ultimo livro de Henri Bachelin, que já escreveu mais de trinta romances.

Mario Poppe

VERSAILLES — Por Dilke de Barbosa Rodrigues

VERSAILLES, joia incrustada nos bosques de França! Versailles, poema da realidade, onde a cada passo, como uma rima primorosa, surge um vulto dos reinados que a poeira dos tempos não encobrirá jamais!

Versailles, sonho de amor que os reis sonharam! Quadro immortal de belleza e côr de uma época que se esvaiu! Verso azul de França! Noite de maio eterna! Sonata de Beethoven! Luar de sonho!

Palacio do romance! Nos salões... Luiz XV! O minueto! A valsa! Punhos de rendas que entrelaçam cinturas de libellulas. Mãos que dedilham harpas, feitas de petalas de rosas. Galanteios floridos e o sorriso brejeiro das formosas cabeças empoadas. Reverencias. Crystaes e luzes. Sons de musica que vão morrer no gorgeio discreto de um osculo, no jardim. E então, surge, aqui, um duelo.

Ahi, a carruagem doirada... a fuga... E as fontes que soluçam na indifferença do luar. Escrinio do amor — Versailles!

Patria da belleza e da serenidade!

Oh! não! Versailles tem uma historia sangrenta sob o somno augusto do passado. Maria Antonietta. Tão bôa e linda! Calumniada! Levaram-na, um dia, de seu palacio e a sua cabeça, loura como as espigas maduras, rolou do cepo á cesta. Como é triste, como é triste a "historia de fadas" das princezas e dos principes reaes!

Versailles seria uma "faubourg" de Paris commum, si não possuisse o trecho-joia que o "Rei-Sol" iniciou e que Luiz XV, o rei do esplendor social acabou de construir. — O palacio branco riquissimo, o Petit e Grand Trianon, as casas de caça, o Templo do Amor, o parque maravilhoso, delineado e ajardinado com uma concepção admiravel; as fontes de grande belleza, a floresta encantada.

Sombra de um passado esplendoroso o palacio dos portões azul e oiro dos antigos reis, magestoso, silencioso, espreita a civilização, revivendo, na lembrança, no enlevo dos olhos do "touriste", a historia triste dos que foram seus senhores — aquelles que foram odiados, mas deixaram aos francezes, seus irmãos, entre outros, este primor — Versailles, maravilhosa eloquencia dos tempos!

(De "Impressões de Viagem" 1.ª parte: "Europa")

EXCELLENTE PARA CONVALESCENTES

Alimentos bons e adequados são os mais necessarios aos que estão em convalescença E' o melhor meio para rapidamente recuperarem suas forças e energias.

A Maizena Duryea occupa um inestimavel logar na dieta dos doentes e convalescentes, quer crianças ou adultos. E' nutritiva, fortificante e deliciosa ao paladar.

Existem innumeras sopas, saladas e môlhos que são muito melhores quando preparados com Maizena Duryea.

Enviaremos gratis o famoso livro de receitas Maizena Duryea. Remetta-nos o coupon.

MAIZENA DURYEA

Refinações de Milho, Brazil S. A.
Caixa Postal 2972 — São Paulo
Remetta-me GRATIS seu livro de cozinha 30
311
Nome ....
Rua ....
Cidade ....

LEIAM O ROMANCE DE "FON-FON"

"O FIM DE PARDAILLAN"

Em fasciculos semanaes. Acha-se á venda nos principaes pontos de jornaes

O DESAPPARECIMENTO DO CAMPEÃO

(Continuação do numero anterior)

— E' inutil. Como o papel é delgadissimo as letras ver-se-ão melhor por transparencia. Olhe: e mostrando-nos o papel contra a luz da janella, lemos as seguintes palavras:

Fique junto de nós pelo amor de Deus!

Esta phrase é a ultima da resposta ao telegramma. Faltam seis palavras que tinha a mais. As que obtivemos parece indicarem que o joven Staunton se sentia ameaçado de um perigo terrivel e imminente, e que a pessôa, a quem o telegramma foi mandado, era a unica que podia valer-lhe. O texto diz: "junto de nós" e não junto de mim. Ha portanto, pelo menos, duas pessôas. Quem poderá ser a outra? Ha todas as probabilidades de que seja o homem das barbas. A agitação em que o porteiro o viu lá em baixo, no vestibulo, confirma esta hypothese. Que mysterioso laço prende esse desconhecido a Staunton? E quem virá a ser essa terceira pessôa, a que Staunton implora com afflicção soccorro? Não sei. Uma coisa, porém conseguimos obter e é a delimitação do objecto das nossas pesquizas.

— O primeiro passo, disse eu, será sabermos a quem o telegramma foi dirigido. Não é assim, Sherlock.

— Sim. E'. Note, porém, meu caro Watson, que se nós nos dirigirmos directamente á estação telegraphica e pedirmos que nos mostrem o original do telegramma recebido e da resposta enviada, ficaremos na mesma ignorancia em que estamos. Os empregados são, como sabe, cheios de formalidades... Comtudo, com um bocado de habilidade a coisa ha de averiguar-se. Antes disso vou dar uma vista de olhos aos papeis que ficaram nesta secretária.

Staunton tinha deixado em cima della uma volumosa porção de cartas e de facturas. Sherlock examinou tudo com uma concentrada attenção.

— Nada mais temos a fazer aqui, concluiu elle. E, voltando-se para Cyrillo Overton, accrescentou:

— O seu amigo era saudavel?

— Forte como um touro, informou-lhe o athleta.

— Sabe se elle esteve doente alguma vez?

— Nunca lhe notei nem desses leves incommodos de umas horas ou de um dia, a que nem os mais fortes organismos escapam. Apenas uma vez ficou quatro horas de cama com uma pequena arranhadura num joelho, arranjada num dos nossos divertimentos de sport. A cura foi rapidissima.

— Talvez que a saude delle não seja tanta como lhe parece. O seu amigo tinha provavelmente algum desgosto intimo. Autoriza-me a que leve commigo varios destes papeis? Podem talvez tornar-se-nos uteis.

— Com que direito se apossam de papeis que lhes não pertencem?, perguntou uma voz do lado.

Voltamo-nos surprehendidos e demos de cara com um homemzinho edoso e de aspecto extravagante, que surgira como uma apparição magica, á porta do quarto. Vestia um fato que fôra preto, mas que, por desbotado, puxava agora para vermelho. Trazia na cabeça um chapéo alto, de pello eriçado e abas desmedidamente largas. Ao pescoço, via-se-lhe uma gravata branca, posta em laço. Inculcava ser clerigo provinciano ou, talvez mais certo, empregado de uma dessas agencias funerarias.

Apesar do seu aspecto quasi miseravel, a voz com que nos falára tinha um tom autoritario e a sua attitude revelava uma energia que impunha respeito.

— Quem é o senhor para se atrever a levar, assim, papeis que pertencem a Staunton? perguntou o velho.

— Sou um detective, que procura saber o destino de uma pessôa desapparecida. E' certo que não faço parte da policia official. Fui, não obstante, indicado para este serviço por um funccionario superior da segurança de Londres.

— Sim?!!... E quem o incumbiu dessa missão?

— Este senhor, responde Sherlock, indicando o athleta.

— E este senhor quem é?

— Chamo-me Cyrillo Overton.

— Cyrillo Overton... Foi então o senhor que me mandou um telegramma? Eu sou lord Mount-James e parti logo que recebi a sua communicação. Pelo que vejo incumbiu já um detective de averiguar a causa do desapparecimento de Staunton.

— Sim, senhor.

— E está disposto a pagar as despesas que essa averiguação acarreta?

— Adeantal-as-ei da melhor vontade. Logo que Godfrey Staunton seja encontrado, certamente me reembolsará.

— E se não tornar a apparecer?

— Nesse caso, nenhuma duvida tenho de que a familia...

— Nada disso! Nada disso! exclamou irritadamente o lord. Desde já lhe declaro que não dou nem um schilling.

— Ouviu, senhor detective, continuou o velho, voltando-se para Sherlock. Nem um schilling! Staunton não tem outro parente além de mim; e eu, repito, não pago coisa alguma. Se elle vier a ser senhor de uma fortuna, á minha economia ha de devel-a. Nunca até agora desperdicei dinheiro inutilmente e não estou disposto a alterar essa bôa norma de vida. Quanto aos papeis que o senhor detective examinou, previno-o de que o torno responsavel por elles, no caso de conterem valores.

— Está muito bem, respondeu Sherlock. E accrescentou: Autoriza-me a perguntar-lhe se conhece alguns motivos que expliquem esta mysteriosa desapparição?

— Não sei absolutamente nada. O meu parente tem já edade mais que sufficiente para saber conduzir-se. Se é tão tolo que se deixasse perder, eu nada tenho com isso. A responsabilidade pecuniaria das investigações ficará a cargo de quem lh'a encommendou.

— E' inutil insistir acerca do pagamento, fique descançado. Comprehendi perfeitamente. Lord James é que me não comprehendeu a mim talvez, objectou Holmes com um sorrisinho malicioso. Godfrey Staunton não é rapaz de fortuna; se pois lhe deitaram a mão, não foi por certo para o roubarem a elle.

RETARDAR O TRATAMENTO DA IMPUREZA DO SANGUE É SEMPRE UM PERIGO!

Mocidade! Meditae bem sobre estas sabias palavras, que encerram uma grande verdade! Si tiverdes o sangue impuro, nada de protelações! Deveis immediatamente recorrer ao

LUESOL

de SOUZA SOARES

cujo uso afastará para sempre o perigo que vos ameaça!

A' venda nas drogarias e pharmacias.

(Sherlock Holmes) — Por Conan Doyle

A soberba fortuna de Lord James é notoriamente conhecida. Torna-se, portanto, muito provavel que alguma quadrilha de ladrões se apoderasse de seu sobrinho com o intuito de o coagir, pela violencia, a prestar-lhe esclarecimento acerca das riquezas e dos habitos de vida do tio. Imagine, por exemplo, que esses ladrões necessitavam de uma planta do palacio em que Lord James habita e que, para supprirem esta falha, se lembraram de sequestrar o sr. Godfrey para o violentarem a desenhar-lhes essa planta...

O avarento, a estas palavras, fez-se pallido como a cêra.

— Que idéa, santo Deus! Isso é lá possivel?! E' lá possivel?! Nunca me passou pela cabeça semelhante idéa. Ao que póde descer a malvadez humana! Ah! Godfrey é um rapaz bondoso e honrado. Decerto não descerá á villania de trahir o seu velho tio! Por precaução vou depositar num banco todo o meu dinheiro esta mesma tarde e espero, senhor detective, que não abandone o assumpto. Empregue todos os seus bons esforços para salvar o meu parente. Quanto aos seus honorarios... dar-lhe-ei cinco libras. Póde até alargar a conta até... dez.

Como o sumitego do Lord nenhum esclarecimento apreciavel podia dar-nos, visto que desconhecia por completo a vida intima do sobrinho, despedimo-nos. Cyrillo deixou-nos tambem, para ir conferenciar com o seu grupo de foot-ball a respeito da desgraça que succedera. Ficamos pois sosinhos em campo, Sherlock e eu. O primeiro élo dos acontecimentos já o meu amigo o possuia. Precisavamos achar o segundo.

A pouca distancia do hotel, havia uma estação telegraphica. Dirigimo-nos para lá.

— E' preciso tentar, disse-me Holmes. Se nós tivessemos uma requisição regularisada, poderiamos obter facilmente o original, ou, pelo menos, a copia completa do telegramma, mas, como essa hypothese se não dá, temos que enveredar por outro caminho. Esta estação é bastante frequentada pelo publico, a toda a hora; e os seus empregados não tem tempo nem ensejo para fixarem as physionomias. E fiado nisso que vou fazer uma experiencia. Ao acabar de communicar-me este raciocinio, dirigiu-se ao postigo de serviço.

— Desculpe-me a impertinencia, disse elle á empregada, num tom de voz affectuoso. Deve ter havido engano num telegramma que transmitti hontem. Parece-me que me esqueceu assignal-o, porque ainda não recebi a resposta. Obsequiava-me immensamente se tivesse a bondade de verificar.

A empregada pegou num masso de papeis e perguntou:

— A que horas deu o telegramma entrada?

— Proximo das seis.

— E a quem era dirigido?

Holmes deitou o rabo de olho para mim e dando mostras de não querer que eu o ouvisse, murmurou num tom confidencial:

— As ultimas palavras eram: "pelo amor de Deus". Estou devéras sobresaltado com a falta de resposta.

A rapariga, depois de procurar um pouco, disse:

— Aqui está. Effectivamente, falta-lhe a assignatura. E pousou o despacho no rebordo do postigo.

— Por isso eu não recebi resposta! exclamou. Que distracção a minha! Bom dia, minha senhora. Muito obrigado pelo seu obsequio.

Emquanto proferia estas palavras, passou rapidamente os olhos pelo papel e inteirou-se do texto.

Quando chegamos á rua, esfregou as mãos, radiante.

— Então? inquiri eu.

— Isto vae bem, Watson... Vae muito bem... Eu tinha engendrado sete maneiras differentes para conseguir saber o texto do telegramma. Não contava, porém, que logo a primeira me désse resultado.

— Mas afinal a que conclusão chegou você com a leitura de todo o texto?

— Obtive um ponto de partida para as nossas pesquizas.

Sherlock fez signal a um carro que passava. Subimos os dois para elle.

— Cocheiro! Leve-nos para a estação de Line Cross.

— O que? Vamos sahir de Londres? interroguei.

— Vamos tomar o comboio para Cambridge.

Emquanto o carro subia Grays'Inn Road, voltei-me para Sherlock e perguntei-lhe á queima-roupa:

— Quaes lhe parecem que sejam os motivos do desapparecimento do rapaz? Pelo que me diz respeito, confesso francamente que é este um dos assumptos mais embrulhados em que o tenho visto envolvido. Está convencido a sério, de que Staunton fosse raptado para alcançarem delle informações a respeito do tio?

— Essa hypothese é a menos provavel de quantas me têem lembrado. Se a aventei, foi porque me pareceu a mais propria para remover a resistente attitude do velho lord.

— Está bem. Mas qual é a presumpção a que mais se inclina?

— A nenhuma, em especial, por ora. Pódem terse dado causas variadissimas. Em primeiro logar, póde ser um mero acaso o facto do desapparecimento de Staunton coincidir exactamente com a vespera do desafio do "foot-ball". Póde ser uma coincidencia casual; mas note você, que apesar dos desafios entre amadores não deram margem ás apostas, com approvação official, que se fazem, por exemplo, nas corridas, certo é que essas apostas se fazem particularmente e que montam a sommas avultadas. E' então possivel que haja quem tenha interesse em evitar que Godfrey entre no desafio. Não é sabido que, em vesperas de corridas, têem sido roubados cavallos inscriptos para ellas!

Outra hypothese é esta: Staunton não dispõe actualmente de fortuna, mas ha de vir, mais tarde, a ser senhor de uma riqueza colossal. Raptal-o-iam com o fim de o conservarem em sequestro até á morte do tio, para depois lhe darem liberdade a troco de uma elevada somma?...

— Essas supposições, perguntei, harmonisam-se com o texto do telegramma?

(Continúa na pagina seguinte)

— O telegramma é a unica base solida em que as nossas investigações podem assentar. E é por eu conhecer o texto delle que nós vamos tomar o caminho de ferro para Cambridge. A pista que seguimos é vaga e incerta ainda. Tenho, porém, quasi a certeza de que daqui a poucas horas as nossas pesquizas hão de estar muito mais adeantadas.

* * *

Era noite fechada quando nos apeámos na velha cidade universitaria. Holmes, ao sahirmos da estação, tomou um carro e deu ao cocheiro o endereço do dr. Leslie Armstrong. Pouco tempo decorrido, parámos em frente de um amplo predio situado numa das melhores ruas de Cambridge. Entramos, e depois de uma longa espera numa ante-sala, fomos conduzidos ao gabinete de consultas.

O dr. Leslie Armstrong estava sentado a uma secretária. Aquelle nome era-me inteiramente desconhecido. Presentemente, sei, porém, que pertence a um dos membros mais altamente cotados da faculdade de medicina de Cambridge, a um homem cuja reputação se tornou européa. Mesmo desconhecendo o seu prestigio scientifico, sente-se ao vel-o, uma impressão inolvidavel. E' uma figura macissa, de face quadrada, olhos fundos, supercilios espessos e bocca de linhas imperiosas. Vê-se nelle a sciencia jungida a uma vida severa e ascetica, a um caracter glacial e triste. Tinha na mão o cartão de visita de Holmes e cumprimentou-nos friamente quando nos acercámos delle.

— Tenho ouvido differentes vezes falar no seu nome, sr. Sherlock Holmes. Sei qual é a profissão que exerce e não sympathiso nada com ella.

— Nesse ponto, o sr. dr. está de accôrdo com todos os criminosos de Inglaterra, objectou serenamente o meu amigo.

— Quando o senhor se limita a evitar ou a punir um crime, os seus esforços tornam-se dignos da sympathia geral; ainda que para esses fins haja uma policia official... Mas a profissão a que o senhor se dedica está sob a alçada da critica quando no exercicio della se desvendam segredos particularissimos e que pertencem apenas á vida intima das familias, quando, como agora, dsperdiça inutilmente o tempo a pessôas cujas occupações são superiores ás dos detectives. Em logar de estar aqui a conversar com os senhores, deveria estar trabalhando numa obra scientifica que trago entre mãos.

— E' possivel, doutor, que a nossa vinda lhe esteja roubando um tempo precioso. Deixe-me acrescentar, comtudo, que os meus trabalhos têem por fim exactamente o contrario daquillo que o senhor com tanta aspereza censura. Procuro sempre evitar que o publico se torne conhecedor dos assumptos que me são confiados, e o sigillo delles seria impossivel de manter quando incumbidos á policia official. Mas vamos ao motivo que aqui me trouxe. O sr. Godfrey Staunton desappareceu subitamente de Londres e venho pedir-lhe o obsequio de me prestar algumas informações a respeito desse senhor.

— Staunton desappareceu?

— Sim, senhor. Deixou o hotel na noite passada e desde então ninguem mais o tornou a ver.

— Isso não quer dizer que não volte.

— Mas é amanhã o desafio ao "foot-ball" da Universidade.

— Esses jogos de rapazes nenhum interesse me despertam. Por Godfrey Staunton, sim por esse tenho a maior affeição e lamentaria qualquer contrariedade que tivesse. Pelo que respeita ao desafio, repito, tanto se me dá, como se me deu...

— Pois bem. Eu appello para essa sympathia que acaba de manifestar por Staunton. Sabe onde elle está?

— Não sei.

— Então não o tornou a ver, desde hontem?

— Não.

— Godfrey é pessôa saudavel?

— Muito.

— Nunca lhe prestou serviços clinicos?

— Nunca.

Holmes mostrou ao doutor um papel que tirou da carteira.

— Nesse caso como se explica este recibo de trezentos guinéos, que Godfrey Staunton lhe pagou no mez passado?

Um vermilhadão de colera espalhou-se pela face do medico.

— Quanto a esse recibo, nada me obriga a dar-lhe explicações, sr. Holmes.

— Se o doutor em vez de proporcionar os esclarecimentos que lhe peço, acha preferivel ter, mais tarde, de prestal-os publicamente, seja feita a sua vontade. Já tive a honra de lhe dizer que me prezo de ser discreto. A policia official, essa é que não póde evitar o resultado das suas investigações, sobre assumptos desta natureza, appareçam á luz do sol. E' portanto preferivel que o sr. doutor confie em mim.

O meu amigo arrecadou o documento que mostrou ao medico e continuou:

— Sr. doutor, recebeu de Londres alguma noticia de Staunton?

— Nenhuma.

— Ora veja que bella organização é esta dos nossos telegraphos... Tenho a certeza que Godfrey lhe mandou um telegramma com a nota de urgente ás 6 horas e 15 minutos da tarde de hontem. Esse telegramma tem as mais intimas relações com o desapparecimento do rapaz e o sr. doutor não o recebeu! Lindo serviço, não ha duvida... Vou daqui direito ao telegrapho fazer uma reclamação energica.

O dr. Leslite ergueu-se irritadissimo.

(Continúa no proximo numero)

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno .... 48$000
Semestre ...... 25$000
Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000
As assignaturas terminam e começam em qualquer mez
Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON - FON
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barrozo — THESOUREIRO: Gyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Director: 2 - 0377 — Administração: 2 - 4136 — Caixa Postal 97
RIO DE JANEIRO

EMPRESA FON-FON e SELECTA S. A.
Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1431
Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

DÓR?

GUARAINA

INSTITUTO DE UROLOGIA DO RIO DE JANEIRO

DIRECTOR
Dr. EDSON AMARAL

Tratamento das doenças das VIAS URINARIAS (estreitamentos, cystites, prostatite, inflammação do utero e ovarios), pela DIATHERMIA, ALTA-FREQUENCIA, RAIOS INFRA-VERMELHO, ULTRA-VIOLETA.

Cura da impotencia — Plastica dos seios e dos orgãos genito-urinarios — Manchas e signaes da face.

Sala de endoscopia e ultra-violeta.

O Instituto devolverá a importancia paga se não conseguir a cura radical.

RUA BUENOS AIRES, 85, IV andar — T. 4 - 2087

Das 10 ás 20 horas

Domingos e feriados, das 11 ás 14 horas

EM MUITOS CASOS DE SYPHILIS PAPULOSAS!

Attesto ter observado bons resultados do

ELIXIR DE NOGUEIRA

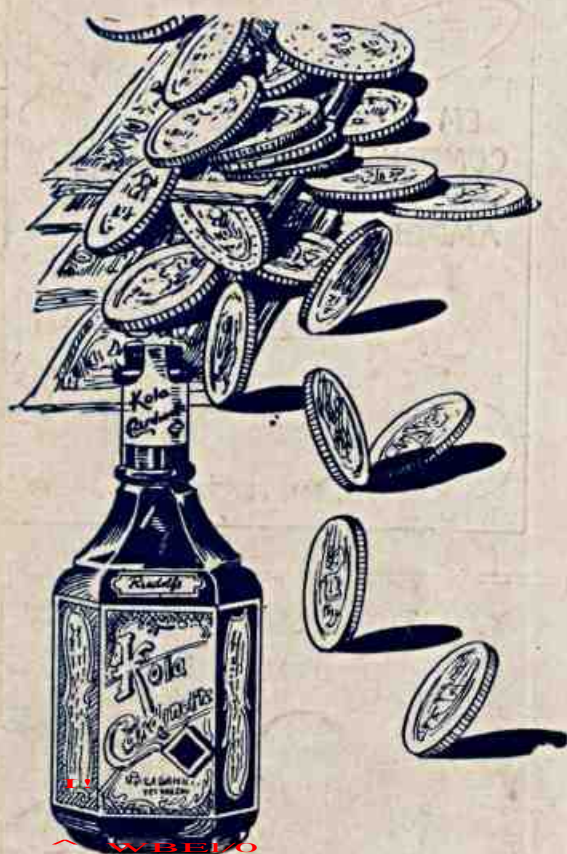
em muitos casos de syphilis papulosas (periodo secundario da syphilis) pelo que considero um bom medicamento.

Fortaleza, 23 de Setembro de 1911.

Dr. Manoelito Moreira.

Medico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Inspector da Saude dos Portos do Ceará.

A MAIOR FORTUNA DO MUNDO. . .

S A Ú D E

Della depende toda a felicidade na terra mas sem ella — quão triste é a vida?...
Todos têm uma obrigação contrahida para comsigo mesmo, sua familia e seus entequeridos: velar pela saúde.

KOLA CARDINETTE é actualmente mais poderoso tonico do corpo humano. Devido á sua feliz composição, **KOLA CARDINETTE** enriquece o sangue, fortifi os musculos, regulariza o funccionamento organico e acalma os nervos.

KOLA CARDINETTE é o tonico que os medicos mais receitam para os casos de Debilidade physica e nervosa neurasthenia — dispepsia atonica, etc.

A venda em todos as bôas pharmacias e drogarias.

Kola Cardinette

UNICOS CONCESSIONARIOS:

Rio — PAUL J. CHRISTOPH COMPANY — S. Paulo